

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
ESTUDOS DA LINGUAGEM
ANÁLISES TEXTUAIS, DISCURSIVAS E ENUNCIATIVAS**

EZEQUIEL NUNES PIRES

**DE ESQUINA EM ESQUINA, O QUE SE ILUMINA: O DISCURSO DE
MILITÂNCIA DA HOMOSSEXUALIDADE NO *LAMPIÃO***

PORTO ALEGRE

2022

EZEQUIEL NUNES PIRES

**DE ESQUINA EM ESQUINA, O QUE SE ILUMINA: O DISCURSO DE
MILITÂNCIA DA HOMOSSEXUALIDADE NO *LAMPIÃO***

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Profa. Dra. Solange Mittmann

PORTO ALEGRE

2022

CIP - Catalogação na Publicação

Pires, Ezequiel Nunes

De esquina em esquina, o que se ilumina: o discurso
de militância da homossexualidade no Lamião /
Ezequiel Nunes Pires. -- 2022.

144 f.

Orientadora: Solange Mittmann.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, , Porto Alegre, BR-RS, 2022.

1. Análise do Discurso Francesa. 2. Jornal Lamião
da Esquina. 3. Imprensa Alternativa. 4. Cartas de
Leitores. 5. Homossexualidade e Militância. I.
Mittmann, Solange, orient. II. Título.

Ezequiel Nunes Pires

**DE ESQUINA EM ESQUINA, O QUE SE ILUMINA: O DISCURSO DE
MILITÂNCIA DA HOMOSSEXUALIDADE NO *LAMPIÃO***

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Porto Alegre, 24 de fevereiro de 2022.

Resultado: Aprovado.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Alexandre Sebastião Ferrari Soares
Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)

Profa. Dra. Silmara Cristina Dela da Silva
Universidade Federal Fluminense (UFF)

Profa. Dra. Thais Helena Furtado
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Profa. Dra. Solange Mittmann - Orientadora
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, professora Solange Mittmann, por todo o tempo investido em mim e no meu trabalho. É um prazer me dizer seu orientando.

Aos docentes, Luiza Milano, Dóris Fiss, Fábio Ramos, Luciene Jung e Daniel Kveller, pelos aprendizados em cada disciplina ofertada.

À banca, professor Alexandre Soares, professora Silmara Dela-Silva e professora Thais Furtado, por aceitarem o convite para enriquecer esta dissertação e a minha formação.

À UFRGS e ao PPG Letras, pela infraestrutura, pelos serviços prestados e pelo auxílio financeiro para participação em eventos.

À CAPES, pela bolsa concedida.

Às colegas de orientação pelo carinho e parcerias firmadas, às amigas pelas confidências e suporte. A vocês, obrigado pela companhia e momentos alegres, Vicente, Júlio, Valéria, Carla, Bruna, Caroline, Karen, Natally, Vitória e Jaqueline.

Ao Anderson, pelos sentidos.

*Estou procurando.
Estou procurando.
Estou tentando entender
O que é que tem em mim
que tanto incomoda você?*

(Linn da quebrada – Submissa do 7º dia)

RESUMO

Esta dissertação, construída no âmbito da Análise do Discurso sob legado de Michel Pêcheux, propõe uma trilha teórico-analítica sobre o discurso de militância da homossexualidade no período de instauração do Movimento Gay Brasileiro (MVB). Para isso, organizou-se um arquivo com diferentes documentos jornalísticos sobre esse campo de saber: matérias de diferentes periódicos que refletissem o momento anterior (1977) à inauguração do *Lampião da Esquina* e, do primeiro ano de funcionamento do jornal (1978 - 1979), textos editoriais, como também cartas dos leitores e respostas da equipe editorial para essas. O percurso de análise constituiu-se de duas partes. Primeiramente, textos da *Folha de São Paulo*, *Isto É*, *Veja* e *Manchete*, entendidos como grande imprensa, deram pistas do discurso sobre a homossexualidade e os homossexuais, como também a influência internacional no movimento brasileiro que se organizava. Em um batimento com textos do *Lampião* (imprensa gay), então, compreendeu-se como a exterioridade constitutiva, o discurso outro, se fez presente no funcionamento discursivo do jornal - esse sendo negado e a proposição de uma diferente afirmação sendo realizada. Em seguida, com textos do *Lampião* e algumas sequências discursivas (SDs) das cartas de leitores, investigou-se sobre a interlocução entre os diferentes lugares discursivos na seção *Cartas na Mesa*. Para isso, mobilizou-se SDs que, pelo funcionamento discursivo da negação e da negação pela afirmação, determinaram as fronteiras da formação discursiva do discurso em análise. Determinou-se, dessa forma, a Formação Discursiva de Afirmação da Homossexualidade (FD-AH). Na segunda parte, 10 cartas e suas respectivas respostas constituíram o *corpus* empírico, das quais foram recortadas e analisadas, como corpus discursivo, SDs que caracterizaram a forma-sujeito e as posições-sujeito da FD-AH, compreendendo como as diferentes posições tensionam a forma-sujeito para (re)atualizar saberes da FD. Analisou-se, ainda, como as cartas surgem como recurso jornalístico pedagógico militante, tendo em vista os efeitos-leitor aliado e aprendiz que a equipe constrói pelo funcionamento do discurso pedagógico, que questiona e rebate os ditos do sujeito-leitor, como também didatiza o que deve ser dito no âmbito do discurso de militância da homossexualidade. Acerca da categoria de sujeito, a partir da noção de lugar discursivo, foram considerados os lugares de sujeito leitor-missivista e sujeito jornalista-pedagógico, colocando em pauta, a partir das posições-sujeito comportadas nesses lugares discursivos, o que se diz, na forma de afirmação ou de negação, sobre a homossexualidade. Por fim, tomando como ponto de partida o tensionamento entre atualização e resignificação de termos, consideraram-se as discussões teóricas sobre linguagem politicamente correta, o discurso de ódio e a performatividade da linguagem, concluindo que, para além de ensinar sobre o que deve ser dito, é preciso considerar um funcionamento da linguagem que possibilite a transformação social no que tange os temas relacionados à diversidade sexual e de gênero.

Palavras-chave: Análise do Discurso Francesa. Jornal *Lampião da Esquina*. Imprensa Alternativa. Cartas de Leitores. Homossexualidade e Militância.

ABSTRACT

This master thesis, built within the scope of Discourse Analysis, under the legacy of Michel Pêcheux, proposes a theoretical-analytic path on the militancy discourse of homosexuality in the period of establishment of the Brazilian Gay Movement. In order to do so, an archive was organized with different journalistic documents about this field of knowledge: articles from different periodicals that reflect the moment before (1977) the inauguration of *Lampião da Esquina* and, from the first year of the newspaper operation (1978 - 1979), editorial texts, as well as letters from readers and its responses from the editorial staff. The course of analysis, therefore, consisted of two parts. First, texts from *Folha de São Paulo*, *Isto É*, *Veja* and *Manchete*, which are understood as the traditional press, gave clues to the discourse about homosexuality and homosexuals, as well as the international influence on the Brazilian movement that was being organized. In a clash with texts from *Lampião* (gay press), then, it was understood how the constitutive exteriority, the other discourse, was present in the discursive functioning of the newspaper - this being denied and the proposition of a different affirmation being carried out. Then, with texts by *Lampião* and some discursive sequences (DS) from readers' letters, the interlocution between the different discursive places in the *Cartas na Mesa* newspaper's section was investigated. For this purpose, DS were mobilized which, through discursive functioning of negation and negation by affirmation, determined the boundaries of the discursive formation (DF) of the discourse under analysis. Thus, the Discursive Formation of Affirmation of Homosexuality (FD-AH) was determined. In the second part, 10 letters and their respective answers constituted the empirical *corpus*, from which DS that characterized the subject-form and the subject-positions of the FD-AH were selected and analyzed as discursive *corpus*, understanding how the different positions tension the subject-form to (re)update DF's knowledge. It was also analyzed how the letters emerge as a militant pedagogical journalistic resource, in view of the ally and learner reader-effects that the team builds through the functioning of the pedagogical discourse, which questions and refutes the subject-reader's sayings, as well as didactics what should be said in the context of the militancy discourse of homosexuality. Regarding the category of subject, based on the notion of discursive place, the places of reader-missivist subject and journalist-pedagogical subject were considered, putting on the agenda, from the subject-positions contained in these discursive places, what is said, in the form of affirmation or denial, about homosexuality. Finally, taking as a starting point the tension between updating and resignifying terms, theoretical discussions about politically correct language, hate speech and the performativity of language were considered, concluding that, in addition to teaching about what should be said, it is necessary to consider a functioning of language that enables social transformation in terms of issues related to sexual and gender diversity.

Keywords: French Discourse Analysis. Newspaper *Lampião da Esquina*. Alternative Press. Readers' Letters. Homosexuality and Militancy.

RÉSUMÉ

Cette thèse, construite dans le cadre de l'Analyse du Discours sous l'héritage de Michel Pêcheux, propose un parcours théorico-analytique sur le discours militant de l'homosexualité dans la période d'implantation du Mouvement Gay Brésilien (MVB). Pour cela, une archive a été organisée avec différents documents journalistiques sur ce domaine de connaissance: des articles de différents périodiques qui reflètent le moment avant (1977) l'inauguration de *Lampião da Esquina* et, dès la première année de fonctionnement du journal (1978 - 1979), des textes éditoriaux, ainsi que des lettres de lecteurs et des réponses de la rédaction à celles-ci. Le cours de l'analyse comportait donc deux parties. Premièrement, des textes de *Folha de São Paulo*, *Isto É*, *Veja* et *Manchete*, compris comme la presse traditionnelle, ont donné des indices sur le discours sur l'homosexualité et les homosexuels, ainsi que sur l'influence internationale sur le mouvement brésilien qui s'organisait. Dans un choc avec des textes du *Lampião* (presse gay), on a alors compris comment l'extériorité constitutive, le discours autre, était présente dans le fonctionnement discursif du journal - ceci étant nié et la proposition d'une affirmation différente se réalisant. Ensuite, avec des textes de *Lampião* et quelques séquences discursives (SD) de lettres de lecteurs, nous avons étudié l'interlocution entre les différents lieux discursifs de la section *Cartas na Mesa*. Pour cela, des SD ont été mobilisés qui, à travers le fonctionnement discursif de la négation et de la négation par affirmation, ont déterminé les limites de la formation discursive (FD) du discours analysé. De cette manière, la Formation Discursive d'Affirmation de l'Homosexualité (FD-AH) a été déterminée. Dans la deuxième partie, 10 lettres et leurs réponses respectives ont constitué le corpus empirique, à partir duquel les DS qui caractérisaient la forme-sujet et les positions-sujets du FD-AH ont été découpées et analysées comme corpus discursif, comprenant comment les différentes positions tendent le forme-sujet pour (re)mettre à jour les connaissances FD. Il a également été analysé comment les lettres émergent comme une ressource journalistique pédagogique militante, compte tenu des effets d'alliés et d'apprentis-lecteurs que l'équipe construit à travers le fonctionnement du discours pédagogique, qui interroge et réfute les dires du sujet-lecteur, ainsi que didactique: ce qu'il faut dire dans le cadre du discours militant de l'homosexualité. En ce qui concerne la catégorie de sujet, fondée sur la notion de lieu discursif, les places de sujet lecteur-missiviste et de sujet journaliste-pédagogique ont été considérées, mettant à l'ordre du jour, à partir des positions-sujets comportées dans ces lieux discursifs, ce qui est dit, en la forme d'affirmation ou de déni, à propos de l'homosexualité. Enfin, prenant comme point de départ la tension entre la mise à jour et la resignification des termes, des discussions théoriques sur le langage politiquement correct, le discours de haine et la performativité du langage ont été envisagées, concluant qu'en plus d'enseigner ce qui devrait être dit, il est nécessaire considérer le fonctionnement du langage qui permet la transformation sociale en termes d'enjeux liés à la diversité sexuelle et de genre.

Mots-clés: Analyse du Discours Française. Journal *Lampião da Esquina*. Presse Alternative. Lettres de Lecteurs. Homosexualité et Militant.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Arquivo de matérias	37
Quadro 2 - Funcionamento dos discursos sobre os termos	50
Quadro 3 - Matrizes parafrásticas	54
Quadro 4 - Arquivo do Capítulo 2: as cartas selecionadas	87
Quadro 5 - Interlocução entre <i>Lampião</i> e Efeito-leitor aprendiz	999

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AD	Análise do Discurso Francesa
AIEs	Aparelhos Ideológicos de Estado
APA	Associação Americana de Psiquiatria
BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CID	Código Internacional de Doenças
CIE	Centro de Inteligência do Exército
CP	Condições de Produção
DP	Discurso Pedagógico
DSM	Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais
FD	Formação Discursiva
FD-AH	Formação Discursiva de Afirmação da Homossexualidade
Lampião	Lampião da Esquina
LGBTI+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Travestis e Intersexos
MGB	Movimento Gay Brasileiro
Mulheres Ts	Mulheres transexuais e travestis
OMS	Organização Mundial da Saúde
PS	Posição-Sujeito
SD	Sequência Discursiva

APOIO DE FINANCIAMENTO CAPES

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO - NO VALE DOS HOMOSSEXUAIS	14
1 OUTRAS VOZES E O LAMPIÃO DA ESQUINA	35
1.1 Um <i>Gay Power</i> à brasileira	40
1.2 Antes era tudo boneca e bofe	44
1.3 Movimento de liberação “gay”, ou dos homossexuais	53
1.4 Homossexual (sufixos em debate)	57
1.5 Na delimitação da FD, a legitimação da identidade	68
1.5.1 Caro irmão homossexual brasileiro, o que podemos e queremos dizer	74
2 UMA BICHA ATREVIDA PEDE A PALAVRA	81
2.1 Que espaço é esse, oh, Lampião?	86
2.2 Respondendo às cartas: o efeito-leitor construído	91
2.3 O que dizem as cartas: lugares discursivos e posições-sujeito	102
CONSIDERAÇÕES FINAIS - TEMPOS DE FRENTE, NÃO DE QUERELAS	124
REFERÊNCIAS	131
APÊNDICES	137
Apêndice A - Catálogo de cartas publicadas no primeiro ano	137
ANEXOS	141
Anexo 1 - Cartas selecionadas	141

Introdução

NO VALE DOS HOMOSSEXUAIS

Sabes de tudo sobre esse possível amargo futuro, sabes também que já não poderias voltar atrás, que estás inteiramente subjugado e as tuas palavras, sejam quais forem, não serão jamais sábias o suficiente para determinar que essa porta a ser aberta agora, logo após teres dito tudo, te conduza ao céu ou ao inferno. Mas sabes principalmente, com uma certa misericórdia doce por ti, por todos, que tudo passará um dia, quem sabe tão de repente quanto veio, ou lentamente, não importa. Por trás de todos os artifícios, só não saberás nunca que nesse exato momento tens a beleza insuportável da coisa inteiramente viva. Como um trapezista que só repara na ausência da rede após o salto lançado, acendes o abajur no canto da sala depois de apagar a luz mais forte no alto. E finalmente comesças a falar.¹

¹ ABREU, Caio F. Natureza Viva. In: Contos completos. São Paulo: Companhia das letras, 2018.

Olá, Lampiônicos. Rascunho, escrevo, reescrevo. Agora, como efeito de que foi tudo de uma vez, expresso o que pretendo, o que volto a recordar, e algumas (muitas) vezes não digo o que pensei. Quando cruzei com o Lampião da Esquina², a seção de Cartas na Mesa foi o que me físgou. Ali despendi horas de leitura, a cada carta, uma história, a imaginação voava, viajava para o passado. Daí, quis também me tornar um Lampiônico, não porque queria vestir um chapéu de cangaceiro, muito menos carregar essas virtudes de herói, bravura etc. Ser um Lampiônico surge como a oportunidade de participar da história, contar também o que vivi. Ser leitor do jornal e participar com a minha autoria. Por isso, escrevo. (E.N.P).

04 de junho³

A atualidade em trabalhar com *Lampião*, ou melhor, com os processos discursivos atravessados em suas páginas, pode parecer clichê, no sentido em que os historiadores apontam para a necessidade de olhar para o passado, entender o presente e mudar o futuro. Mas é mais do que isso, é de sempre e todo mundo sabe, como um já-sabido, que a homossexualidade sofre nas mãos do preconceito instaurado pela sociedade machista patriarcal e falocêntrica (que tantos nomes, mas é preciso pontuá-los). Sim, o preconceito tem mãos, tem braços fortes e pernas ligeiras, pois esse corre atrás da gente, bate, machuca, mata. E é de sempre e todo mundo sabe que os homossexuais, a diversidade sexual de gênero e sexualidade, quer destruir a família, acabar com o futuro das crianças, dizimar a heterossexualidade. Todo mundo sabe disso como uma memória de opressões que sempre ressoa na referenciação à diversidade, seja verdade ou mentira, é o que ressoa sempre que aparecemos, ressoa e é afirmado por quem quer acreditar que é assim, como também ressoa e é negado por quem luta para que outros sentidos sejam (im)postos. Então, é de sempre e todo mundo sabe, mas não é de sempre e todo mundo que faz alguma coisa. Trazer *Lampião* à luz de análises é colocar em reflexão esse já-sabido, é permitir que a memória de luta não se apague e que a memória de opressões seja contestada, que o periódico que instaurou voz e vez para os homossexuais não deixe de iluminar que a luta se (re)atualize. Estar nessa luta é um dos meus desejos, por isso, compreendê-la desde o início foi necessário para encontrar o meu lugar. Os caminhos não são poucos, nem mesmo os lugares. Disso, preciso dizer que continuar identificando como o preconceito se estabelece é caminho para pensar os modos de fazer com que suas raízes sequem. Percebo na linguagem a ferramenta essencial na luta contra as discriminações, na construção de sentidos que não ferem e que celebrem a vida de cada um.

² Também irei me referir ao jornal utilizando apenas o termo *Lampião*. O jornal está totalmente disponível em acervo digital online na página do Centro de Documentação Prof. Dr. Luiz Mott (CEDOC), no site do Instituto Brasileiro de Diversidade Sexual (IBDSEX) e no site do Grupo Dignidade. Acesso em: <https://www.grupodignidade.org.br/projetos/lampiao-da-esquina>

³ As datas que introduzem as cartas são de caráter estético-poético, e não interferem na compreensão do texto.

17 de julho

“Fala que nem homem! engrossa essa voz”, esses são os dizeres da família, quando criança, sentados à mesa para nos alimentarmos. “Viado, boiolinha!” foi o que mais ouvi de colegas no ensino básico. “Para ser professor, é preciso corrigir um pouco desse teu jeito” escutei a minha professora dizendo para outro colega na graduação. A linguagem funcionando como ofensa sempre esteve ao meu redor, me atingindo diretamente ou indiretamente quando se dirigia aos meus. Esses processos, que vão criando feridas, se cicatrizam, mas o efeito é só este: uma marca na pele que nos faz lembrar todos os dias da violência sofrida, que ultrapassa o verbal. Porém, nem sempre nos damos conta disso, e talvez nem consigamos lidar com tais questões. Lembro que somente na graduação em Letras pude refletir sobre o que é língua, como também foi a partir da formação que escolhi que tive meu primeiro emprego, quando comecei a frequentar o divã. “Esse exercício de se escutar faz um bem danado, hein!”, mas nunca que as coisas são fáceis. Pois bem, ao dedicar minha formação profissional à Linguística, surgiu o interesse por direitos humanos, educação para a diversidade, trabalho com gênero e sexualidade e a história do movimento gay ou homossexual, doravante LGBTI+, atravessamentos que fazem parte do sujeito que sou. Me proponho, então, a reconhecer a minha ancestralidade LGBTI+ a partir da investigação que faço neste trabalho. Reconhecer esses processos que passaram, atravessaram, teceram o sujeito que sou é questionar também se virei o homem que mandaram virar, se a voz engrossou, se ainda sou um viadinho e se deixei os trejeitos que tanto caracterizam os homossexuais de lado. No entanto, o grande objetivo mesmo é questionar se tudo isso importa. Um conto Iorubá diz que “Exu matou um pássaro ontem com uma pedra que só jogou hoje”. Isso mostra que o tempo é circular e que podemos lidar com os problemas do passado hoje. Antes tarde do que nunca, anuncio que muitas coisas já foram resolvidas. Resta determinar os próximos passos, pois o acontecimento faz interpretar e ressignificar a memória anterior a ele. E a gente se prende nessa força, nesse mantra quase que diário de dizer que é preciso vencer. Para mim, eu venci quando me graduei, quando defendi um trabalho de conclusão de curso (TCC) – analisando a representação da posição-sujeito gay em contos literários – quando fui aprovado no mestrado, publiquei artigos durante esses anos de estudos, e agora que sou capaz de defender esta dissertação. Mas o meu ‘vencer’ não é oposição do sujeito que sou, como dizem “é gay, mas é estudioso”, “é gay, mas trabalha”. Venço quando sobrevivo, venço quando alcanço os sonhos que tive para mim. E sim, eu sou aluno, sou professor, sou gay. Sou isso, aquilo, isso e aquilo. E não há “mas” que determine uma característica melhor do que outra em mim.

20 de maio

As escolhas por Letras e docência foram ficando mais claras no decorrer do curso de graduação. Pude participar de projetos de ensino e de pesquisa que foram me instruindo cada vez mais. Por isso, trabalhar com direitos humanos, para mim, significa propiciar aos estudantes que esses se identifiquem como sujeitos de direito e que se vejam capazes de conquistar as suas autonomias. E esse trabalho, não diferente, se concretiza pela linguagem, seja na leitura, no debate, mas principalmente na construção de sentidos. Já a escolha pela Análise do Discurso é resultado desses atravessamentos, pois considero uma área possível de me atender teoricamente nas reflexões sobre língua. Porém, foi somente no 7º semestre da graduação que fui de fato ter contato com a disciplina, ministrada pela Profa. Ingrid Caseira, que posteriormente se tornou minha orientadora de TCC e uma amiga muito especial. Relembrar esse fato é relembrar a docência que eu almejo enquanto profissional, e a sala de aula que desejo para meus estudantes. Pois foi somente com a sensibilidade, dedicação e paixão da Ingrid que eu pude me encorajar a construir tudo que venho falando. À Ingrid, agradeço não só a introdução nos estudos do discurso, agradeço a motivação, o olhar de orgulho e a torcida que permanece. Me encontrar, desse modo, no espaço de ensino, é resultado não só de formação e projetos extracurriculares dos quais fiz parte, é da vontade de luta por direitos, por reconhecimento e pelo fim das violências. Por isso, meu interesse enquanto professor e pesquisador é poder contemplar, discutir e refletir sobre as diversas vozes/ditos que a minoria da diversidade sexual e de gênero traz com ela. E vislumbrei, na AD, a possibilidade de discutir na e com a língua os diversos sentidos postos em jogo socialmente, os fios dos processos discursivos que são tecidos e ora ferem, ora constituem sujeitos de direitos, sujeitos de liberdades.

24 de fevereiro

Essa construção epistolar que venho propondo se coloca também como resultado de um momento em que me atrevo a falar, quase que autobiográfico. E é tão difícil se posicionar, tomar a palavra, quando desde sempre a opressão esteve presente. A questão de assumir-se, tornar pública a sua sexualidade, assombra o homossexual (jovem ou não) que deseja não manter mais esse segredo sobre si. Assumir-se pode soar muito fácil para alguns, mas é também muito difícil e, às vezes, impossível para outros. Por isso, quero falar sobre a subjetivação que nos é imposta. Ouvir que homossexualidade é errado, que ser gay é doença, anormal, constrói o bloqueio em que eu só consigo pensar “não posso dizer o que sou”, e assim levamos a vida sem dizer diversas outras coisas, e não dizemos porque temos medo da represália, não dizemos

porque tudo mostra que ninguém quer nos ouvir. Não diz, se torna inseguro, (em) segredo. Consigo perceber hoje que muito do que realizei foi uma busca por conhecimento e por conhecer-me, pois minha casa nunca foi um ambiente para isso, nem seguro, nem com interlocutores. “Ousar se revoltar”, como Pêcheux diz que é preciso, me remete a alguns fatos (em relação ao termo), como quando a minha sexualidade era entendida como coisa de um adolescente revoltado, ou quando quis discutir isso na academia, também taxado de revoltado. Fui revoltado quando não agradei aos pais com a sexualidade que vivo, e fui revoltado quando afirmei a necessidade de se construir uma educação antiLGBTIfobia. Na contramão, não me revolto com as respostas do sistema, ousou me revoltar e pensar por mim mesmo para mostrar que a revolta denuncia as injustiças, e que a resistência, para além de frear as violências, impulsiona, como força motriz, novas rotas para um social pelos direitos humanos, pelo orgulho de ser quem se é. Por mais que este trabalho represente o fechamento de um ciclo (principalmente acadêmico), que foi possível somente com a orientação paciente e acolhedora da Profa. Solange Mittmann, também é revolta, é luta, é mais um fio que quer construir um tecido de vida, e de viver.

Imprensa gay e a luz do Lampião

Em diferentes textos, encontro que o jornal *Lampião da Esquina* trouxe luz, não iluminando somente os homossexuais, como também os movimentos sociais de minoria na época turbulenta da política brasileira, em que muito era silenciado e apagado (narrativas apagadas, histórias, identidades, vozes, vidas apagadas). Nesse viés, esta seção tem o objetivo de apresentar o contexto histórico de surgimento da imprensa gay, um tipo de imprensa segmentada por focar em um público, dentro da imprensa alternativa, entendida assim por mobilizar um discurso jornalístico assumido militante. É alternativa, também, por não possuir alto poder econômico e alta circulação como a grande imprensa. Logo, também se objetiva apresentar o jornal em estudo e o impulso, a iluminação e os caminhos que esse trouxe.

O jornal *Lampião da Esquina* se insere em pelo menos dois eventos históricos no Brasil. Primeiro, o jornal feito por homossexuais e para homossexuais (o que não impediu um público de diferentes leitores, assim como a abertura para demandas de outros grupos marginalizados em suas páginas) é um marco na história da imprensa. Segundo, *Lampião* emerge como precursor do Movimento social LGBTI+ (como é entendido hoje), na época - Movimento Gay Brasileiro.

Figura 1 - Capas das edições zero, um e dois de *Lampião*.



Fonte: Acervo Grupo Dignidade. *Lampião* da Esquina. Recorte nosso.

Péret (2012) aponta que a imprensa gay brasileira surgiu no início da década de 1960, e que, até aquele momento, os grandes periódicos nacionais refletiam uma ideologia de acordo com a época para falar sobre a homossexualidade. Desse modo, esse tipo de imprensa abordava o tema por meio de sátiras (charges e ilustrações) e retratava casos policiais que envolviam homossexuais e travestis. Em um movimento de ocupações das metrópoles nas décadas de 1950 e 1960, estudos começam a mostrar a presença de homens gays nas grandes cidades, o que foi visto como uma medida não só para mudar de vida, mas também para tentar evitar os preconceitos acerca da sexualidade nas cidades pequenas em que viviam.

Outrossim, não seria uma mudança geográfica que impediria tantas violações e violentações que essa minoria viria a sofrer. Portanto, “para se protegerem, os gays do Rio de Janeiro e de São Paulo, em meados dos anos 1950, passaram a se reunir em turmas nas casas uns dos outros ou em locais públicos” (PÉRET, 2012, p. 16). É desse fato que é fundado, segundo a autora, um dos primeiros grupos de homossexuais que se tem registro na história brasileira - *A Turma OK*⁴. E o fundador do grupo também fundou o primeiro impresso voltado para o público gay, o *Snob*, em 1963, trazendo discussões que a grande imprensa não trazia.

O *Snob* conseguiu criar uma significativa rede de distribuição. Mantinha contato com grupos de outras cidades brasileiras, firmando-se como o principal meio de expressão da homossexualidade e da efervescente cultura gay que emergia no país. Os leitores tinham acesso a assuntos de cultura e moda e encontravam na publicação um espaço no qual se sentiam representados. (PÉRET, 2012, p. 20).

⁴ A Turma OK, grupo fundado por Agildo Guimarães, está em atividade até os dias de hoje, informações sobre agenda e outros estão disponíveis no site: <https://turmaok.com.br>.

Apesar desse movimento de imprensa, surgindo a imprensa alternativa, muito material era publicado em anonimato, o que evidencia a falta de liberdade que ainda existia. Também, o que é importante salientar são as formas de representação das identidades homossexuais intrínsecas às compreensões de gênero que existiam e prevaleciam na época, bastante rígidas e fixas. Desse modo, na via de questionamentos e deslocamentos, na busca por outras formas de representação, surgem outras publicações - mais de 30 publicações que circularam na década de 1960⁵.

O *Snob* não só inaugurou um estilo, como gerou muita influência, apesar de ser destinado principalmente ao grupo de amigos e ser divulgado apenas no Rio de Janeiro. Porém, seu papel fundador na imprensa gay é reconhecido. Imprensa essa que surge de muita carência que a comunidade LGBTI+ (ainda em muitos desencontros) “teve de procurar seus semelhantes, buscar uma união com os iguais, construir um refúgio coletivo, lutar contra um sistema que os tornava invisíveis” (RODRIGUES, 2018, p. 237).

A década de 1960 no Brasil fica marcada pela explosão de um discurso dos homossexuais, mesmo que a circulação desse discurso fosse restrita, e não mais somente de um discurso sobre, que a grande imprensa publicava, substancialmente sobre o já influente Movimento Homossexual Americano. Além disso, dado o contexto histórico brasileiro, conseguimos compreender mais uma conjuntura de silenciamento da comunidade. A ditadura militar desempenhou o papel de caça e extermínio da imprensa gay e de homossexuais.

A repressão presente na ditadura, para Green e Quinalha (2019, p. 22), abafou possibilidades de sonhar com novos modos de vida, novas formas de se expressar, expressar o desejo e identidades. Principalmente no ano de 1968 com o decreto do AI-5, o medo que já existia ficou mais forte. “A repressão, a censura, o medo, as violências, a cassação de direitos e o poder policial, que aumentou neste momento, acabaram com qualquer sonho de uma organização LGBT” (GREEN; QUINALHA, 2019, p. 21).

A relação entre ditadura e homossexualidade se faz no fio do discurso dominante daqueles que estavam no poder na época. Sendo a homossexualidade interpretada como um movimento que se preocupava com direitos humanos – da existência, basicamente, essa apresentou ameaça à moral, aos bons costumes, ao anticomunismo, portanto, ao regime militar. “Seguindo tendências históricas, nacionais e internacionais, ideólogos da segurança nos anos 1960 teorizaram o homossexo como parte de uma série de ameaças degenerativas à segurança

⁵ Pesquisa de James Green apontada por Péret (2012, p. 27).

nacional anticomunista” (COWAN, 2019, p. 29). Por isso, nas duas décadas depois de 1964, as forças militares nacionais de segurança monitoraram, policiaram e fizeram o movimento de combater a homossexualidade.

Considerada como inimiga da sociedade e do Estado, a homossexualidade é percebida presa ao significado patológico, desviante, dissidente no discurso conservador dos que estavam no poder, além dos intelectuais militares, também os civis conservadores que apoiavam o regime. É nessa inscrição da homossexualidade em um efeito de sentido de transgressão, patologia e subversão que a imagem de inimiga e imoral é também construída no país. Dessa maneira, Cowan afirma que “quando o golpe chegou, em 1964, as forças policiais puderam recorrer a uma tradição de vincular atividade homossexual não só com patologia, mas também com ameaças à segurança e à visibilidade do Brasil” (COWAN, 2019, p. 49).

Desse modo, aparece a preocupação do governo com a juventude, pois supostamente a homossexualidade causaria danos terríveis aos jovens. Era preciso, nesse sentido, do ponto de vista militar que governou nosso país, evitar a exposição da juventude aos homossexuais – pensamento ainda usual – para que gays não desviassem os jovens e alicerçassem o comunismo.

Portanto, “informando-se sobre a imprensa auto identificada como gay ou tratando-se de temas relacionados, oficiais do CIE angustiavam-se sobre jovens que talvez comprassem estas publicações” (COWAN, 2019, p. 39). Dado esse contexto, a imprensa gay sempre esteve numa posição de aflição, terror e fraqueza, pois foi classificada como inimiga da sociedade (se chegassem a corromper os jovens, estariam acabando com o futuro). Dessa maneira, *O Snob* interrompeu suas publicações com medo da violência dos oficiais, como também jornalistas foram perseguidos e sofreram processos do governo.

Dessa forma, na história da imprensa gay brasileira, há *O Snob*, que é silenciado com a chegada dos militares, e há o *Lampião da Esquina* que, na abertura política no final dos anos 1970, é inaugurado e constrói uma série de narrativas sobre os linchamentos e processos judiciais que homossexuais sofreram e estavam sofrendo⁶.

Rodrigues (2018) apresenta quatro momentos do movimento homossexual de acordo como foi tratado na imprensa. E classifica como primeira onda o *surgimento do movimento*, a busca por sair do anonimato e afirmar não só uma inserção política como também posicionamentos na sociedade. Dessa maneira, *Lampião da Esquina* é considerado o primeiro periódico de ampla publicação e circulação voltado ao público homossexual, mesmo que outras

⁶ Como dito, há outros periódicos, mas esses dois são os principais apontados por Péret (2011). Veremos ainda, por exemplo, observações sobre o jornal *Gente Gay*.

publicações tenham existido antes dele, pois foi com o *Lampião* que se inaugurou um novo tempo na imprensa e no movimento social.

Do número um até o fim dos seus dias, o *Lampião* tentou “iluminar” boa parcela da comunidade homossexual. [...] O homossexual brasileiro, com suas múltiplas identidades, encontra no *Lampião da Esquina* seus semelhantes. Diferentes, porém iguais em alguns aspectos. (RODRIGUES, 2018, p. 240).

Segundo Rodrigues, o jornal buscava muito mais por uma identificação com o leitor, e vice-versa, do que afirmar uma identidade inseparável e homogênea, embora possa ser observada no seu discurso a valorização de determinada imagem do homossexual. E o jornal teve uma vida de três anos e meio – edição experimental publicada em abril de 1978 e última edição em junho de 1981 – com um total de 38 edições, contando com a número zero e mais 3 edições extras.

É bom destacarmos a distribuição do *Lampião*. A equipe do jornal não contava com grandes aparatos para o processo, apesar disso a primeira edição teve 10 mil exemplares entregues em todo o país e a segunda uma tiragem de 15 mil. Em São Paulo os próprios integrantes faziam uma parte da entrega. (FERREIRA, 2010, p. 09).⁷

Reportagens, ensaios de opinião, coluna de relacionamentos, cartas de leitores, ensaios fotográficos, literatura, entrevistas com famosos, notas de desagravo e dicas culturais eram o que *Lampião* trazia para suas páginas. *Lampião* “iluminou o caminho de várias pessoas que viviam à sombra de sua própria experiência. Foi importante para toda essa geração que pôde ver que não estava sozinha, que não era louca nem doente.” (RODRIGUES, 2018, p. 242). Por fim, os *Lampiônicos* – apelido para os leitores do jornal e seus editores – se encontraram e souberam que existiam outros lados, outras possibilidades identitárias e novos caminhos iluminados. Por fim, estavam presentes no conselho editorial do *Lampião* os seguintes nomes: Adão Acosta, Aguinaldo Silva, Antônio Chrysóstomo, Clóvis Marques, Darcy Penteadó, Francisco Bittencourt, Gasparino Damata, Jean-Claude Bernardet, João Antônio Mascarenhas, João Silvério Trevisan e Peter Fry.

A partir disso, penso na importância do trabalho da memória, de ver e ouvir as homossexualidades e suas histórias no Brasil, de denunciar a homofobia, de fazer um trabalho de justiça e reconhecimento para que os *discursos de* sobressaltem os *discursos sobre* que incutem a anormalidade e a doença às identidades LGBTI+. Como aponta Quinalha (2019, p.

⁷ Ferreira (2010) também aponta para o preço que custava o jornal: 15 cruzeiros. Além de informações como, era um jornal mensal e impresso em duas cores.

269), “atualmente vivemos um momento privilegiado para traçar essa ponte entre o passado e o presente. E que seja antes tarde do que nunca”. Ademais, o momento privilegiado não é sinônimo de momento fácil, pois discursos e sentidos perduram e continuam querendo apagar nossas luzes.

As cartas na mesa

Compreendendo a participação do periódico na fundação de um movimento, de lutas e de discursos referentes à comunidade LGBTI+, meu olhar de analista do discurso não deixa de mirar as acaloradas discussões presentes nas cartas que leitores enviavam para o jornal. O gesto de análise começa a se construir a partir da leitura desse material, da seleção de textos em que sentidos e palavras estão em disputa, e da compreensão dos efeitos de sentido que se movimentam e fazem mover estruturas sociais, como legitimação de identidades e pedagogização do conhecimento sobre a temática.

A seção do jornal responsável pela interlocução direta com o público leitor era a seção *Cartas na Mesa*, em que as cartas de leitores com opiniões, sugestões, debates, desabafos eram publicadas e respondidas pela equipe de editores do jornal. Ainda, quando havia alguma carta endereçada diretamente a alguém da equipe, esse assinava a resposta à carta. Costa (2019), em nota, traz que “Através da seção *Cartas na Mesa* podemos perceber que as correspondências chegavam dos estados de: São Paulo, Rio de Janeiro, Pernambuco, Bahia, Rio Grande do Sul, Amazonas, Ceará, Rio Grande do Norte, Piauí, Paraíba, Minas Gerais, Sergipe e Alagoas.” (COSTA, 2019, p. 38), somando um total de 300 cartas, em média, publicadas durante a existência do jornal.

Bandeira (2006) aponta como seria possível alcançar diversos aspectos do jornal pela seção *Cartas na Mesa*. O autor discorre sobre a organização da seção, sobre as funções das cartas, considerando que esse material demonstra contradições, disputas, alianças e negociações. Além disso, ainda as vê como práticas discursivas contendo inúmeras funções políticas, em que define:

Uma carta é também um *corpus*, um conjunto de coisas ditas, uma miríade de enunciados unidos, não como um conjunto acabado em si mesmo, fechado em sua suposta unidade, mas como linhas amarradas a compor um fragmento de rede, como conexões de fios que não se arrematam nas bordas e deixam a sensação de um prolongamento virtual para além daquilo que se lê. Uma carta não começa e não termina, mas se faz como caminho, passagem, travessia. (BANDEIRA, 2006, p. 74).

Outrossim, sabendo-se do mito democrático que as cartas de leitores representam à imprensa, mostrando que ali os leitores são ouvidos e têm lugar de fala, o autor lança hipóteses sobre outros pontos da seção que desconstroem a ideia de que nesse espaço os leitores dizem o que querem e até mesmo se são leitores legítimos que escreveram. Assim, não deixando de apontar para o significado de pôr as cartas na mesa, um funcionamento epistolar e jornalístico: mostrava que existiam pessoas em todo o país apoiando a causa; promovia uma assunção homossexual; corroborava com o significado de democracia, entende-se como um espaço de diferentes formas de pensamento e também afirmações de identidades homossexuais (e outras).

Ademais, Bandeira (2006) aponta para as cartas como um outro texto produzido pelo jornal e que essas não escapavam ao exercício do poder, isto é, dado ao fato de as cartas passarem por um processo de seleção – o que contraria até mesmo o jornal, que dizia sortear os textos – os títulos escolhidos para elas na hora da publicação, trechos selecionados e suprimidos, página do registro, extensão do espaço na impressão – são dispositivos da edição que apontam para uma autoria dos donos do periódico até nas cartas dos leitores. Uma autoria que permitia expressar, principalmente por meio das respostas do jornal às cartas, o que queriam também dizer (ou que achavam necessário). Dessa forma, as cartas surgem como recurso jornalístico pedagógico militante, ponto que será desenvolvido nas análises. Assim, o autor define que a seção:

Cartas na Mesa era a produção de um outro tipo de discurso jornalístico: um jornalismo epistolar que constituía uma outra forma de Lâmpião da Esquina se expressar, dessa vez, não por meio de reportagens, artigos ou entrevistas, mas por meio da massa epistolar que recebia, organizava, selecionava e publicava, segundo sua perspectiva. Cartas na Mesa era, portanto, uma interpretação de diferentes interpretações da homossexualidade. (BANDEIRA, 2006, p. 78).

Com isso, percebe-se a função epistolar das cartas ao construir uma identificação ou não com certa identidade homossexual, como também da seção na criação de uma comunidade que se une na leitura, na escrita e na (di)usão de ideias. Claro que o mérito deste feito é o que o jornal carrega, mas graças à seção que se construiu dentro dele. Tal *corpus* é que também se elege para esta dissertação em que o fio do discurso será posto na mesa para a leitura, a compreensão, o batimento entre teoria e análise e o batimento entre outros textos do jornal e da grande imprensa. Dessa forma, organizo o arquivo de análise, onde diferentes textos discursivizam acerca de sentidos e legitimações sobre a homossexualidade e o movimento gay brasileiro.

*Bixórdia*⁸ - o Estado da arte

Com o objetivo de mapear dissertações e teses acerca do objeto de estudo, monto essa seção. Com a pesquisa, percebo que os estudos sobre o jornal *Lampião da Esquina* têm se desenvolvido em diversas áreas. Portanto, a organização que se dará a seguir se baseia por áreas, trazendo contribuições e reflexões de diferentes campos do saber - História, Comunicação, Sociologia, Antropologia, Educação Física, Direitos Humanos e Letras. Desse modo, esta seção desempenha o papel de palco para as produções sobre o *Lampião*, mobilizando os trabalhos encontrados e suas devidas contribuições.

Utilizando o termo chave “*Lampião da Esquina*”, na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD)⁹ e no Catálogo de dissertações e teses da CAPES¹⁰, considerando os trabalhos que se repetem nas duas plataformas e descartando aqueles que só mencionam o jornal, mas não o têm como objeto de estudo, localizei um total de 26 produções, que serão apresentadas em seguida.

Na área da História, os trabalhos buscam desde construções de identidades da comunidade LGBTI+, até retratos da violência, subjetividades, relações de poder e funcionamentos discursivos. Penso, dessa forma, que uma das principais contribuições do campo é tornar o periódico fonte de estudos (não só históricos), e a conceitualização de um arquivo da memória homossexual no Brasil. Sendo a área que mais contém trabalhos com o objeto em questão - um total de 14 trabalhos entre os anos de 2006 e 2019 – a mobilização dessas referências são de suma importância, visto que as contribuições dos estudos culturais, de gênero e históricos de imprensa sugerem ainda o periódico como uma fonte rica de pesquisas e dá visibilidade para que mais seja desenvolvido.

A dissertação intitulada **O Lampião da Esquina: uma voz homossexual no Brasil em tempos de fúria (1978-1981)** de Alexandre Magno Maciel Costa e Brito (UnB/2016) objetiva compreender como se dão as representações de violência contra a população LGBTI+ no jornal, e as representações sociais das identidades de gênero nele presentes em diálogo com as relações da imprensa gay e a ditadura militar. O autor, nas considerações, aponta a importância de

⁸ Na edição 5 de outubro de 1978 do jornal, aparece a coluna *Bixórdia*, em que se tenta definir tal palavra., trazendo: “Está no dicionário de Mestra Mambaba: BIXÓRDIA, s.f; em machês, palavra originária de bicha, s.i. (substantivo indefinido), somada a mixórdia, s.f., mistura, bagunça. Representação do que é livre, auto permitido. Tudo é sério, nada é triste. Paradoxo vivo (finíssimo, adorei) em que se misturam viados, bichas, perobos, tias, sobrinhas, primas, entendidos, gueis, transadores, mariconas, paneleiros, frescos, frutas e xibungos. Por ext.: Vale tudo, né queridinhas?” (LAMPIÃO DA ESQUINA, p. 12, out/1978).

⁹ Site da plataforma: <https://bdtb.ibict.br/>

¹⁰ Site da plataforma: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>

pesquisadores homossexuais no desenvolvimento de pesquisas sobre homossexuais e o quanto o jornal se mantém atual.

A tese de Fábio Ronaldo da Silva (UFPE/2017), com o título de **As porosidades do tempo: velhos e velhices nas publicações homoeróticas brasileiras (1978 – 2013)**, problematiza as dizibilidades e visibilidades em textos sobre homossexuais velhos em três das principais publicações voltadas para o público gay no Brasil, o que inclui o jornal *Lampião da Esquina*. Mobilizando uma arque-genealogia, o autor busca os modos de se dizer e pensar o envelhecer nas páginas das publicações.

A Aids em cena: os primeiros protagonistas da maior epidemia no final do século XX, dissertação de Gabriel Natal Botelho Vitiello (FIOCRUZ/2009), buscou analisar o papel dos homossexuais brasileiros na luta contra a Aids, discutindo, a partir da imprensa, como se deu esse protagonismo e a formação de uma identidade homossexual brasileira desenvolvida pela interação proporcionada. Também, a dissertação de Geovane Batista da Costa (UFJF/2019), **“Lampião da Esquina”, um jornal alternativo do Brasil: iluminando identidade(s) e representação(ões) do(s) homossexual(is), de 1978- 1981**, contribui com a discussão de formação de identidade. O trabalho tem como objetivo principal interpretar a disputa pela construção de sentidos e as práticas discursivas nas representações dos gays nas páginas do jornal.

A dissertação intitulada **Será que ele é?: sobre quando Lampião da Esquina colocou as Cartas na Mesa**, de autoria de Marcio Leopoldo Gomes Bandeira (PUC-SP/2006), elege como *corpus* de investigação as cartas publicadas na seção *Cartas na Mesa* do jornal. Com o objetivo de problematizar as subjetividades homossexuais nesses textos, o autor realiza um estudo histórico de epistolografia e constitui uma interpretação das práticas de leitura e de escrita que levam o indivíduo a se reconhecer como sujeito de uma homossexualidade.

Rafael Freitas Ocanha (PUC-SP/2014), autor da dissertação **“Amor, feijão, abaixo camburão”: imprensa, violência e trottoir em São Paulo (1979-1983)**, analisa operações policiais que aterrorizaram prostitutas e travestis nas ruas de São Paulo e mostra o papel que o jornal *Lampião* desempenhava na época ao cobrir, com reportagens, a realidade de violência vivida socialmente pela comunidade LGBTI+.

A tese com o título **De Daniele a Chrysóstomo: quando travestis, bonecas e homossexuais entram em cena**, de Rita de Cássia Colaço Rodrigues (UFF/2012), analisa a entrada de LGBTI+ na vida política brasileira, que reivindicavam o direito à vida livre de discriminação. A autora contribui, dessa forma, com a compreensão de como se deram as

vocalizações e as disputas por uma vida sem preconceitos que iniciaram também nas páginas do *Lampião*.

“Gay-macho”, “Travesti” ou “Bicha pintosa”? – a produção discursiva sobre representações homoeróticas no jornal lampião da esquina (1978-1981), dissertação de Ronielysson Cezar Souza Pereira (UNIOESTE/2017), apresenta como objetivo interpretar a construção de sentidos e as práticas discursivas, nas páginas do *Lampião*, na tensão das representações homoeróticas gays sobre práticas efeminadas, colocando em pauta a hierarquização das identificações homoeróticas.

Almerindo Cardoso Simões Junior (UNIRIO/2006), autor da dissertação intitulada **‘...E havia um lampião na esquina’ – memórias, identidades e discursos homossexuais no Brasil do fim da ditadura (1978-1980)**, realiza o gesto de reconhecimento do jornal enquanto lugar de memória e produtor de identidades sociais. Na mobilização das noções de formação discursiva, discurso fundador e silenciamento no âmbito da Análise do Discurso, o autor aponta como a memória pode ser (re)produzida por meio do discurso, quando analisa as cartas dos leitores do jornal.

Lampião da Esquina: lutas feministas nas páginas do “jornal gay”, luzes em tempos sombrios (Brasil, 1978-1981), dissertação da autoria de Daniel Henrique de Oliveira Silva (UFU/2016), investiga como o *Lampião*, sendo editado por homens gays, deu visibilidade às mulheres e à luta feminista em suas publicações, mas ainda com uma postura sexista e um discurso falocêntrico.

Outro trabalho no campo das discussões sobre identidade e representação é a dissertação de Marciano Vieira de Andrade (UFPI/2015) intitulada **O “orgulho de ser”: identidade, política e gênero no Lampião da Esquina (1978-1981)**. Como proposta, o autor analisa a atuação do jornal no processo de defesa do direito à homossexualidade e de uma afirmação também política da identidade homossexual. A redefinição da homossexualidade na primeira onda do movimento gay no Brasil, a militância, a sexualidade e as identidades de gênero e suas tensões são os principais tópicos de discussão.

Também inserido no campo historiográfico dos estudos de gênero, Paulo Roberto Souto Maior Júnior (UFPE/2015), com a dissertação **Assumir-se ou não assumir-se? O Lampião da Esquina e as homossexualidades no Brasil (1978-1981)**, analisa os discursos de confissão da homossexualidade no Brasil, por meio das publicações no jornal, e de que modo os discursos apontavam para a luta por direitos civis, abordando a invenção dos corpos, dispositivo de confissão e subjetivação.

Intitulada **Fazendo travestis – Identidades transviadas no jornal Lampião da Esquina (1978-1981)**, a dissertação de Ronaldo Pires Canabarro (UPF/2015) traz a investigação das construções de identidades travestis nas páginas do periódico, fixando-se na construção discursiva da imagem. Além disso, o autor propõe uma reflexão acerca do gênero sócio-gramatical. Conclui, também, sobre a ação do jornal de ajudar a produzir uma identidade travesti, visto que na afirmação da identidade homossexual foi necessário reconhecer outras do grupo LGBTI+.

Victor Hugo da Silva Gomes Mariusso (UFU/2015) desenvolve em sua dissertação, **Lampião da Esquina: homossexualidade e violência no Brasil (1978-1981)**, uma análise da violência sofrida pelos homossexuais no período de circulação do jornal. Desse modo, o autor se preocupa com o papel da imprensa alternativa na sociedade da época, motivos e meios de seu surgimento, assim como os sujeitos e as violências, baseadas em um discurso construído historicamente pela medicina e pela religião, pautando-se em valores morais de uma sociedade hebraico-cristã-ocidental.

Em seguida, elenco 5 trabalhos, entre dissertações e teses, desenvolvidos na área da Comunicação, que observam uma construção discursiva do papel social e de comunicação do *Lampião*.

A tese de Daniela de Queiroz Picchiai (PUC-SP/2019), **Ditos sobre e ditos por: o rasgo afetivo das mulheres trans nos discursos midiáticos**, investiga o campo afetivo mostrado em poesias escritas por mulheres transexuais e travestis e publicadas nas diferentes mídias, entre elas, o jornal *Lampião*, e os discursos midiáticos sobre essas mulheres. E aponta como o discurso da mídia, em maioria, reduzia a linguagem e as vidas das mulheres Ts, jogando-as à margem social e à violência.

João Lúcio Mariano Cruz (UFG/2019), autor da dissertação **Qual é a tua, oh lampião? tensionamentos em um jornal editado na e pela esquina**, analisa os tensionamentos entre mulheres, pessoas negras e homossexuais nas publicações do periódico. Analisando textos de diversos gêneros, busca responder quais são as relações entre marcadores sociais da diferença e tensionamentos entre os sujeitos antes apontados.

A dissertação de Muriel Emídio Pessoa do Amaral (UNESP/2013), **Representação do corpo masculino: relações de imagem, identidade e cultura sobre o corpo masculino no jornal Lampião da Esquina e na revista Junior**, investiga as formas de representação do corpo masculino em publicações homoeróticas, analisando capas dos dois periódicos em questão e apontando para as relações de cultura, discurso e poder na mídia.

Max Emiliano Silva Oliveira (PUC-MINAS/2017), autor de **Lampião da Esquina: à margem, ainda hoje**, busca em seu trabalho analisar as subjetivações e modos da vida homossexual presentes no jornal. Na mobilização de diferentes materialidades das páginas do jornal, são construídas relações entre o jornal, identidades e a sociedade, refletindo o papel social do jornal.

A dissertação **O armário invertido: comunicação e discurso sob a luz de Lampião**, de José Augusto De Castro Heeren (Cásper Líbero/2011), investiga os processos comunicacionais do jornal. Inserido na análise discursiva com base em Foucault, o autor reflete sobre os processos discursivos produzidos pelo jornal e o compartilhamento de sentidos entre editores e leitores.

A área da Sociologia amplia as possibilidades de investigação que o jornal comporta, como a análise do desejo e das buscas pelo relacionamento entre homossexuais. Além disso, a área comporta estudos do discurso, preocupando-se com as construções de identidades e os embates sociais acerca delas.

Intitulada **Desejos comodificados: dos classificados aos perfis nos aplicativos na busca por parceiros do mesmo sexo**, a dissertação de João Paulo Ferreira da Silva (UFSCAR/2017) investiga os critérios acionados na busca por parceiros na comunidade de homossexuais. O autor mobiliza os acontecimentos do HIV, da AIDS e da internet na comunidade como determinantes dos critérios, estabelecendo diferentes critérios para a busca por parceiros antes e depois desses acontecimentos. Dessa forma, faz recortes das publicações do *Lampião*, das colunas *Troca-troca* e da seção de cartas para a investigação.

Ricardo Augusto de Sabóia Feitosa (UFC/2014), em sua tese **Linhas e entrelinhas: homossexualidades, categorias e políticas sexuais e de gênero nos discursos da imprensa gay brasileira**, pesquisa o mundo das publicações impressas situado como imprensa gay, mobilizando, para isso, o jornal *Lampião da Esquina*. O autor investiga categorias sexuais e de gênero construídas nas publicações e analisa os discursos que reiteram, tensionam, deslocam e duvidam dessas categorias e as potencialidades que apresentam.

A dissertação intitulada **Há perigo na esquina: discursos dissidentes no jornal Lampião (1978-1981)**, de Larissa de Rezende Tanganelli (Unicamp/2019), na área de antropologia social, mobiliza conceitos, como contracultura e contradiscurso, dispositivos discursivos e do saber. E situa o *Lampião* como o principal espaço para o debate público e político relativo à dissidência de sexualidade e gênero ao fim da década de 70.

Rodrigo Braga do Couto Rosa (Unicamp/2010), autor da dissertação **Enunciações afetadas: relações possíveis entre homofobia e esporte**, trabalha em sua pesquisa, da área de

Educação Física, narrativas que versam sobre a homossexualidade, mais especificamente a homofobia e o esporte, a partir de três publicações midiáticas, voltadas ao público gay. Dos enunciados de torcidas, atletas e campeonatos, o autor recupera relatos de exclusão, negação e práticas, tendo também, como foco, as narrativas marcadas pela complexidade do ato de sair do armário e assumir-se.

No campo dos Direitos Humanos e Cidadania, Rogério Reis dos Santos (UnB/2017) busca em sua dissertação, intitulada **“Uma bicha atrevida pede a palavra”**: o **Lampião da Esquina e a resistência de homossexuais durante a ditadura civil militar brasileira**, a construção de uma narrativa sobre resistência, baseada nas narrativas presentes no jornal. Explorando os grupos gays no Brasil na mesma época do periódico, o autor lança reflexões sobre o movimento homossexual e a ditadura, ativismo e política, construindo uma narrativa histórica para os homossexuais. Assim, temas como violência, repressão, identidades, ditadura e direitos humanos são trazidos à tona.

Por fim, a área de Letras apresenta pouca produção com o objeto em questão. Encontrei dois trabalhos em que a análise do discurso francesa é principal aparato teórico no trabalho com os *corpora*. Apesar de existir uma quantidade expressiva de trabalhos em diferentes áreas, ainda se faz necessário lançar gestos de análise em que o funcionamento linguístico é posto em destaque.

A dissertação **Lampião Da Esquina: discursos, homossexualidade, interesses e poder**, de Carlos Jordan Lapa Alves (UENF/2017), analisa os discursos publicados no jornal, partindo dos conceitos de homocultura, discurso e poder. Além disso, por meio de análises das capas e de reportagens, o autor traz reflexões sobre os mecanismos de resistência e poder, dado que os discursos no jornal alteraram a forma de enxergar e falar sobre a homossexualidade. Ainda, o autor aponta para uma não totalidade discursiva, visto que a comunidade gay é heterogênea em vontades, classes sociais e necessidades, mas identifica a importância do periódico como estratégia de resistência e produção de discursos (e formações discursivas) capazes de enfrentar as formações discursivas de opressão.

Já a dissertação de Iago Moura Melo dos Santos (UESC/2019), intitulada **Vestígios do Silêncio**, busca trabalhar com as formas do silêncio suscitadas no periódico. Em primeiro lugar, considera os efeitos de sentido do silêncio; em seguida, reflete sobre como os dizeres constituem resistência à censura moral imposta na ditadura militar e, por fim, mobiliza a significância do vestígio e da ausculta. Movendo materialidades do editorial da edição experimental do *Lampião*, o autor reflete sobre como escutar o silêncio.

Resta explicar que essa apresentação bastante breve de trabalhos acadêmicos teve por objetivo situar o que já foi produzido sobre/com o *Lampião*. No decorrer da dissertação, algumas dessas referências são retomadas, visto que contribuem de forma significativa para as análises. Por fim, vislumbro o *Lampião* como objeto de estudo rico de possibilidades de análises a serem construídas, o que pode ser determinado, por exemplo, a partir de recortes temporais e de temáticas presentes nas suas páginas.

O que proponho, por conseguinte, é apontar, no próprio discurso, os funcionamentos que analiso no jornal. Me inserindo no campo de estudos da análise do discurso francesa, questiono que outros efeitos de sentido são construídos no jornal; volto meu olhar para a seção de cartas de leitores para pensar como se dava a interlocução com o periódico; e pergunto sobre as formulações do discurso de militância: como *Lampião* se institui como referência da imprensa gay e marco no movimento homossexual brasileiro? O que ele trouxe para o movimento social? Como essas questões funcionam discursivamente? São essas algumas das perguntas que norteiam este estudo.

A mesa ainda está posta

Do que foi visto na seção anterior, sintetizo que as teses e dissertações têm se preocupado primariamente com a descrição histórica do jornal, relacionada ao seu contexto político militar à época da criação e aos temas de violência e de opressão. Também, reflexões sobre a instauração do movimento gay brasileiro e a discussão acerca das identidades LGBTI+ estão presentes. Enfim, sobre o *discurso*, que algumas vezes apareceu em títulos, é clara a produção utilizando-se dos estudos foucaultianos, em que se preocupam com as relações de poder entre homossexuais e sociedade, movimento social de minoria e militares, relações dentro da própria comunidade e os discursos que assujeitam¹¹ LGBTI+. Por vezes, o termo *discurso* surge como sinônimo de enunciado, de texto, do que está materializado nas páginas, não necessariamente definido como uma noção teórica.

Nesta última parte da introdução, busco expor como a noção de *discurso* é tomada nesta dissertação – o que a insere na corrente materialista dos estudos do discurso, ou seja, da Análise do Discurso Francesa (AD), postulada por Michel Pêcheux. E no entorno do discurso, busco a compreensão do que são *texto*, *condições de produção* (CP) e *formação discursiva* (FD) – noções-chave para o desenvolvimento teórico e analítico neste trabalho.

¹¹ Para Foucault, o sujeito só é sujeito do discurso, ou seja, está assujeitado ao discurso.

O divisor de águas entre a Análise do Discurso Pecheutiana e as outras teorias, segundo Indursky (2006), é considerar as condições de produção que afetam o texto como uma unidade de análise, o que consiste, primeiramente, em “ultrapassar os elementos internos ao texto propriamente dito” (INDURSKY, 2006, p. 68). Isto é, precisa-se considerar a exterioridade como constitutiva do texto, ir além daquilo que só se encontra/comparece no próprio texto. Por isso, as materialidades que constituem o *corpus* empírico de análise são entendidas como texto, e o trabalho que se realiza é o de considerar a exterioridade como constitutiva.

Dessa maneira, o *sujeito* (ou melhor, a concepção de sujeito), e como essa noção é compreendida pela AD, determina a natureza do que é a exterioridade e do que chamamos de condições de produção. O sujeito, historicamente determinado, afetado pelo inconsciente e identificado com uma ideologia, tem seu dizer regido por esses processos. O sujeito é entendido não como origem do seu dizer, nem dotado de estratégias, mas como “descentrado que age sob a ilusão de estar na origem de seu dizer, mas que, de fato, precisa imergir no interdiscurso para poder dizer, pois aí reside o repetível, a memória discursiva que lhe permite dizer” (INDURSKY, 2006, p. 69).

O que apontam Ernst-Pereira, Cazarin e Quevedo (2013) é que o interdiscurso, para ancorar-se, intervém por dois tipos de funcionamento, sendo esses o pré-construído e a articulação de enunciados. Desse modo, “o pré-construído é ‘aquilo que todo mundo sabe’ (conteúdo de um sujeito universal, suporte da identificação, e o que todos veem como evidente em um ‘contexto situacional’)” (ERNST-PEREIRA; CARAZIN; QUEVEDO, 2013, p. 135). Ainda, como denomina Courtine (2014), o pré-construído:

Designa uma construção anterior, exterior, independente por oposição ao que é construído na enunciação. Ele marca a existência de um descompasso entre o interdiscurso como lugar de construção do pré-construído, e o intradiscurso, como lugar da enunciação por um sujeito. Trata-se do efeito discursivo ligado ao encaixe sintático: um elemento do interdiscurso nominaliza-se e inscreve-se no intradiscurso sob forma de pré-construído, isto é, como se esse elemento já se encontrava ali. (COURTINE, 2014, p. 74).

Sabe-se que as condições de produção de um texto “relacionam este texto a sujeitos históricos, que se identificam com uma formação discursiva, e estão inscritos em lugares sociais, construídos ideologicamente” (INDURSKY, 2006, p. 69). O sujeito se inscreve em uma formação discursiva, o que torna possível que diga e que produza seu texto, pois “toda formação discursiva deriva de condições de produção específicas” (PÊCHEUX; FUCHS, 2014[1975], p. 164). Assim, “pode-se pensar o texto como um espaço discursivo, não fechado em si mesmo” (INDURSKY, 2006, p. 69), uma vez que esse estabelece relações com o contexto, com outros

textos e outros discursos. Por isso, organizo um arquivo com matérias do *Lampião*, e da seção de cartas do periódico (as cartas dos leitores e as respostas dos editores para algumas cartas), mas também da grande imprensa no final dos anos 70, pois para considerar as condições de produção, foi preciso realizar um batimento entre o que o jornal dizia e o que era dito em outros espaços. Isso porque, como diz Orlandi (1995):

O texto, visto na perspectiva do discurso, não é uma unidade fechada – embora, como unidade de análise, ele possa ser considerado uma unidade inteira – pois ele tem relação com outros textos (existentes, possíveis ou imaginários), com suas condições de produção (os sujeitos e a situação), com o que chamamos sua exterioridade constitutiva (o interdiscurso: a memória do dizer). (ORLANDI, 1995, p. 112).

Nesse sentido, a análise que interessa para a AD “é o que o texto organiza em sua discursividade, em relação à ordem da língua e a das coisas: a sua materialidade” (ORLANDI, 1995, p. 114). Ademais, segundo a autora, é a partir da noção de que o texto é parte de um processo discursivo, que o analista se debruçará sobre o discurso, ou melhor, sobre o processo discursivo que faz o texto significar (ORLANDI, 1995, p. 117). Assim, o discurso, composto por uma multiplicidade de discursos, saberes dispersos, fragmentos que se aproximam controlados pela ideologia que interpela o sujeito, em que o já-sabido intervém e atribui sentido, “se materializa no texto pela língua.” (MITTMANN, 2010, p. 86).

O trabalho do analista é percorrer a via pela qual a ordem do discurso se materializa na estruturação do texto (e a da língua na ideologia). Isso corresponde a saber como o discurso se textualiza. Dessa maneira, partirei de textos de diferentes periódicos que discursivizam sobre a homossexualidade antes do surgimento do *Lampião*, tendo em vista que o jornal ascende como instaurador do movimento gay no Brasil. O batimento entre diferentes matérias permite traçar o discurso outro que retorna no discurso de *Lampião* e seus leitores.

O discurso é prática da linguagem que funciona no encadeamento de fragmentos como um processo discursivo, que faz significar e que estabiliza (ou não) os sentidos. Sabe-se que, por esse encadeamento, efeito do sujeito interpelado ideologicamente, o texto se torna também uma materialidade ideológica. Pois é “nesse quadro que é considerada a relação das ideologias com o discurso. Se as ideologias têm uma ‘existência material’, o discursivo será considerado como um de seus aspectos materiais.” (COURTINE, 2014, p. 72). Tal existência material se dá pelas formações ideológicas, que “comportam necessariamente, como um de seus componentes, uma ou várias formações discursivas interligadas que determinam o que pode e deve ser dito a partir de uma posição dada numa conjuntura” (PÊCHEUX; FUCHS, 2014[1975], p. 164).

Pêcheux e Fuchs colocam que “a produção do sentido é estritamente indissociável da relação de paráfrase entre sequências tais que a família parafrástica destas sequências constitui o que se poderia chamar a ‘matriz do sentido’” (PÊCHEUX; FUCHS, 2014[1975], p. 167). Temos, assim, que o efeito de sentido é constituído a partir das relações na família parafrástica de uma formação discursiva:

afirmamos que o ‘sentido’ de uma sequência só é materialmente concebível na medida em que se concebe esta sequência como pertencente necessariamente a esta ou aquela formação discursiva (o que explica, de passagem, que ela possa ter vários sentidos). É este fato de toda sequência pertencer necessariamente a uma formação discursiva para que seja “dotada de sentido” que se acha recalcado para o (ou pelo?) sujeito e recoberto por este último, pela ilusão de estar na fonte do sentido, sob a forma da retomada pelo sujeito de um sentido universal preexistente. (PÊCHEUX; FUCHS, 2014[1975], p. 168).

Os processos discursivos são realizados no sujeito que se inscreve em uma formação discursiva, que regula o que se diz, como também o coloca como sujeito interpelado ideologicamente. Ou seja, o sujeito só diz o que diz por conta da ideologia que o interpela, assim como o que diz só tem algum sentido de acordo com a formação discursiva a qual está inscrito: “É no interior de uma FD que se realiza o ‘assujeitamento’ do sujeito (ideológico) do discurso.” (COURTINE, 2014, p. 73).

Sujeito, língua e ideologia estão relacionados, de modo que “um *corpus* discursivo como um conjunto de sequências discursivas”, aquilo que se materializa no fio sintático, é “estruturado segundo um plano definido em relação a um certo estado das CP do discurso.” (COURTINE, 2014, p. 54). Assim, o movimento de análises vai da leitura do arquivo, formado pelo conjunto de matérias, cartas e textos de respostas dos leitores, de onde são recortadas sequências discursivas que formam o *corpus* discursivo.

Por fim, pontuo o que proponho em cada capítulo a seguir. Tendo esclarecido as condições de produção do discurso, sua relação com o texto e a ideologia, e explorado as noções de formação discursiva, sentido e exterioridade posso partir para as análises dos processos discursivos em diferentes materialidades do *Lampião* e da grande imprensa acerca do movimento gay brasileiro e o discurso de militância da homossexualidade. Esclareço que não esgotei essas noções teóricas neste primeiro espaço, pois há momentos no texto, ainda, que retomo pontos importantes acerca das categorias de análise que mobilizo. Realizo o movimento do pêndulo, do batimento entre teoria e análise.

No capítulo 1, partindo da noção de heterogeneidade discursiva, organizo um *corpus* empírico composto de alguns textos da grande imprensa sobre a homossexualidade no ano de

1977, um ano anterior à inauguração do *Lampião*, e textos publicados no próprio jornal. No movimento de recorte, seleciono sequências discursivas que dão pistas sobre a construção e legitimação da formação discursiva na qual o discurso militante da homossexualidade se insere e como o efeito de legitimação de uma identidade gay é apresentado na interlocução entre jornal e leitores. Exploro, dessa maneira, os funcionamentos discursivos da negação e nomeio a formação discursiva em análise.

No capítulo 2, exploro como o discurso militante do editorial se apresenta como uma espécie de discurso pedagógico, e como esse funciona na interlocução com os leitores em suas cartas, construindo diferentes efeitos leitores que mostram o funcionamento didático do jornal. Recorto as sequências discursivas das cartas dos leitores e das respostas dos editores aos leitores e analiso como se constrói o lugar discursivo dos sujeitos interlocutores nesses processos e as posições-sujeito que são comportadas por esses lugares. Reflito, ainda, sobre as diferentes designações, as legitimações de identidade que são postas em questão, os embates entre periódico e leitores, a atualização e a ressignificação de termos usados para se referir aos homossexuais.

Pensar que a mesa ainda está posta é pensar na possibilidade de múltiplas análises das cartas publicadas na seção e do próprio *Lampião*. É analisar os processos discursivos, pensando a história, a memória e a atualidade desse discurso. É viver, reviver e celebrar o movimento LGBTI+, em que sujeitos já ressignificaram seu próprio vale, e esse não é mais localizado no inferno cristão¹², como um vale de lamentações e sofrimento. Esse é aqui e agora, em tempo de luta, de resistência, de sobrevivência, de arte, de paixão por viver e também de amores para viver.

¹² Desde 2011, circula em diversas redes um vídeo produzido por uma pastora que conta ter visitado o inferno cristão. Também circulava manchetes do tipo “Pastora afirma ter ido ao inferno 15 vezes e encontrado vale dos homossexuais”. *O vale*, para a comunidade, surge com um significado subversivo ao apontado pela pastora, significando como um lugar de paz e alegria para LGBTI+ viverem na terra. Esse enunciado de visita ao lugar de castigo dos homossexuais é sempre revivido. Fonte: <https://istoe.com.br/pastora-causa-revolta-ao-dizer-que-viu-paulo-gustavo-e-mc-kevin-no-inferno/>.

Capítulo Um

OUTRAS VOZES E O LAMPIÃO DA ESQUINA

Desamarrar as vozes, dessonhar os sonhos: escrevo querendo revelar o real maravilhoso, e descubro o real maravilhoso no exato centro do real horroroso da América. Nestas terras, a cabeça do deus Eleguá leva a morte na nuca e a vida na cara. Cada promessa é uma ameaça; cada perda, um encontro. Dos medos nascem as coragens; e das dúvidas, as certezas. Os sonhos anunciam outra realidade possível e os delírios, outra razão. Somos, enfim, o que fazemos para transformar o que somos. A identidade não é uma peça de museu, quietinha na vitrine, mas a sempre assombrosa síntese das contradições nossas de cada dia. Nessa fé, fugitiva, eu creio. Para mim, é a única fé digna de confiança, porque é parecida com o bicho humano, fodido mas sagrado, e à louca aventura de viver no mundo.¹³

¹³ GALEANO, Eduardo. Celebração das Contradições II. In: O livro dos abraços. Porto Alegre: L&PM, 2015.

Partindo da ideia de que uma linguagem politicamente incorreta também pode ser aquela que fomenta discursos de ódio – termos, expressões e proposições que injuriam sujeitos – as reflexões apresentadas neste capítulo buscam retomar alguns dos termos que já foram utilizados (alguns ainda são) para referir-se aos homossexuais ao longo da história, como *bicha*, *boneca*, *viado*. Assim, para pensar os processos discursivos na produção de sentidos, no que se refere ao funcionamento da língua no meio LGBTI+ e no *discurso outro*, coloco em análise a heterogeneidade discursiva como processo discursivo base para refletir, ainda, sobre a designação e ressignificação de sentidos, bem como funcionamentos discursivos da negação. A partir disso, esses processos discursivos nos darão as pistas para a delimitação das formações discursivas em análise.

Dessa forma, neste capítulo, analiso também a mudança de termos, em materialidades do jornal *Lampião da Esquina*, em batimento com matérias publicadas em 1977 na grande imprensa. Este capítulo é construído no intuito de pensarmos as práticas linguísticas envolvidas na produção de sentidos sobre e da comunidade LGBTI+, buscando analisar como preconceitos são produzidos nas formações discursivas (FD). Com isso, coloco em questão que, além da necessidade de reconhecer e denunciar o discurso de ódio, também é necessário que os processos discursivos pelos quais ele é construído sejam postos em discussão para construirmos uma sociedade menos violenta contra a diversidade de gênero e sexualidades.

Seguindo com a discussão já apresentada no capítulo de introdução, retomo algumas considerações acerca do *Lampião* na década de 70. Péret (2012) explora como o período foi bastante conturbado em nosso país. A ditadura militar no Brasil foi uma época violenta, em que um regime de censura era imposto e, com isso, a imprensa foi alvo sistemático de perseguição e controle (PÉRET, 2012, p. 45).

A autora discute que a juventude brasileira vivia uma dicotomia: engajar-se politicamente ou aproveitar a vida sem se preocupar com a política. E a imprensa alternativa refletia tal dicotomia. Com isso, a autora nos traz que os editoriais que surgiram enquanto imprensa gay

abandonaram o discurso puramente político e começaram a atacar, pela via do deboche e da sátira, tanto a ditadura militar como a caretice e o moralismo sexual vigentes. Embora a revolução de costumes dos anos 1970 sinalizasse maior aceitação da homossexualidade, a tríade família-Estado-igreja ainda atuava (e atua) com violência sobre o corpo e o desejo dos indivíduos. (PÉRET, 2012, p. 46).

Nesse sentido, *Lampião* nasce com a missão de discutir a homossexualidade com homossexuais, mas também para desmi(s)tificar tabus sobre a comunidade para a sociedade em

geral. Tanto no texto de Péret, como em algumas publicações da mídia encontradas, a visita ao Brasil do editor da revista *Gay Sunshine*, dos Estados Unidos da América (EUA), Winston Leyland, é noticiada como um marco para o movimento homossexual brasileiro. Tal periódico, bastante circulado nos EUA e comentado no mundo, foi inspiração para criação de outros. Enquanto Leyland buscava realizar uma pesquisa sobre literatura homoerótica na América Latina, reunindo autores e textos, a grande imprensa enfocava a viagem já como um importante passo para a comunidade LGBTI+ brasileira se estabelecer e conquistar espaços – visto o reconhecimento que o editor possuía mundialmente com sua editora e publicações.

Nesse ínterim, o editor concedeu entrevistas para diversas revistas e se reuniu com algumas pessoas – escritores, artistas e intelectuais homossexuais. Desses encontros, surgiu a ideia de uma publicação para tratar sobre a homossexualidade aqui no país, o que possibilitou a origem do *Lampião*.

O nome *Lampião*, além de fazer referência direta ao cangaceiro, conhecido por sua coragem e valentia, aludia à ideia de iluminar a cabeça das pessoas para novas concepções e comportamentos. O jornal diferenciava-se da imprensa gay que o precedeu pelo enfoque político que dava ao tema da homossexualidade. **Sem abandonar o humor, o vocabulário gay, a ironia e o sarcasmo, [...] apostando em uma construção positiva da identidade gay.** (PÉRET, 2012, p. 49) (grifos nossos).

A linguagem, mais uma vez, é apontada pela autora como uma das características do periódico. Termos, palavras e vocabulário são tratados especificamente como um glossário gay, um instrumento de regulação e controle da língua que constrói a identidade homossexual – de forma positiva, ao contrário do que vinha sendo construído na produção discursiva da grande mídia. Além disso, a adoção de termos, como *bicha*, *lésbica*, *viado*, era uma contrapartida ao veto que a grande imprensa havia imposto. Tais termos não circulavam em espaços tradicionais, e a tomada de posição do *Lampião*, ao utilizá-los, é entendida como política subversiva e que se materializa, principalmente, com os modos de linguagem específicos da comunidade.

Foi a partir desses posicionamentos que os editores do jornal foram enquadrados em crimes contra a moral e bons costumes, por exemplo. Observamos, por conseguinte, que a linguagem desempenhou um papel fundamental nas relações sociais e políticas da comunidade LGBTI+. Foi e é por meio dela que identidades são construídas, discussões são fomentadas e uma luta discursiva é instaurada.

O arquivo que analiso e como esse se constitui é o que pretendo esclarecer nas próximas linhas. Saliento que o *arquivo* se constitui do gesto analítico que reúne diferentes materialidades textuais. Desse modo, “do lado do arquivo, o sentido é convocado a partir de uma diversidade

máxima de textos, de dispositivos de arquivos específicos sobre um tema, um acontecimento, um itinerário” (GUILHAUMOU; MALDIDIER; ROBIN, 2016, p. 238). Ademais, evidenciando a leitura do arquivo como um gesto de análise, os autores colocam:

Longe de uma leitura plural que adiciona textos e sentidos, o arquivo “exibe”, de algum modo, um sentido determinado; ele introduz restrições na descrição do semantismo dos enunciados. Do lado da língua, não é apenas através das palavras, mas através de mecanismos sintáticos e enunciativos que o sentido se produz. A dupla materialidade do arquivo e da língua constitui, então, a base da Análise de Discurso. (GUILHAUMOU; MALDIDIER; ROBIN, 2016, p. 238).

Essas definições podem ser postas em diálogo, ainda, com o que Pêcheux (2014) descreve em seus estudos, que tem o arquivo entendido no sentido amplo de “campo de documentos pertinentes e disponíveis sobre uma questão”. (PÊCHEUX, 2014c [1982], p. 59). Para o autor, o nó central de um trabalho de leitura de arquivo é feito na relação da língua com a discursividade, ou seja, do sistema sintático intrinsecamente passível de jogo e da inscrição de efeitos linguísticos materiais na história (PÊCHEUX, 2014c [1982], p. 66). Isto é, a língua como passível de falhas, deslizos, equívocos e base dos processos discursivos e os processos de efeitos de evidência como objeto da análise, justamente os processos que estão nas margens e nos deslizamentos de sentidos.

Depois de lido todas as edições do *Lampião*, efetuei uma seleção de textos a fim de compor o arquivo para análise. Além de matérias do *Lampião*, selecionei também matérias publicadas em 1977 na grande imprensa e que debatiam a temática deste capítulo. Elaborei no quadro abaixo informações acerca do *corpus* empírico de análise deste capítulo, como o título dos textos que compõem o arquivo, os periódicos onde foram publicados, as datas de publicação e as autorias – esse é um primeiro recorte do arquivo, ou seja, o primeiro gesto de decupagem.

Quadro 1 - Arquivo de matérias

(Continua)

PERIÓDICO	PUBLICAÇÃO	AUTORIA	DATA
Veja	Um gay power à brasileira	Não informada	24 de agosto de 1977
Manchete	Os acordes da liberação gay	José Saffioti Filho	10 de setembro de 1977
Isto É	Convite aos homossexuais	Elice Munerato e Myriam Campello	21 de setembro de 1977
Folha de São Paulo	A identidade de uma minoria	Jairo Ferreira	03 de outubro de 1977

(Continuação)

Lampião da Esquina	Saindo do gueto (matéria)	Editorial	Abril de 1978
	Lendo o número zero (carta)	C.S.S	Maio de 1978
	Nossas gaiolas comuns (matéria)	Mariza	Maio de 1978
	Ecos do número zero (cartas)	Vários autores	Junho de 1978
	Homossexualismo: que coisa é essa? (matéria)	Darcy Penteado	Junho de 1978

Fonte: Elaborado pelo autor, 2022.

Barbosa Filho (2019, p. 34) diz que o arquivo não contém nada, mas articula na horizontalidade da sintaxe uma trama de discursividades distintas cujo efeito de linearidade satura a historicidade no efeito de sequência. Sendo assim, o trabalho com o arquivo se faz no desfazer desse efeito. Para a montagem do *corpus* de análise, sigo o trabalho do autor, com as seguintes etapas: decupagem do arquivo em corpus, dessintagmatização e análise das sequências discursivas (SD). Esses três processos vão ser realizados em cada capítulo em que um corpus discursivo é analisado. Os procedimentos de dessintagmatização e de análise das SDs se caracterizam da seguinte forma:

Dessintagmatização: permite que a análise se debruce sobre certas construções específicas e que se dê visibilidade à materialidade discursiva como uma materialidade distinta da materialidade linguística ao mesmo tempo em que afirma que só existe processo discursivo a partir da base (equivoca) da língua;

Análise das SDs: remissão de certas construções a domínios de memória que funcionam, no interdiscurso, como um espaço do já-dito e, sobretudo, ligados a outras formulações e enunciados, dando visibilidade ao discurso como articulação da língua com a ideologia, com a memória, com ausência e com o alhures (BARBOSA FILHO, 2019, p. 37-38).

Dessa maneira, o gesto de análise que desenvolvo traz à tona acontecimentos históricos que permitem delinear as condições de produção desses discursos sobre a homossexualidade no momento de instauração de um *Movimento Homossexual Brasileiro*. É na história, mas principalmente no fio discursivo da sintaxe, na língua, que podemos interpretar como se delineiam esses processos discursivos que fundam não só o *Lampião*, como também o movimento gay e uma identidade homossexual no país no final dos anos 1970.

1.1 Um *Gay Power* à brasileira

Em entrevista, João Silvério Trevisan, um dos editores, responde às questões sobre a criação do *Lampião*, como também explicita mais sobre a importância do *Gay Sunshine*. Diante disso, evidencia-se a colaboração do editor Leyland e influência do seu jornal na criação do *Lampião*.

Eu voltei para o Brasil em 1976. No ano seguinte, Winston Leyland, diretor e dono do *Gay Sunshine*, veio ao país. [...] Era um jornal rico, muito provocador, suscitava embates e discussões sobre temas novos e polêmicos. Quando ele estava no Brasil, no final de 1977, aconteceu uma reunião na casa do Darcy Penteadado, em São Paulo. [...] Várias pessoas participaram desse encontro: eu, o Aguinaldo Silva, o Peter Fry, além do Darcy. Inspirados pela presença dele, tivemos a ideia de criar um jornal de homossexuais para homossexuais, uma publicação que tivesse uma posição política bem marcada, a partir do ponto de vista dos direitos homossexuais. (PÉRET, 2012, p. 123-124).

A influência do jornal americano e de seu editor na imprensa gay brasileira, principalmente nesse momento que se inaugura com o *Lampião*, direciona uma imprensa que vem desempenhar o papel de construção de diversas determinações ou diretrizes para o movimento homossexual brasileiro, como uma identidade, o que pode ser feito, o que pode ser dito etc. Logo, mobilizar textos para análise que registram esse momento se faz importante, visto que o discurso da grande imprensa sobre o *Lampião* e a homossexualidade na época nos interessa para compreender as instaurações de sentidos em relação a certos termos e dizeres. Também, mobilizar sequências discursivas desses textos possibilita compreender as condições de produção determinantes no discurso do próprio *Lampião*.

Green (2019) define Copacabana (Rio de Janeiro) como um lugar onde inúmeros estabelecimentos existiam para a socialização dos homossexuais na década de 1950. Além disso, o autor cita como publicações na grande imprensa se referiam aos homens gays que frequentavam tais lugares: “vítimas de desarranjos glandulares”, em artigo da revista *Manchete*, e “consumados cafajestes, fáceis borboletas, restos do pós-guerra mundial, bonitões cuja profissão é, isso mesmo, pervertidos, homossexuais”. Ainda, tamanha homofobia destilada e estimulada pela grande imprensa fez com que proprietários de diversos locais proibissem homossexuais de ali se expressarem. Tal censura perdurou durante os anos seguintes e foi mais forte e sangrenta durante a ditadura militar.

A cena começa a mudar a partir da década de 70. Em 1977, segundo Green (2019), mobilizações estudantis, movimento de trabalhadores e movimentos sociais em geral construíram a ponte para que se multiplicasse a oposição ao governo e a distribuição de jornais

alternativos, desencadeando no momento de redemocratização do país. É nesse momento que “ativistas gays e feministas viram uns aos outros como aliados naturais contra o sexismo e uma cultura dominada pelo machismo” (GREEN, 2019, p. 404). A luta que se alavancou, que traz reflexos até os dias de hoje e é ainda tão necessária, foi o que gerou o espaço preciso para que os homossexuais se organizassem “no intuito de lançar as fundações para a construção de um movimento gay” (GREEN, 2019, p. 405).

Gay Power, como o movimento de libertação gay foi rotulado pela mídia, nascido nos EUA, ganhou forças em diferentes partes do mundo. No Brasil, não foi diferente. A seguir, me proponho a analisar uma matéria publicada na revista *Veja*, no ano de 1977, intitulada “Um Gay Power à brasileira”. O texto apresenta os jornais da imprensa gay que circulavam no Brasil, e afirmava que “os homossexuais brasileiros ganham, enfim, porta-vozes mais próximos, com o surgimento de seções e periódicos dirigidos aos seus interesses imediatos.” (*Veja*, 24 de agosto de 1977). O título da matéria movimenta um efeito de sentido relacionado ao movimento internacional, logo, o destaque agora seria para o nosso país, ou seja, como o movimento está se desenvolvendo nacionalmente. O termo *power* é atualizado para o movimento gay a partir do movimento *Black Power*, que lutava pela promoção dos direitos da pessoa negra, tramado no final da década de 60 nos EUA. Assim, o título da matéria também traz o termo *power*, carregando o sentido de movimento social de luta por direitos, e o atualiza para o contexto geográfico, *à brasileira*.

Sabendo disso, inicio a mobilização de sequências discursivas que trazem o dito sobre a homossexualidade na grande imprensa. Não só a *Veja*, como outras revistas, trazem diferentes matérias sobre o que foi discutido até aqui. Portanto, a montagem do arquivo surge das diversas leituras realizadas em livros e trabalhos acadêmicos de sociólogos, historiadores e antropólogos, sendo que sempre se apontou para as notícias da grande imprensa e que essas retratavam a homossexualidade de tal maneira, que tais termos eram proibidos e/ou não utilizados etc. Logo, estabeleço o recorte temporal do ano de 1977 e busco notícias que materializam os fatos que discuti até agora e que dão pistas sobre como o movimento homossexual brasileiro começa a se delinear. A oportunidade de olhar para estes textos é também a de compreender os processos discursivos que estão em jogo nas denominações e descrições da homossexualidade no dado período histórico.

Na publicação da revista *Veja*, dois são os textos que tratam da homossexualidade. Um, em específico, traz uma pesquisa geral sobre a presença de homossexuais nos EUA e apresenta dados, como número de estabelecimentos aliados, jornais, movimentos e, até mesmo, o número de homossexuais no país. O outro texto faz esse batimento de como está o movimento gay no

Brasil, estabelecendo para esse a importância da imprensa alternativa no crescimento do mesmo e dados sobre empreendimentos. Como os dizeres sobre a homossexualidade são o que interessa na construção deste capítulo, observemos as SDs a seguir:

(SD1) 10% dos americanos tiveram ao menos uma experiência homossexual – mas não se trata de homossexuais. **Estes**, os “**assumidos**”, não seriam mais do que 4%. (Editorial, Revista *Veja*, “Um gay power à brasileira”, de 24 de agosto de 1977, grifos nossos).

(SD2) Pouco a pouco, segundo sua própria linguagem, **eles** vão afinal “**se assumindo**”. (Editorial, Revista *Veja*, “Um gay power à brasileira”, de 24 de agosto de 1977, grifos nossos).

(SD3) É verdade que, à crua palavra “**homossexual**”, **eles** ainda preferem a relativa discrição do inglês gay, ou as variações do verbo “**entender**”. (Editorial, Revista *Veja*, “Um gay power à brasileira”, de 24 de agosto de 1977, grifos nossos).

Nas três SDs trazidas, é possível analisar o quanto o discurso presente na grande imprensa se refere ao sujeito homossexual com termos que o grupo supostamente utiliza. O uso das aspas nas palavras de tal universo desconhecido e/ou estrangeiro marca, em um primeiro momento, o efeito de que esses termos não pertencem àquela publicação, como se afirmasse: “é deles, pegamos emprestado”. Ademais, me atento para esse funcionamento linguístico que coloca o que é dito como discurso outro, é “segundo a sua própria linguagem”, a linguagem deles, os homossexuais. Ao mesmo tempo que a publicação traz visibilidade para o movimento, também importa termos como se se isentasse da responsabilidade de uso, um efeito de sentido de isenção, causado principalmente pelo uso das aspas.

As materialidades das SDs 1, 2 e 3 são compostas de uma heterogeneidade discursiva. Ali, o *discurso outro* que é evocado é o do movimento gay, seja para apresentá-lo como de fato é, seja para mostrar a quem pertencem certas palavras. Nesse sentido, cabe explorar o discurso do grupo homossexual como discurso outro que constitui o que circula na grande imprensa – movimento que pode ser observado também como abertura ao discurso da homossexualidade.

Authier-Revuz (2004 [1980]) quando trata das aspas no uso do idioma francês, traz que esse sinal de distância pode possuir dois valores diferentes: o de autonomia e de conotação autonímica. “O elemento autonímico constitui, no enunciado em que figura, um corpo estranho, um objeto “mostrado” ao receptor; nesse sentido, pode-se considerar essas palavras aspeadas como “mantidas a distância” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 218). Cabe pensar, então, como se mantém afastado o termo “gay” usado no recorte discursivo anterior.

Essas aspas são a marca de uma operação metalinguística local de distanciamento: uma palavra, durante o discurso, é designada na intenção do receptor como objeto, o lugar de uma suspensão de responsabilidade – daquela que normalmente funciona para as outras palavras. Essa suspensão de responsabilidade determina uma espécie de vazio a preencher, através de uma interpretação, um “apelo de glosa”, se assim se pode dizer, glosa que, às vezes, se explicita, permanecendo mais frequentemente implícita. (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 219).

O que podemos pensar, diante disso, é a presença dos termos do movimento homossexual sendo reproduzidos em outra materialidade, no caso, o texto da matéria. Essa presença marcada pelo uso de aspas se caracteriza como delimitadora do discurso outro. Cabe observar, ainda, quais efeitos o empréstimo de termos realizado constrói. Ao tempo que a própria revista opta por utilizar o termo *homossexual* sem aspas e as expressões “assumidos”, “se assumindo” e “entender”, delimitadas por aspas, marcando que os termos são outros que circulam na própria comunidade e que, aos olhos dessa imprensa, não são termos oficiais/dicionarizados/ da ciência.

Diversas são as materialidades que colocam termos e enunciados do movimento gay como um glossário próprio. Ademais, sobre a preferência de uso do termo “homossexual”, é possível compreender essa com base nos estudos médicos, que criou a figura clínica do homossexual. Na SD3, a denominação de “crua palavra”, para o termo homossexual aspeado, coloca o efeito de sentido de origem. Ou seja, homossexual é o único termo científico que deveria funcionar, que não está equivocado, nem enfeitado em uso autonímico, que também cristaliza sentidos em detrimento do apagamento de outros. Trevisan (2018) após apresentar diversos estudos, sob uma perspectiva histórica, os quais foram realizados com homossexuais, afirma que:

Os estudiosos buscavam conhecimentos de todos os aspectos da sexualidade desviante. Mas, para viabilizar suas abordagens, **era necessária uma definição rigorosamente científica**. Surgiu então a figura clínica do homossexual, termo lançado pela primeira vez em 1869, na Alemanha, pelo médico austro-húngaro Karl Maria Kertbeny, e desde então amplamente utilizado pela ciência, inclusive no Brasil. (TREVISAN, 2018, p. 173) (grifos nossos).

Associar o discurso da grande imprensa ao discurso médico não é difícil. Pensar, ainda, que a identidade homossexual nasce no contexto médico psiquiátrico faz com que entendamos os outros diferentes termos que surgiram como sinônimo para a categoria, como *desviantes*, *afetados*, *anormais*, *doentes* etc. Marcar com aspas o discurso outro, daqueles que se dizem gays, assumidos, entendidos, é marcar o posicionamento com o qual não se concorda. Apesar de importar termos, o empréstimo serve somente para colocar em evidência que existe um termo

correto (e esse carregado de cunho pejorativo). Acerca do uso preconceituoso, além do termo como pejoração, outras questões devem ser mobilizadas, e não apenas a marcação do discurso outro. Porquanto, continuo com a análise a qual me propus neste capítulo e retorno para essa questão posteriormente.

1.2 Antes era tudo boneca e bofe

As décadas de 50 e 60 são marcadas, segundo Green (2019), pela ascensão de novas palavras, novos espaços e novas identidades. O autor referencia diversos estudos que se preocuparam em entender o comportamento de homossexuais, como os lugares que frequentavam e como se relacionavam, apesar de esses estudos se voltarem principalmente para as cidades do Rio de Janeiro e São Paulo. É compreensível que tais estudos foquem nessas cidades, visto que as duas metrópoles foram e continuam sendo as maiores do Brasil, porém, a carência de estudos com o mesmo teor em outros estados, capitais e cidades é uma questão a ser resolvida, o que justifica trabalhos futuros que visem tal feito.

Ademais, Green (2019) aponta para a complexidade das identidades sexuais que coexistiam dentro de uma chamada subcultura homossexual, essa que então marcava novas palavras, espaços e identidades. O avanço desses três fatores está associado à imprensa e parte do papel que o jornal *O Snob* desempenhou, principalmente nos anos 60, e que circulou demarcando que não era nem de direita nem de esquerda para não cair na repressão e proibição dos militares. Além disso, é dada ao *O Snob* a responsabilidade por trazer e fazer circular novos termos, modos de vida, de comportamento sexual e de interações entre o grupo.

Os membros do grupo de *O Snob* organizavam suas noções de gênero e de homossexualidade em torno da dualidade “boneca/bofe”. [...] Em grande medida, a construção boneca/bofe predominava entre homens das classes pobres e operárias, enquanto muitos homossexuais da classe média não mais estruturavam os papéis sociais de modo a imitar o comportamento heterossexual normativo de gênero. (GREEN, 2019, p. 311).

A relação boneca/bofe era entendida como uma relação sexual que replicava identidades de um modelo heterossexual e normativo, pois caracterizava as homossexualidades do mesmo modo que os gêneros homem e mulher (heterossexuais), as bonecas eram as que se identificavam (ou assim eram designadas) como uma mulher cis hétero, e os bofes seriam os homens cis héteros, contemplando ainda todas as construções de feminilidades e masculinidades atribuídas a esses papéis de gênero, ou seja, o homossexual efeminado era

associado à mulher feminina. Por conta disso, muito se relacionou o homossexual à identidade de boneca, assim como ao termo *entendido*. “O termo ‘homossexual’, na forma como era usado [...], referia-se aos bichas e bonecas e não aos bofes.” (GREEN, 2019, p. 313). Nesse sentido, a identidade do homossexual era construída em relação à identidade de mulher feminina; o bofe, portanto, mesmo participando de uma relação homoafetiva, não era tido como homossexual. Em outras palavras, só era gay o personagem do relacionamento homoafetivo que se comportasse/agisse com feminilidade, o que é colocado como gesticulações, trejeitos, pompas etc.

O que podemos perceber em todo esse processo discursivo que vai construindo não só identidades, mas termos que designam pessoas e comportamentos e que vão passando por diversas disputas de significado, é que a imprensa, seja ela alternativa ou não, só reproduzia um discurso médico. Ainda, o *Lampião*, que surgiu com outras noções quando discutia gênero e sexualidade, que se marcou politicamente, foi o responsável por colocar em debate essas disputas pelos sentidos e por (des)construir também significados.

Outrossim, o discurso médico na época, a partir de diversos estudos também sobre os homens gays, os colocou em normas que imitavam as tradicionais de gênero e sexualidade de um sistema centrado na cisgeneridade e heterossexualidade. Mesmo provado que as possibilidades de alternativas para vivenciar a sexualidade e identidades de gênero eram enormes, tanto o jornal *O Snob* quanto seu público reproduziram um discurso médico, atribuindo, como visto, papéis sexuais a novas identidades exercidas pelos homens gays.

Disso, podemos pensar o quanto a própria homofobia se constrói dentro da comunidade LGBTI+, em que os homens, mesmo exercendo um comportamento sexual da homossexualidade, não assumem uma identidade homossexual por questões relacionadas a como essa é designada (considerando, claro, os casos em que o comportamento sexual tem a ver com a identidade homossexual). Ou seja, a figura do gay, do homossexual, é associada frequentemente à figura do feminino e da feminilidade enquanto frágeis e submissas aos homens (o que denota também um pensamento machista). Dessarte, o papel que o *Lampião* desenvolve ao promover outros sistemas sexuais é o de desconstruir noções homofóbicas e machistas dentro e fora do movimento gay na luta discursiva pelos sentidos, mas esse papel não se limitou a isso, pois há momentos em que o sistema de gênero cis normativo é reafirmado. Logo, a crítica a esse modelo já se iniciava algum tempo antes.

Já em 1966, o modelo bicha/bofe recebia críticas severas ao menos por parte de um dos membros de *O Snob*. Hélio, conhecido como Gato Preto, considerava-se um

homossexual, mas não uma boneca. [...] Questionava com persistência os papéis sociais e sexuais rígidos assumidos pelas bonecas. (GREEN, 2019, p. 317).

A década de 60 foi marcada por esse debate sobre identidades, em que alguns se sentiam seguros na reprodução de um sistema cis normativo e outros o criticavam arduamente e buscavam por outras noções, também dá luz à identidade dos “entendidos”. “Os antropólogos que escreveram sobre a homossexualidade no Brasil notaram o surgimento em 1960 de uma nova identidade gay de classe média.” (GREEN, 2019, p. 317). Nesse contexto, a noção de identidade parece ser entendida como fechada, ou seja, determinada pela diferença de outras identidades e pelas características intrínsecas e imutáveis do sujeito em relação ao seu comportamento social.

Edward McRae e Peter Fry, antropólogos estudiosos da homossexualidade, descrevem em suas obras o surgimento do termo “entendido” para descrever os homossexuais entre as classes médias. Tal termo possuía o sentido de que o homem, mesmo se entendendo/se assumindo enquanto homossexual, não carregava consigo características do gay boneca, mas se assumia, o que também não poderia se encaixar enquanto bofe. Chamar alguém de *entendido*, portanto, era identificar que a pessoa era gay, mas não afeminada, e isso muitas vezes foi associado com a figura do enrustido que não queria se assumir. Essa noção ainda é bastante comum, pois é preciso desconstruir que para ser gay não é preciso ser efeminado, assim como não é preciso ser passivo na relação sexual.

Segundo antropólogos, o entendido rejeitava os termos pejorativos, ligados ao gênero, tais como viado, louca ou bicha, assim como o comportamento vistoso e afetado. Ao contrário, o entendido preferia um termo de definição de sua identidade que refletisse sua persona pública mais resguardada. Além disso, McRae sugeriu que o entendido adotava um novo comportamento sexual “igualitário”, que não imitava a díade ativo/passivo, masculino/feminino associada à interação tradicional, hierárquica, homem/bicha. (GREEN, 2019, p. 318).

O termo *entendido* permaneceu, portanto, utilizado como um código que não possuía um sentido relacionado estritamente ao gay boneca, viado ou bicha. Foi empregado “como um sinônimo de um homossexual que não assumia um papel de gênero especificamente masculino ou feminino” (GREEN, 2019, p. 318). É como se o *bofe*, que antes não dizia que era homossexual por não ser efeminado, agora pudesse se dizer homossexual sob o significado do termo *entendido*. Contudo, o que observo também é a construção de uma identidade, no caso o *entendido*, para se distanciar da já pré-determinada *boneca/bicha*, bastante atravessada pelos saberes da discursividade médica.

Green (2019) também desenvolve em seu trabalho, com mais detalhes, fatos que ocorreram na cultura homossexual no Brasil na década de 70. Para ele, além de a década ser um período de revolta política e social, também se diferenciava a imprensa alternativa da década anterior, cujo teor político tomava frente. Porém, mesmo após um período de silenciamento devido à censura imposta pela ditadura, é reconhecido que o período de abertura política foi mais fácil para os homossexuais se movimentarem devido ao trabalho realizado nas décadas anteriores pelas bonecas.

Mesmo após políticas de repressão aos homossexuais, que nunca conseguiram acabar com todos, mas sim reprimir e forçar comportamentos heteronormativos, os gays brasileiros seguiram existindo. Logo, “apesar da censura do governo durante a década de 1970, informações esparsas sobre o surgimento e o crescimento do movimento internacional de gays e lésbicas começaram a encontrar espaço na imprensa brasileira” (GREEN, 2019, p. 426). É dado à grande imprensa, então, o reconhecimento de noticiar feitos internacionais dos grupos de gays e lésbicas, o que gerou acesso à informação e motivou o movimento homossexual brasileiro.

Nesse ínterim, em 1976, antigos leitores e redatores de *O Snob* produzem um novo periódico, o *Gente Gay*.

O termo inglês “gay”, familiar para os homossexuais cariocas e paulistas por mais de uma década, havia entrado no léxico popular. Depois que a mídia usara a expressão “gay power” para se referir ao movimento nos Estados Unidos e na Europa no começo dos anos 70, **a palavra perdeu seu caráter discreto de código**, como ocorrera com o termo “entendido”. (GREEN, 2019, p. 431) (grifos nossos).

A consolidação de uma nova identidade, para Green (2019), é perpassada por todas essas questões da imprensa. Seja quando a minoria homossexual se organizou para publicar na sua própria imprensa alternativa, seja quando a grande imprensa noticiou fatos internacionais. Por conta disso, observa-se o papel que o meio de comunicação teve para não só publicar e reproduzir ideais, como também expor fatos de uma cultura que se formava, construindo identidade(s), identificações, interlocutores, lugares e papéis sociais, assim como socializando termos, no sentido de tornar mais comum, difundido e reproduzido, como acontece com o termo *gay*, o qual os sentidos a ele atribuídos entra em litígio social e deixa de pertencer apenas a um grupo.

Por volta da década de 1970, uma nova identidade tomou conta da subcultura homossexual no Rio de Janeiro e em São Paulo. Esse processo começara de modo gradual nos anos 50 e 60 e refletia uma interação desigual e combinada de múltiplos

fatores. O espaço público expandido para a sociabilidade homossexual aumentou as oportunidades para as pessoas interagirem com outras que compartilhavam uma identidade. As influências da revolução sexual do fim da década de 1960 e o movimento gay internacional ofereciam formas diferentes de pensar sobre os papéis sexuais e de posicionar-se perante os modelos hegemônicos, e ajudaram as pessoas a agir com mais abertura em relação à sua sexualidade. (GREEN, 2019, p. 434).

A produção jornalística parece, desse modo, se ater a processos de designação. Esses, conseguinte, (des)construíram no fio do discurso as identidades às quais venho me referindo. Assim, podemos compreender a identidade, que também é construída discursivamente, linguística e histórica. São nesses processos linguísticos de referência e nomeação que a designação se efetua. Segundo Guimarães (2003, p. 53-54), a referência se caracteriza por ser o procedimento linguístico que funciona na enunciação pela enunciação, particularizando algo, a nomeação diz respeito a um funcionamento semântico pelo qual algo é nomeado (GUIMARÃES, 2003, p. 54), e a designação é o que o autor considera “a significação de um nome enquanto sua relação com outros nomes e com o mundo recortado historicamente pelo nome. A designação não é algo abstrato, mas linguístico e histórico.” (GUIMARÃES, 2003, p. 54).

Ademais, compreendo o processo de designação também como de identificação, ou seja, como a identidade é discursivamente definida. Por isso, observo no funcionamento jornalístico da imprensa gay um efeito de construção de identidades, pois foi a partir de tais textos que designações circularam socialmente e colaboraram, ainda, para a difusão de identidades.

As designações têm, em geral, um papel muito importante que não se reduz ao papel de indicar a existência de algo em algum lugar, nem mesmo ao de servir de rótulo para alguma coisa. Um nome, ao designar, funciona como elemento das relações sociais que ajuda a construir e das quais passa a fazer parte. (GUIMARÃES, 2003, p. 54).

Em um efeito de fecho para esses fatos históricos, resumo algumas questões a seguir, pois, somente assim, posso colocar outras em debate e análise. Desse modo, temos que as mudanças e/ou criações de uma identidade gay começaram nos anos 50, fato devido à criação do periódico *O Snob*, que colocou em debate identidades enquanto criava a dualidade bicha/bofe. Nos anos que seguiram, o termo “entendido” toma a cena por conta da pluralidade de ideias e do início de uma desconstrução dos papéis de gênero heteronormativos. Reproduzir a relação homem/mulher cis hétero foi o que homossexuais na época fizeram. Os anos 70 trazem mudanças de paradigmas graças à grande imprensa que noticiou fatos internacionais e o movimento gay brasileiro pôde se inspirar nas ideias que estavam acontecendo no mundo (principalmente nos EUA e na Europa).

Portanto, “entendido” já foi sinônimo de bicha ou boneca, como também já coube para representar homossexuais mais discretos (ou que não reproduziam o sistema heterossexual). No auge do movimento gay nos Estados Unidos, e assim a imprensa nacional o noticiando, o termo “gay” foi emprestado. Tanto na época quanto hoje, “gay” é sinônimo de homossexual masculino. “No ambiente cultural rigidamente generificado da década de 1950, a socialização homossexual no interior da subcultura reproduzia o sistema de gêneros normativo” (GREEN, 2019, p. 436). Essa construção amplamente difundida começou a ser desconstruída, ou pelo menos criticada, a partir da década de 60. Por fim,

A masculinidade já não era mais dissociada da homossexualidade. Em vez de ser “isso” ou “aquilo”, podia-se ser ambos. Mas isso não quer dizer que um sistema sexual substituiu o outro. O surgimento de um novo modelo coexistia com a polaridade bicha/bofe. O processo teve início na classe média urbana, ao passo que os homossexuais de áreas rurais e das classes mais baixas, com menor acesso a modelos alternativos, tendiam a reproduzir a construção bicha/bofe. (GREEN, 2019, p. 437).

Esses sistemas de sexualidade refletem o entendimento de espaços discursivos, ou seja, espaços logicamente estabilizados propostos por Pêcheux (2015 [1983], p. 31) onde supõe-se que “todo sujeito falante sabe do que se fala, porque todo enunciado produzido nesses espaços reflete propriedades estruturais independentes de sua enunciação: essas propriedades se inscrevem, transparentemente, em uma descrição adequada do universo”. Assim, algumas evidências lógico-práticas unificam esses espaços, são elas:

Um mesmo objeto X não pode estar ao mesmo tempo em duas localizações diferentes; um mesmo objeto X não pode ter a ver ao mesmo tempo com a propriedade P e a propriedade não-P; Um mesmo acontecimento A não pode ao mesmo tempo acontecer e não acontecer, etc. (PÊCHEUX, 2015 [1983], p. 31-32).

Essas evidências, que parecem ser colocadas como características de um discurso, criam uma homogeneidade lógica que condiciona “o logicamente representável como conjunto de proposições suscetíveis de serem verdadeiras ou falsas” mas que é “atravessado por uma série de equívocos” (PÊCHEUX, 2015 [1983], p. 32). O sujeito pragmático (concepção teórica) que suscita a necessidade de homogeneidade lógica, pode ser questionado, e fica em evidência o sistema que põe em jogo o estabilizado e o equívoco, o normatizado e o fora da norma. Assim, as técnicas de gestão social dos indivíduos que se preocupam em “marcá-los, identificá-los, classificá-los, compará-los, colocá-los em ordem, em colunas, em tabelas, reuni-los e separá-los segundo critérios definidos” (PÊCHEUX, 2015 [1983], p. 30), são colocadas em questão. Em outras palavras, os diferentes sistemas podem coexistir, desfazendo a lógica de que, em

determinada situação, temos um **ou** outro (estabilização), e compreendendo que um **e** outro, os dois ao mesmo tempo (equívoco) coexistem. Por isso, a pesquisa linguística, para Pêcheux, permite que se construam procedimentos capazes de abordar “o equívoco como fato estrutural implicado pela ordem do simbólico”:

O objeto da linguística (o próprio da língua) aparece assim atravessado por uma divisão discursiva entre dois espaços: o da manipulação de significações estabilizadas, normatizadas por uma higiene pedagógica do pensamento, e o de transformações do sentido, escapando a qualquer norma estabelecida a priori, de um trabalho do sentido sobre o sentido, tomados no relançar indefinido das interpretações. (PÊCHEUX, 2015 [1983], p. 51).

Fazer um apanhado histórico para pensar os sentidos que surgiram e foram alterados ou ressignificados não é o bastante para observar os processos discursivos. Pensar o discurso é mais do que pensar o efeito de sentido entre interlocutores, é também buscar os processos de produção de efeitos de evidência. É percebido, assim, o quanto o movimento homossexual foi se organizando, debatendo e colocando novas perspectivas de identidades em questão. Além das problemáticas sociais a serem resolvidas na sociedade em relação à homossexualidade, existiam também questões internas do movimento para serem debatidas.

Dessa maneira, vimos uma comunidade que vem criando/trazendo sempre novos termos, novas palavras, principalmente funcionando como códigos e com intuito de ser discreto. Seria esse somente um efeito do criativo? Penso que o processo de construção de novas identidades é motivado justamente por oposição a uma identidade já construída pela medicina que se alastrou socialmente, colocando os homossexuais na categoria de imorais, doentes etc. Mais do que isso, podemos pensar esse processo como efeito das modalidades da ideologia, das relações metafórico-semântica e sintático-metonímica, isto é, ideologia empírica ou especulativa. Conforme descritas por Pêcheux (sob o pseudônimo de Thomas Herbert), a forma empírica "concerne a relação de uma significação e de uma realidade", e a forma especulativa “concerne a articulação de significações entre si” (HERBERT/PÊCHEUX, 1995 [1967], p. 71). A ideologia funciona sob essas duas formas.

Os dois funcionamentos buscam assegurar o sentido do objeto com os novos termos surgidos no meio LGBTI+ numa tentativa de contenção do equívoco. Mas esse é inevitável, como nos coloca Herbert/Pêcheux (1995 [1967]), pois o esquecimento ocasionado dessa função é justamente de que o sujeito não é produtor nem distribuidor de significados. Desse modo, esquematizo os dois funcionamentos no quadro abaixo:

Quadro 2 - Funcionamento dos discursos sobre os termos

Relações metafórico-semânticas	Relações metonímico-sintáticas
<ul style="list-style-type: none"> ● Para assegurar os sentidos do objeto; ● Oposição aos termos externos; ● Surgimento de novos termos em oposição ao externo; ● Relação entre significação e realidade. 	<ul style="list-style-type: none"> ● Reafirmar e assegurar a “fixação” dos sentidos internos; ● Articulação interna entre os termos; ● Articulação de significações entre si.

Fonte: Elaborada pelo autor, 2022.

Se opor a termos, então, era também lutar por uma existência mais digna; enquanto o “ser discreto” parece ascender um efeito de proteção para os termos que se criavam, ou seja, uma tentativa de manter um único significado funcionando dentro da comunidade, era preciso cuidar para que os termos não “escorregassem” para a sociedade em geral, pois novos sentidos seriam atribuídos. Em outras palavras, já se instaurava uma luta por não permitir que a palavra fosse dita em outro lugar, por determinar palavras e sentidos dentro de uma formação discursiva. Assim, tornar o termo discreto e codificado seria a tentativa de não deslizamentos de sentidos. A respeito disso, proponho pensar o efeito metafórico suscitado nas SDs 1, 2 e 3, para depois voltar à discussão da heterogeneidade discursiva e do discurso outro com a mobilização de mais um recorte discursivo.

Pêcheux (2014b [1969]) nos coloca que é impossível analisar um discurso como uma sequência linguística fechada sobre si mesma, isto é, que significa por si só. Portanto, “é necessário referi-lo ao conjunto de discursos possíveis a partir de um estado definido das condições de produção” (PÊCHEUX, 2014b [1969], p. 78). Podemos considerar esse conjunto como famílias parafrásticas, o que permite pensar o que pode e deve ser dito na instância de uma formação discursiva.

A respeito do efeito metafórico, Pêcheux (2014b [1969]) o chama de “fenômeno semântico produzido por uma substituição contextual, para lembrar que esse “deslizamento de sentido” entre x e y é constitutivo do “sentido” designado por x e y ” (PÊCHEUX, 2014b [1969], p. 96). Dizendo de outra forma, chamamos de efeito metafórico o funcionamento que utiliza outro termo, como se esse termo significasse outra coisa. Mas, a partir do momento que montamos a cadeia parafrástica, observamos a aproximação de sentido entre os termos.

Após o que foi discutido sobre a mudança e ressignificação dos termos que descreviam os homossexuais a partir da década de 50, podemos referir esses às sequências discursivas mobilizadas (1, 2 e 3). Da leitura dessas SDs, montamos a seguinte função:

Eles (a) = Assumidos (b) = Entendidos (c) = Homossexuais (d) = Gays (e) = X

Segundo Pêcheux, a respeito da substituição dos termos uns pelos outros, ocorrem três casos: 1) quando nunca são substituíveis um pelo outro; 2) quando são substituíveis um pelo outro às vezes, mas não sempre; e 3) quando sempre são substituíveis um pelo outro. (PÊCHEUX, 2014b [1969]. p. 94). Logo, no caso de 2, se considera que os termos são substituíveis em algumas condições de produção, enquanto que, no caso de 3, quaisquer que sejam as condições de produção, sempre será possível substituí-los.

Pensemos, então, na função antes transcrita em que $a = b = c = d = e = X$. É possível sempre a substituição, ou depende das condições de produção? Vimos, conforme Green (2019), que alguns termos foram aparecendo no decorrer do tempo e que *c*, nesse caso, significou diferente em dois momentos, foram eles:

Primeiro: *c* = boneca, ou entendido = boneca

Segundo: *c* = *d*, ou entendido = homossexual

Para Pêcheux (2014 [1969], p. 95), podemos saber se um par (no caso *x/y*) pertence ao caso 2 ou 3, em que no caso 2 é possível saber em um tempo finito, mas que em 3 não é evidente. Ademais, o autor designa “a possibilidade de substituição (2) pelo termo sinonímia local ou contextual, por oposição à possibilidade (3) a qual chamaremos sinonímia não contextual”. O que concluo é que o par *c/d* sempre pode ser substituível, e que isso se refere às condições de produção em que as normas de gênero já estão desconstruídas (ou em nova construção de acordo com o momento histórico), ou a identidade *entendido* emergente da classe média se afirma enquanto *homossexual*. Porém, no momento primeiro, em que *c* não é igual *d*, e sim depende de outro contexto para ser substituível, observo o funcionamento de um processo discursivo em que as regras binárias da vivência de gênero e sexualidade em um sistema hétero centrado é o que está em evidência – em que o *entendido* ainda não se afirmava enquanto *homossexual*.

Por fim, por meio desse efeito metafórico posto nas SDs analisadas, um termo muda de sentido e as condições de produção são determinantes para o efeito de sentido. A partir disso, não é possível afirmar que em *x* (conforme a função) todas as substituições são sempre possíveis, visto que a ressignificação de sentidos coloca o efeito metafórico em debate. Acerca das SDs analisadas depreendemos que um efeito de sentido possível é *x*, e outro é que essa família parafrástica não é tão evidente quanto possa parecer. Logo, é necessário entender que a heterogeneidade discursiva se faz presente e pode transformar os efeitos de sentido.

1.3 Movimento de liberação “gay”, ou dos homossexuais

Em 1977, a revista *Isto é* e o jornal *Folha de São Paulo* publicaram entrevistas com o editor americano Winston Leyland a respeito de sua pesquisa no país. “Convite aos homossexuais” e “A identidade de uma minoria” são os títulos das matérias publicadas. Em ambas, está a preocupação em apresentar o pesquisador americano, o jornal do qual ele é editor e sua opinião acerca do Movimento Homossexual Brasileiro, atualização do movimento gay americano e ainda questões acerca do movimento na Argentina, marcado por forte repressão ditatorial.

Dessas entrevistas recorto sequências discursivas para análise. É interessante observar o que caracteriza as pessoas com quem o editor tem contato no Brasil.

(SD4) A maioria dos meus contatos tem sido com artistas e escritores que não temem se expor. (Leyland, Revista *Isto é*, “Convite aos homossexuais”, de 21 de setembro de 1977).

(SD5) No Brasil, meus contatos se restringem a artistas e intelectuais. (Leyland, Jornal *Folha de São Paulo*, “A identidade de uma minoria”, de 03 de outubro de 1977).

Fica construída, dessa forma, não só a imagem positiva de gay assumido e intelectual dos contatos do editor, como também dele próprio. Como sabemos, esses contatos são os sujeitos que mais tarde se reúnem para publicar o *Lampião*. Dado o teor de prestígio que a grande imprensa constrói para Leyland, associar à sua imagem os seus amigos é um fator positivo, ao mesmo tempo que coloca em circulação uma valorização do homossexual brasileiro, mesmo que só do intelectual.

Já sobre o movimento homossexual, e mais especificamente, o brasileiro, volto meu olhar para as seguintes sequências discursivas:

(SD6) Isso demonstra o baixo nível de consciência política dos homossexuais brasileiros em geral. (Leyland, Revista *Isto é*, “Convite aos homossexuais”, de 21 de setembro de 1977).

(SD7) Tenho a impressão de que não existe aqui o que se possa definir como movimento “gay”. (Leyland, Jornal *Folha de São Paulo*, “A identidade de uma minoria”, de 03 de outubro de 1977).

A SD6 é um comentário que segue um relato a respeito de um homossexual que disse nunca ter sofrido preconceito, mas ter sido demitido por causa da sexualidade. Interessante

pontuar que é discursivizado justamente que um movimento gay ainda não existia, o que pode servir como efeito de acontecimento para o que se instaurava no momento. A visita de Leyland, desse modo, parece apresentar diversas funções, como apontar a necessidade de organização, pois o homossexual brasileiro ainda não tem consciência política, e mostrar o caminho para desenvolver a consciência e a militância.

A partir dessas entrevistas, consigo pontuar 3 questões. A primeira diz respeito à influência que o editor teve no movimento gay no Brasil, pois não só possibilitou que um grupo se reunisse e criasse o *Lampião*, como também demarcou na grande imprensa que até aquele momento não havia um movimento homossexual brasileiro. Em segundo lugar, a credibilidade construída para seu círculo de amigos possibilita, mais tarde, que essa seja estendida para o periódico que criaram, lançando o *Lampião* como jornal sério e intelectual, o que se materializa nas sequências mobilizadas nas próximas páginas. Por fim, os caminhos que Leyland sugere colocam a imprensa como meio de afirmação do movimento, o que nos leva a compreender, também, como *Lampião* surge como marco de nascimento do Movimento Gay Brasileiro. Ou seja, tem-se um discurso de que não havia movimento gay até que *Lampião* surgiu, e de que não havia homossexuais intelectuais, a não ser os que o criaram, e o que poderia ser considerado consciência política de um movimento de afirmação da homossexualidade estaria dado com o trabalho na imprensa alternativa, de trazer informação e conscientização, e de informar e desconstruir a imagem negativa do homossexual.

Para Indursky (1992, p. 287), é necessário “precisar que o discurso relatado é apenas o sintoma da natureza essencialmente heterogênea de qualquer discurso”. Isto é, compreendendo o discurso relatado como um modo de apreensão da fala do outro, é possível analisar a heterogeneidade do discurso. Assim, segundo a autora, o discurso direto (DD):

Representa-se como um discurso que reproduz formalmente o discurso de outro locutor (I), enquanto (L) limita-se a mostrá-lo, mantendo-se afastado e independente. Este esforço em manter-se separado consiste em um simulacro de não-intervenção adotado por (L). Nada garante, entretanto, que o DD seja transparente e que a palavra inicial seja preservada sem distorções. (INDURSKY, 1992, p. 287-288).

Chamo a atenção para o uso das aspas e também para o fato de que não há indicação se a entrevista foi oral e posteriormente transcrita, ou se o entrevistado respondeu de forma escrita, ou, ainda, como se deu a tradução do inglês para o português. Coloco em evidência que a materialidade do termo *gay* sempre é posta entre aspas. O que intriga, ainda, é a escolha de termos nas diferentes revistas, onde temos, para representar a homossexualidade, diferentes famílias parafrásticas em cada periódico. Vejamos a comparação:

Quadro 3 - Matrizes parafrásticas

Folha de São Paulo	Isto É
Movimento de liberação “gay” Frente de libertação “gay” Movimento “gay”	Escritores Homossexuais Frente de Libertação Homossexual Mundo homossexual

Fonte: Elaborado pelo autor, 2022.

A dualidade colocada, a partir do recorte comparativo, funciona como um jogo discursivo de designações. As entrevistas se assemelham de diversas maneiras, então, seria possível que em cada um o entrevistado decidiu usar termos diferentes? Por isso, a utilização dos diferentes termos *homossexual* e *gay* chama atenção, assim como o uso das aspas.

Já vimos que a materialização dos dois termos se deve, pelo menos, ao fato de um se inspirar no movimento homossexual americano, que ficou identificado como “gay power”, e o outro se filiar a um discurso médico, que trouxe a identidade do homossexual ao conhecimento popular. Podemos observar que, apesar do efeito metafórico, a escolha se deve às filiações ideológicas.

Authier-Revuz (1990) mobiliza questões acerca da heterogeneidade e aponta para o funcionamento do exterior, do que faz parte do interdiscurso, na produção do discurso, ou seja, no próprio interior. É a partir dessa noção de exterioridade que se entende a heterogeneidade na produção discursiva. Essa, que é sempre constitutiva, ou seja, “sempre sob as palavras, ‘outras palavras’ são ditas: é a estrutura material da língua que permite que, na linearidade de uma cadeia, se faça escutar a polifonia não intencional de todo discurso.” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 28). Por vezes, a heterogeneidade pode aparecer marcada, isto é, delimitada através de marcas no texto, com uma ruptura sintática.

O fragmento citado no interior de um discurso relatado direto ou introduzido por um termo metalinguístico (a palavra, o termo, a expressão, a fórmula “X”), nitidamente delimitado na cadeia discursiva, é apresentado como objeto; é extraído da cadeia enunciativa normal e remetido a outro lugar. [...] O fragmento mencionado é ao mesmo tempo um fragmento do qual se faz uso: é o caso do elemento colocado entre aspas, em itálico, ou (às vezes) glosado por uma incisa. (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 29).

Pelas marcas, como as aspas, o elemento é remetido ao exterior do discurso, ao que vem de outro lugar. As SDs (4, 5, 6 e 7) trazidas se materializam já como discurso direto, mas o fato

de que, nesse funcionamento, o discurso outro se faz presente, a análise que realizo é no intuito de evidenciar a heterogeneidade discursiva que ocorre sob o funcionamento do discurso outro e quais efeitos são possíveis.

Sobre o emprego de palavras estrangeiras, a autora diz que esse “supõe que são compreendidas pelos interlocutores, mas as aspas as remetem, se assim se pode dizer, à margem do código.” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 221). A autora ainda comenta que “a evolução das aspas sobre um elemento lexical é um sinal da evolução de seu estatuto em relação ao código “comum”.” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 221).

Na época das publicações das entrevistas, o termo *gay* estava em vias de adentrar no código da língua portuguesa. É possível perceber, com o uso do termo não aspeado na *Isto É*, como também o uso com as aspas nas sequências transcritas (da *Folha de São Paulo* e *Veja*), que o que está em jogo é a escolha se o termo *gay* já adentrou no código e serve para representar também os homossexuais brasileiros ou se ainda não diz respeito e somente serve para essa identidade nascida nos Estados Unidos. Podemos concluir que hoje o termo passou a representar a comunidade, praticamente mundialmente. Assim, mesmo com o efeito de distanciamento propiciado pelo uso de aspas no termo estrangeiro pela *Folha*, é preciso reconhecer que a materialização possibilitou que o termo evoluísse e fizesse parte do código, como ainda faz atualmente.

Ainda, segundo a autora, “se a palavra aspeada está “na margem” de um discurso, não é no sentido de que seria desprezível, mas no sentido de que uma margem delimita e constitui”. (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 229).

Cabe pontuar que o locutor das formulações presentes nas SDs não é, diretamente, o indivíduo Leyland, e sim o sujeito discursivo. Nesse sentido, não é possível responsabilizar um indivíduo específico pelo uso das aspas, mas sim analisar como essas se materializam na sintaxe e a que remetem. Ao lidar com a noção de exterior constitutivo, podemos pensar nesses discursos funcionando em um esquema em que um é exterior constitutivo do outro, o que seria o próprio funcionamento do interdiscurso. Pensemos, então, de que modo o outro se materializa no fio sintático de determinado discurso, em que o outro se constitui e como o efeito de sentido se constrói. Observar os discursos que estão em jogo e que termos são colocados em efeito de adequação e/ou de exterioridade, nos textos da grande imprensa e do *Lampião*, é objetivo da próxima seção.

Nesses modos de dizer, em que diferentes termos se materializam, ora sem aspas, como se já tivessem adentrado ao código da língua compartilhada entre os interlocutores (periódicos e sujeitos leitores), ora com aspas, apontando para o estrangeirismo, como um modo de dizer

de outro lugar, as formas de nomeação e as incertezas em torno dessa questão podem ser analisadas. Penso que *Lampião* surge com uma tomada de posição acerca dessa questão. Estarão presentes no jornal, por exemplo, em diversos momentos, a disputa por termos, a militância por significados, o que parece como uma resposta às incertezas da mídia e à sociedade sobre a homossexualidade, ou seja, o que seria, como se referir, o que é adequado, mas, principalmente, *Lampião* se coloca como aquele que deve ser ouvido, aquele que vai ensinar o correto a ser dito e como ser dito.

1.4 Homossexual (sufixos em debate)

Desde sua inauguração, *Lampião da Esquina* ficou conhecido pela polêmica que gerava e a subversão social que trazia. Como apontam os editores no primeiro editorial, o jornal se caracterizava por estar “Mostrando que o homossexual recusa para si e para as demais minorias a pecha de casta, acima ou abaixo das camadas sociais, que ele não quer viver em guetos, nem erguer bandeiras que o estigmatizem.” (LAMPPIÃO DA ESQUINA, 1978, p. 2). Por conta disso, as publicações, textos e matérias do *Lampião* também enfocaram um trabalho de informação acerca das sexualidades, e assim se desenvolvia a luta por direitos, desestigmatizações e fim de preconceitos.

Desse modo, é muito comum aparecer o termo *homossexualismo* nos textos, tanto nas cartas dos leitores quanto nas reportagens, ensaios e entrevistas que o periódico trazia. O uso do termo chama a atenção, dado que nos dias de hoje a militância da minoria sexual luta pelos usos politicamente corretos de termos e pelo desuso dessa palavra por conta do sentido que o sufixo “*ismo*” carrega. Contando que o (des)uso de um sufixo não finda com preconceitos, mas que instaura uma luta por sentidos, inicio nessa seção, a partir de análises, a reflexão sobre a luta discursiva¹⁴.

Seleciono do arquivo dois textos. O primeiro, sob o título de “*Homossexualismo: que coisa é essa?*”, de Darcy Penteadó, discorre sobre o significado do termo e foi publicado na edição 2 do *Lampião*, compreendendo os meses de junho e julho de 1978, e se debruça sobre determinações da identidade homossexual. O segundo foi publicado na revista *Manchete*, no ano anterior, em setembro de 1977, sob o título de “*Os acordos da liberação gay*”. No texto, José Saffioti Filho explora questões pessoais de sujeitos homossexuais na cidade de São Paulo.

¹⁴ Essa discussão é retomada na seção 2.3.

Lembremos que o texto do *Lampião* foi publicado na segunda edição do jornal, quase um ano depois do texto publicado na revista *Manchete*. Em termos de conteúdo, o texto da *Manchete* coloca em debate os reflexos das grandes cidades em relação à diversidade sexual. Porém, mesmo que a cidade de São Paulo, uma grande capital, reflita o que já foi dito sobre urbanização e sexualidade, onde os grandes centros urbanos concentravam muitos homossexuais e essa minoria já ocupava diversos lugares, não é possível afirmar que o preconceito não existia. Até porque presenciamos, ainda, nas páginas dos anos seguintes do *Lampião*, denúncias sendo feitas em relação à violência contra a comunidade.

Se um ano depois ainda era necessário responder à pergunta “o que é o homossexualismo?”, poderia significar ainda que muita gente não sabia do que se tratava, e mesmo que soubessem, a necessidade de se pontuar características sobre a homossexualidade ainda era latente.

(SD8) **Homossexualismo**: que **coisa** é essa? **Ajustar** o homossexualismo a uma exata **classificação genérica, endócrina ou psíquica**, não só é difícil mas **impossível** e, com todo o avanço da **ciência**, ainda não se obteve uma definição de suas **verdadeiras** origens e motivações. (Darcy Penteadó, *Jornal Lampião da Esquina*, “Homossexualismo: que coisa é essa?”, de junho de 1978, grifos nossos).

O texto de Penteadó elucidava o que Trevisan (2018) aponta:

No estranho cipoal linguístico da ciência, muitos médicos recusavam, por inadequado, o termo homossexualidade, ao qual contrapunham outros pretensamente eruditos – por exemplo, “intersexualidade” ou “missexualidade”, considerados mais precisos ao explicitar aquelas formas “de sexualidade confusa” [...]. (TREVISAN, 2018, p. 173).

Observamos novamente a linguagem sendo questionada, assim como a responsabilidade atribuída à medicina/psiquiatria/ciência de um discurso que corrobora com as discriminações. Interessante observar como a utilização do termo *coisa* aparece, como um efeito de estranhamento, ou incerteza, pois o *homossexualismo* ainda não tem uma definição, ele não é x ou y, é *coisa*, como qualquer coisa e não algo em específico. Apesar de a SD8 não trazer uma designação para o termo *homossexualismo*, em uma construção *X é P*, o que se materializa é um discurso de que é impossível dizer o que X é.

Nesse caso, o que não pode ser dito sobre o homossexualismo é tomá-lo como uma *classificação genérica, endócrina ou psíquica*. Ou seja, a designação do termo não pode ser generalizada, vulgarizada, não pode ser qualquer uma, não se pode desconsiderar a complexidade da sexualidade, como também não pode ser biológica ou psicológica. Porém, ter

essa tomada de posição também coloca que a *verdadeira origem e motivação* da homossexualidade é mais importante que outros fatores, criando um efeito de embate discursivo, pois mesmo que não exista a designação correta, algumas existentes não podem ser aceitas. Esse é um dos caminhos que *Lampião* trilha, ao designar a homossexualidade: Não só nega um discurso outro (médico), como também procura delimitar dizeres possíveis para a comunidade.

Em seguida, movo duas SDs dos dois textos, colocando em debate e trazendo a reflexão sobre o comportamento da sociedade e dos homossexuais perante a sociedade. O que para *Manchete* aparece como escolha/vontade própria da minoria no caso de se esconder da vida pública, enrustir seu modo de vida e se privar de frequentar diversos lugares, para o *Lampião* essas questões são trazidas enquanto denúncia a uma sociedade preconceituosa, que forçou o lugar de gueto, de margem social, aos homossexuais quando não os aceitou, que privou essa minoria de ser quem é em público, e a levou a mudar seus comportamentos para se encaixar em um tradicional e aceito modelo, também considerado normal.

(SD9) Num passado recente, **os homossexuais isolavam-se em guetos**, concentrados em grupos e locais específicos, **acreditando que assim se resguardavam** das ameaças do exterior. (José Saffioti Filho, Revista *Manchete*, “Os acordos da liberação gay”, de 10 de setembro de 1977, grifos nossos).

(SD10) Pelo menos, uma coisa é certa e relevante: os psiquiatras modernos, na impossibilidade de curar (?), trabalham no sentido de ajustar os pacientes à sua homossexualidade, o que já é tarefa difícil, considerado **as barreiras da sociedade** de predominância heterossexual, que **tem obrigado o homossexual a viver em mutismo a sua verdade**, o circunscreveu aos limites do “**gueto**” da tolerância coletiva. Por essa razão a maioria dos homossexuais tem desejado ser “**normal**” e durante toda a vida recalca e esconde seus sentimentos verdadeiros, numa tentativa de condicionamento nessa “**normalidade**”. (Darcy Penteadó, Jornal *Lampião da Esquina*, “Homossexualismo: que coisa é essa?”, de junho de 1978, grifos nossos).

Nas SDs 9 e 10, observo em contraste o lugar ocupado na sintaxe: enquanto em uma sequência discursiva é colocado o fato de estar excluído socialmente como responsabilidade dos homossexuais (SD9), o que se marca com o sujeito e o pronome reflexivo, na SD10 o lugar é de objeto da ação da sociedade.

- a. Os homossexuais isolavam-se em guetos.
(Recorte da SD9, revista *Manchete*).
- b. As barreiras da sociedade o circunscreveu aos limites do “gueto”.
(Recorte da SD10, jornal *Lampião da Esquina*).

Em *b* as *barreiras* são construídas pela sociedade heterossexual, e são elas que obrigam ao silêncio, ao apagamento da homossexualidade. Embora esteja denunciado também na SD9 o exterior como local perigoso, ali se materializa que o interior, o grupo gay no gueto, é estabelecido por opção dos homossexuais, como se eles tivessem construído os muros que os separam e os impedem de viver socialmente.

Enquanto último recorte discursivo deste capítulo, trago outras quatro SDs do mesmo texto publicado no *Lampião*. Abaixo, observemos que *Lampião* desempenhou um papel essencial em focar no diálogo também com o público não homossexual. Visto que, na sociedade, o preconceito exacerbado estava muito presente, e que o periódico teve tiragens para todo o país, onde diversas cidades foram alcançadas além das capitais, textos que visavam construir conhecimento se fizeram necessários para o desenvolvimento de uma sociedade com menos preconceito e LGBTIfobia.

No funcionamento de perguntas e respostas, é como se o *Lampião* colocasse a interrogação que todas as pessoas tinham, e respondia, como um discurso pedagógico que visa exaltar certas características e convencer o leitor da única resposta possível. Veremos, então, o discurso outro funcionando sob o uso das aspas, e além, sendo negado.

(SD11) Uma **doença**? Até alguns anos atrás, **a medicina diria** sim. (Darcy Penteado, *Jornal Lampião da Esquina*, “Homossexualismo: que coisa é essa?”, de junho de 1978, grifos nossos).

(SD12) Sob o ponto de vista sociológico, será o homossexualismo **um mal à sociedade? Os da linha dura do machismo e da desinformação dirão** que sim. “**São uns imorais**”, “**são desequilibrados mentais**”, “**são anormais**” etc. (Darcy Penteado, *Jornal Lampião da Esquina*, “Homossexualismo: que coisa é essa?”, de junho de 1978, grifos nossos).

(SD13) Como ficamos então, em relação ao homossexualismo? Porque a questão está aqui, agora, palpitante e presente! **As rejeições e as desculpas** que a nossa sociedade cultural usou anteriormente como estacas de sustentação, estão desmoronando, desde que **a medicina e psiquiatria não têm mais aqueles elementos que ela sempre usou para seu apoio e acomodação**. (Darcy Penteado, *Jornal Lampião da Esquina*, “Homossexualismo: que coisa é essa?”, de junho de 1978, grifos nossos).

(SD14) Mais do que **um fato**, o homossexualismo é **condição humana**. E como tal, mesmo sendo atributo de uma minoria, está exigindo o seu **lugar atuante** numa sociedade, com o **direito a uma existência não mistificada, limpa, confiante, de cabeça levantada**. (Darcy Penteado, *Jornal Lampião da Esquina*, “Homossexualismo: que coisa é essa?”, de junho de 1978, grifos nossos).

Compreender que a problemática da discriminação contra a comunidade homossexual (e LGBTI+) é responsabilidade social, advinda da cultura, crenças – ideologia – é também cerne deste texto. Podemos ver que argumentos que antes se baseavam no cientificismo, mais especificamente na área da psiquiatria, se tornam deslegitimados e os motivos para o preconceito inculcam-se nas formações sociais. Isso, pois, é resultado da pressão da comunidade LGBTI+ para que a Organização Mundial da Saúde (OMS) reconhecesse a condição de ser homossexual como não patológica.

Até o final do ano de 1983, trezentos e nove políticos, desde um governador até cento e sessenta e sete vereadores já haviam subscrito abaixo-assinado de apoio à moção de determinado "grupo gay" contrária ao "código 302.0 da Classificação Internacional de Doenças da Organização Mundial de Saúde, adotada pelo Governo Brasileiro que qualifica a homossexualidade como desvio e transtorno mental". (LAURENTI, 1984).

Na história do movimento LGBTI+, essa foi uma importante luta e vitória, deixar de ser visto, aos olhos da ciência, como uma anormalidade, seria um dos primeiros passos para o fim do preconceito e a torcida pelo respeito à liberdade sexual. Desse modo, traço uma linha do tempo em relação à história do código internacional de doenças (CID) no que concerne à homossexualidade (dita atualmente).

Em 1948, na 6ª revisão da lista do cadastro, o homossexualismo passou a constar no CID enquanto desvio sexual na categoria de personalidade patológica. Em 1965, quando ocorreu a 9ª revisão, o termo passou para a categoria de desvios e transtornos sexuais. O divisor de águas aconteceu em maio de 1990, quando a Organização Mundial da Saúde retira o termo da lista de doenças mentais, classificação que entrou em vigor em 1993. A aparição do termo homossexual data do século 18, entendido ainda como comportamento sexual e somente compreendido enquanto identidade no século 19.

Outro documento médico que dialoga com o CID é o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (*Diagnostic and Statistical Manual - DSM*) da Associação Americana de Psiquiatria (APA). A primeira edição do DSM data de 1952 e a segunda de 1968, uma revisão da segunda edição realizada em 1973 é apontada como precursora da despatologização da homossexualidade, resultado da pressão da comunidade LGBTI+ nos EUA. Embora a APA não liste mais a homossexualidade como desvio sexual, na época, continuava compreendendo como anormalidade em relação à heterossexualidade e permitindo o tratamento de “cura” para a orientação sexual. A mudança no documento foi criar uma nova categoria, chamada *Distúrbio de orientação sexual* dentro da seção de *Desvios sexuais*.

Esta revisão na nomenclatura proporciona a possibilidade de entender o homossexual como livre de transtorno psiquiátrico, e fornece um meio para diagnosticar um transtorno mental cuja característica central é o conflito sobre comportamento homossexual. Portanto, essa mudança não deve, de forma alguma, impedir ou envergonhar os psiquiatras e psicanalistas dedicados que se empenharam em entender e tratar os homossexuais que estão infelizes com sua condição. Eles, e outros da nossa área, vão continuar tentando ajudar homossexuais que sofrem do que agora podemos nos referir como *Distúrbio de orientação sexual*, ajudando o paciente a aceitar ou viver com sua atual orientação sexual ou, se o paciente desejar, ajudando-o a mudar. (SPITZNER, 1973, p. 03) (tradução nossa).¹⁵

Nesse sentido, a luta pelo uso do termo *homossexualidade* e seu significado faz parte da agenda do movimento LGBTI+, o que é colocada, muitas vezes, com a indicação do termo correto: *homossexualismo* ou *homossexualidade*? Partindo de um estudo sobre essa disputa, Moura (2018) entende que os termos foram traduzidos de acordo com a lógica sufixal já presente no inglês (*homosexuality* e *homosexuality*), e que o debate se instaura a partir do que gramáticas tradicionais designam sobre os sufixos em questão. Sendo o *ismo* remetido à doença ou ideologia, e *dade* a modo de ser.

Portanto, as disputas de sentido em relação a prática homossexual ora com o sufixo –ismo, ora com o sufixo –idade escapam da intencionalidade dos sujeitos. Precisa-se destacar que o preconceito não mora em um sufixo apenas, ele está numa estrutura maior. Mas é compreensível o movimento da comunidade homossexual em reivindicar a materialidade da língua que, de certa forma, tenta esconder o discurso patologizante de décadas passadas. (MOURA, 2018, p. 109).

Assim, é preciso reconhecer que o movimento de alteração de terminologias realizado em documentos médicos legais colaborou para que a homossexualidade não fosse mais considerada doença. A partir disso, foi necessário também eliminar da língua algum termo que continuasse a remeter a homossexualidade a esse discurso patologizante. Mesmo que a mudança de termo (ou do sufixo) não impere uma mudança social, é necessário ter em mente que a luta pelos sentidos, pelos termos, é também uma luta por designações e existências dignas. Observo que essa luta se desenrola, em muitos espaços, a partir dos anos 90 com a circulação de um discurso pedagógico, indicando o uso correto de termos para designar as sexualidades.

No texto publicado no *Lampião*, é possível encontrar os termos *homossexualismo* e *homossexualidade* sendo usados de modo intercambiável. Para a época, em que a discussão

¹⁵ Original em inglês: This revision in the nomenclature provides the possibility of finding a homosexual to be free of psychiatric disorder, and provides a means to diagnose a mental disorder whose central feature is conflict about homosexual behavior. Therefore, this change should in no way interfere with or embarrass those dedicated psychiatrists and psychoanalysts who have devoted themselves to understanding and treating those homosexuals who have been unhappy with their lot. They, and others in our field, will continue to try to help homosexuals who suffer from what we can now refer to as Sexual orientation disturbance, helping the patient accept or live with his current sexual orientation, or if he desires, helping him to change it. APA Document Reference No. 730008.

sobre o termo adequado recém iniciava, o que cabe nessa análise é observar como se constroem as designações para a dualidade homossexualismo/homossexualidade.

A SD8 coloca em debate a questão levantada acima. A medicina desempenhou, com base na ciência, a função de criar a figura clínica do homossexual, e seu comportamento (sexualidade) tornou-se objeto de estudos. Esse processo de um discurso médico, clínico, científico de não entendimento da homossexualidade como característica do ser humano a jogou para o campo da doença, das anormalidades, daquilo que não é compreensível, que destoa do modelo heterossexual. O discurso que circulou socialmente foi esse, da psiquiatria, culminado com o discurso religioso cristão que já trazia em seus ditos a proibição da homossexualidade.

Soares (2019) também traz considerações sobre como a homossexualidade vai sendo entendida pela moral cristã e acerca dos estudos médicos, e pontua como convergem os discursos médico e religioso. Nos estudos científicos com homossexuais realizados pela medicina não havia uma preocupação, pelo menos não explícita, com a moral cristã,

Preocupavam-se, sobretudo, com as questões que traduziam seus comportamentos sociais e os aspectos físicos dos ‘invertidos’. Eram cientistas e, portanto, não trabalhavam, especificamente, à luz da moralidade. No entanto, as conclusões a que chegavam eram usadas pela religião cristã para justificar sua posição diante da prática da homossexualidade. (SOARES, 2019, p. 58).

Além de uma convergência nesses discursos, em que o religioso toma o médico e o atravessa pela moralidade, também houve a difusão social desses sentidos. Difusão que fez com que se inaugurasse uma consciência sobre a homossexualidade divergente da ideia de que essa sempre existiu, ou seja, sendo um fato social anterior a qualquer designação, seja essa médica ou religiosa. Por isso, é importante reafirmar o que Soares coloca: “a homossexualidade apenas existe, e, portanto, que ela não deveria ser explicada. Ela é somente mais uma forma de expressão da sexualidade.” (SOARES, 2019, p. 43).

Acerca da difusão desses sentidos, é o que podemos observar nas SDs 9 e 10. Um dos efeitos da homofobia foi o de colocar LGBTI+ discriminadamente nos lugares de gueto. Enquanto uma publicação instaura como efeito de sentido que foi uma opção dos homossexuais se exilarem, *Lampião* continua a denunciar que a escolha foi a única que restou para se poder viver sua sexualidade de alguma forma. Em outras palavras, a SD9 faz pensar que os homossexuais preferiram se isolar, criando guetos de sexualidade, se protegendo da sociedade, ao mesmo tempo que denuncia que o preconceito existia e fez com que isso acontecesse, pois no exterior existiam ameaças. Mesmo os homossexuais acreditando que se protegiam, nem sempre foi o que aconteceu. Já a SD10 denuncia que a opção na verdade foi uma imposição,

seja diante das políticas higienistas presentes na década e que visavam remover os comportamentos imorais das ruas, seja pela própria violência ditatorial que viu LGBTI+ como inimigos e pregou sua morte.

Logo, seleciono partes das SDs transcritas anteriormente para reproduzir como se dá a designação da homossexualidade no discurso das diferentes materialidades em análise, como também há adjetivos para os homossexuais, transformo esses em substantivos para a reescritura seguir a mesma ordem.

***Homossexualismo/Homossexualidade** = doença, mal à sociedade, “imoralidade”, “desiquilíbrio mental”, “anormal”, fato, condição humana.*

Guimarães (2003) nos traz o conceito de espaços da enunciação para pensar a relação entre falantes e língua enquanto espaço político, uma relação que interessa por ser um espaço regulado e de disputas pelas palavras e pelas línguas. Assim, para o autor, os falantes são pessoas determinadas pelas línguas que falam, desconsiderando, desse modo, atividades físico-fisiológicas ou psíquicas na produção da língua, e sim considerando como sujeitos da língua constituídos por este espaço de línguas e falantes, o que chama de espaço de enunciação, sendo o falante uma figura política constituída por esses espaços (GUIMARÃES, 2003, p. 55).

“Os espaços de enunciação são espaços habitados por falantes, ou seja, por sujeitos divididos por seus direitos ao dizer e aos modos de dizer. São espaços constituídos politicamente pela equívocidade própria do acontecimento: da deontologia que organiza e distribui papéis, e do conflito, indissociado desta deontologia, que redivide o sensível, os papéis sociais” (GUIMARÃES, 2003, p. 55).

O que Guimarães coloca é que cada sequência tem um nome próprio que é reescriturado numa descrição do nome, o que enquanto descrição do nome, o faz significar, significando assim o que é sua referência. O que nos leva a questionar como se constituem as descrições, sendo que essas são as qualificações do nome próprio. Assim, sendo o nome = X, Guimarães propõe a seguinte equação: $x = p+q+r$, em que p, q e r se apresentam enquanto predicados do nome. Ou seja, pela reescritura, os predicados são colocados e qualificam, designam, significam o sentido, e mais do que isso, “aquilo que estes nomes designam está predicado por essas reescrituras, politicamente” (GUIMARÃES, 2003, p. 57).

Observo, dessa maneira, que a reescrituração de *homossexualismo/homossexualidade* se dá em dois processos discursivos¹⁶ pelas materialidades do *Lampião*. Um evidencia a própria tomada de posição do periódico (SD14), afirmando algo positivo, como um efeito até de verdade/normalidade, acerca da sexualidade, diz “é um fato, é condição humana, mesmo sendo atributo de uma minoria” como se dissesse “a minoria é fato e condição humana tanto quanto a maioria (a heterossexualidade)”. E o outro processo se dá pela mobilização do discurso outro, do que eles (a medicina, os da linha dura do machismo e da informação) dizem. Desse modo, *doença* e um *mal a sociedade* aparecem como designações construídas por outro discurso, como também se observa o que dizem pela marcação das aspas, “uns imorais”, “desequilibrados mentais”, “anormais” (SD12), termos que remetem ao que é dito a partir de uma moral cristã, uma terminologia psiquiátrica ou em comparação com a sociedade predominantemente heterossexual, que seria o “normal”. Essas aspas podem indicar a palavra não plenamente apropriada pelo locutor, que é dita por outro¹⁷. É interessante observar essas questões, como de onde saíram esses termos, “a medicina e psiquiatria”, o que passa a ser negado com “não tem mais”, e a responsabilidade, agora, por tais ditos passa a ser inteiramente social, ou seja, se a sociedade utiliza(va) desses argumentos para rejeitar e justificar o preconceito, essas justificativas não são mais cabíveis.

Esse funcionamento da negação (o qual veremos com mais detalhes na próxima seção), já nos dá algumas dicas de que além dessa mobilização do discurso outro, há duas formações discursivas antagônicas em debate. Enquanto a FD em que *Lampião* se inscreve permite dizer que o homossexual quer “uma existência não mistificada, limpa, confiante, de cabeça erguida”, há outra FD que contém os ditos de que a existência do homossexual é mistificada, suja, desconfiante e vergonhosa (de cabeça baixa).

Quando as aspas permitem operar demarcações mais sutis, isso significa que um jogo de apropriação da palavra está presente. Ou seja, é utilizada como instrumento de distinção, para determinar o que é apropriado pelo locutor, mas não pelo receptor, ou o contrário. É o funcionamento que Authier-Revuz coloca como:

‘Se eu não falasse com você, não teria dito essa palavra’ – palavra apropriada ao receptor, mas não ao locutor.

¹⁶ Esses dois processos podem ser associados à descrição que apresentamos na seção 1.2, a partir de Herbert/Pêcheux (1985/1967): O primeiro processo como metonímico, por relações internas, e o segundo como metafórico, por relações com o outro da exterioridade.

¹⁷ Conforme a reflexão que apresentamos anteriormente a partir de Authier-Revuz sobre a heterogeneidade marcada por aspas.

‘Se eu não falasse com você, eu o diria sem aspas’ – palavra apropriada ao locutor, mas não ao receptor, segundo o locutor. (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 223).

Esse funcionamento recorda as estruturas das formações imaginárias descritas por Pêcheux (2014b [1969]) e presentes em todo processo discursivo, o que determina, ainda, “a maneira pela qual a posição dos protagonistas do discurso intervém” (PÊCHEUX, 2014b [1969], p. 83). Portanto, tendo os protagonistas (A e B) do discurso como elementos estruturais das condições de produção, Pêcheux coloca:

A e B designam lugares determinados na estrutura de uma formação social [...]. Nossa hipótese é a de que esses lugares estão representados nos processos discursivos em que são colocados em jogo. Entretanto, seria ingênuo supor que o lugar como feixe de traços objetivos funciona como tal no interior do processo discursivo; ele se encontra aí representado, isto é, presente, mas transformado; em outros termos, o que funciona nos processos discursivos é uma série de formações imaginárias que designam o lugar que A e B se atribuem cada um a si e ao outro, a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro. (PÊCHEUX, 2014b [1969], p. 81-82).

Pois, se para Pêcheux a estratégia do discurso se funda na antecipação das representações (Pêcheux, 2014b [1969], p. 83) e para Authier-Revuz o uso das aspas coloca em discussão também a relação do locutor com seu interlocutor, cabe analisar o uso das aspas como constitutivo dessa antecipação. Assim, teríamos que a adequação e o distanciamento das palavras dialogam com a antecipação das representações nas relações imaginárias.

Quando a formulação na SD10 traz entre aspas os termos “normal” e “normalidade”, e a da SD12 traz “são anormais” também entre aspas, além de ficar claro que o empréstimo é de outro lugar, ou seja, do discurso outro, também coloca em cena as relações imaginárias presentes. Sendo essa SD do *Lampião*, seria possível pensar que o interlocutor seria a comunidade LGBTI+, portanto o que é dito entre aspas, é dito porque se imagina esse interlocutor, que pode não ser familiarizado com o termo e, se for, são termos do discurso outro que estão ali para serem negados. Isso porque a luta da minoria é pelo fim da estigmatização, sem mais guetos, sem imposição de normalidade.

Outrossim, os sujeitos gramaticais das formulações nas SDs 11 e 12 não estão ocultos: na SD11, “a medicina” e, na SD12, “os da linha dura do machismo e da desinformação”, atribuindo a ideia de que quem fala é/são o/os outro/s, não eu/nós (gay(s), do jornal). Considerando que o tempo verbal confere, no primeiro caso, um caráter mais polido à afirmação, poderíamos ter “*A medicina dizia que o homossexualismo é uma doença*” e, no segundo caso, “*Os da linha dura do machismo e da desinformação dizem que o homossexualismo é um mal à sociedade/ é imoral/ é desequilíbrio mental/ é anormal*”, visto

que o tempo verbal também pode marcar essa permanência do que se afirma. O que é colocado a prova, na SD13, pois aponta que os pilares argumentativos desse enunciado, sendo o discurso médico fundamentado em estudos que não tratavam a homossexualidade como fato, estão em ruínas, se desfazendo.

Tais estudos, ou o discurso médico retrógrado, não podem mais ser a fonte para as afirmações do discurso que impera na sociedade e para o discurso religioso. Assume-se, assim, que o preconceito se firma agora em preceitos socioculturais, pois o que restava de apoio no científico para a discriminação não se sustenta mais. Usar as palavras que ofendem aspeadas diz respeito a um emprego como de uma fala com receio. Assim, como já foi dito, os termos preconceituosos se materializam sob as aspas ou sob a afirmação de quem diz, e pode-se observar o, quanto no discurso de militância homossexual, é presente o discurso outro, que é colocado para ser questionado e/ou negado.

A cada vez que o um locutor é obrigado a falar com palavras que percebe como impostas pelo exterior, no lugar de suas próprias palavras, que lhe são proibidas, pode defender-se com essas aspas que são de reação ofensiva em uma situação dominada. [...] o questionamento, seja sereno ou polêmico, de interrogação ou zombaria, é abertamente destinado tanto a romper o emprego que certos discursos, um discurso, dominante fazem de uma palavra como apropriada quanto a desfazer esse emprego” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 225).

Doentes, deficientes, imorais, desequilibrados mentais, anormais, são os termos que formam uma cadeia de significados, de sentidos para o que seria o homossexualismo. Além disso, esses termos estão associados àqueles “da linha dura do machismo e da desinformação”, em que o normal seria estar nesses moldes sociais que se negavam/negam a aceitar a sexualidade que não se encontra nos padrões da sociedade heterocentrada. Nas construções que designam a homossexualidade, termos para designá-la obtiveram sempre um efeito ideológico, como funciona a língua.

Com essas sequências discursivas, é possível perceber a busca pela desclassificação de anormalidade (ligada tanto a condições de saúde quanto sociais) para o que é homossexualismo/homossexualidade. O papel que o verbo *ser* desempenha é o de ligar a qualidade, o predicativo, ao substantivo homossexualismo, sujeito da frase, lê-se: *o homossexualismo é condição humana/ uma coisa normal*. Na disputa pelos sentidos, ainda, faz mais do que isso, reescritura uma designação conforme a FD em que se inscreve.

Nas SDs, nota-se a atribuição de novas características para o termo homossexualismo, num embate aos discursos que prezam pela normalidade. Lugar na sociedade, direito à existência, existência essa que não deve ser suja, aterrorizada ou de cabeça abaixada (porque

com a cabeça abaixada não se vê o rosto, não se tem reconhecimento), são as reivindicações para o que deveria significar o homossexualismo.

Há um questionamento aos discursos médico e religioso. Apesar de não haver sempre a marcação da negação, podemos perceber o papel da heterogeneidade discursiva, em que os discursos outros estão ali, mas não cabem, não deveriam estar, só estão porque é preciso exemplificar o que não se quer que seja dito. Afirmar novos predicativos para o que é o homossexualismo significa também negar o que se afirma em outros lugares, outros discursos, outras formações discursivas. Portanto, caberia ler, também “*O homossexualismo não é anormalidade/ desumano/ bestialidade*”, que são justamente as qualidades que se busca negar e não repetir.

1.5 Na delimitação da FD, a legitimação da identidade

Souza (1997) coloca uma questão importante acerca do campo enunciativo da homossexualidade, que é em relação aos modelos de enunciação da homossexualidade, sendo esses o da **medicina focada no objeto** e o da **militância centrada no sujeito**. Sabe-se que o discurso militante não deixa de ser atravessado pelo discurso médico, esse que por vezes retorna no fio discursivo para ser negado, por exemplo, dependendo da posição-sujeito militante em questão. Nesse sentido, o autor pauta uma segunda questão que diz respeito ao desafio imposto no campo discursivo citado de “tornar enunciável uma prática sexual diferente e dizer-se sujeito dela.” (SOUZA, 1997, p. 24), sendo que os sujeitos homossexuais adquiriram voz e vez, na esfera pública, enquanto sujeitos de direito a partir da abertura do discurso médico para ouvir esses sujeitos.

no campo da militância pelos direitos da homossexualidade, a abertura de espaços de expressão subjetiva do homossexual é igualmente inseparável de uma estratégia do silêncio: não importa apenas o sujeito ao qual se outorga o direito à fala, mas também o sujeito a ser calado. Entra em jogo aqui a contradição entre queixa e protesto do sujeito perante sua condição homossexual. (SOUZA, 1997, p. 29).

A partir disso, tomo o *Lampião* como um espaço de militância das homossexualidades, espaço onde conflitos entre sujeitos leitores, editores e sociedade podem ser interpretados. Esses conflitos emergem não só de um movimento de afirmação da homossexualidade, mas sim da necessidade de legitimação de **uma** homossexualidade específica, ou ainda, de uma designação da homossexualidade – era preciso definir o significado dessa palavra, não só isso, também era preciso determinar o comportamento, o dizer, a identidade. Essa busca pela legitimação de uma

identidade instaura uma luta discursiva, o que creio ser efeito da emergência do movimento de libertação gay, o qual, para planejar suas lutas, precisava construir uma identidade em comum.

Assim, não é possível dizer-se sujeito **da** homossexualidade, pois o que está em jogo é a disputa pela palavra, por quem toma a palavra, e por qual palavra se constrói a identidade que se quer. Nesse ínterim, surgem as disputas pelas homossexualidades, dizer-se sujeito **de alguma** homossexualidade, ou seja, identificar-se com alguma identidade¹⁸.

É sobre esse ponto que meu gesto de análise é guiado, ou seja, seleciono sequências discursivas que dão pistas sobre a delimitação dessa formação discursiva em jogo, os seus conflitos internos e os conflitos com a exterioridade. Para isso, busquei nos editoriais do *Lampião* as formulações acerca dos pontos que coloco em reflexão, assim como realizei o batimento com as cartas dos leitores, tendo em vista que as construções e legitimações das homossexualidades são dadas enquanto grupo, é possível pensar os conflitos internos da FD, de diferentes posições. Assim, é na interlocução entre jornal (matérias, reportagens, etc.) e leitores (cartas) que os processos discursivos a serem analisados são construídos.

O conselho editorial do *Lampião* assina o primeiro texto publicado na edição experimental do jornal, em abril de 1978. Esse, intitulado *Saindo do gueto*, busca esclarecer a que se propõe o periódico. Todo o texto se constrói a partir da pergunta que visa responder: *mas um jornal homossexual, para quê?* Nessa primeira página de *Lampião* já se presencia a ideia de que os homossexuais, e as demais minorias (movimento feminista, movimento negro e movimento indígena) por se dizer, vivem no gueto. O gueto, aqui, é entendido como o grupo marginalizado, isto é, está à margem da sociedade, sem tomada de posição reconhecida ou ouvida perante os seus direitos enquanto cidadão, é discriminado, isolado.

Por isso, a luta que o jornal deseja instaurar é do fim do gueto para os homossexuais, como observamos na sequência em seguida.

(SD15) É preciso **dizer não** ao gueto e, em consequência, **sair** dele. (Editorial, Jornal *Lampião da Esquina*, “Saindo do gueto”, de maio de 1978, grifos nossos).

Na seção 1.4, vimos que o termo *gueto* já era linearizado no discurso do *Lampião* e também da grande mídia, e que para esse segundo, o gueto era construído pelos homossexuais. A formulação da SD15 pode ser interpretada a partir do momento que o sujeito discursivo do *Lampião* entende que há homossexuais que constroem e firmam as barreiras do gueto. Ou seja, entende que isso é uma construção do discurso outro. Quando eles afirmam que é preciso dizer

¹⁸ Aqui, novamente, podemos relacionar esse movimento de luta pela palavra, agora internamente à FD, com a passagem do funcionamento da relação metafórico-semântica para a articulação metonímico-sintática.

não ao gueto, estão afirmando que a identidade a ser construída para o homossexual brasileiro é a de fora do gueto.

Dessa forma, é colocada em relação ao gueto uma identidade padrão, sendo essa vislumbrada na linearização da SD16.

(SD16) **o que nos interessa é destruir** a imagem-padrão que se faz do homossexual, segundo a qual ele é um ser que vive nas sombras, que prefere a noite, que encara a sua preferência sexual como uma espécie de maldição, que é dado aos ademanos e que sempre esbarra, em qualquer tentativa de se realizar mais amplamente enquanto ser humano. (Editorial, Jornal *Lampião da Esquina*, “Saindo do gueto”, de maio de 1978, grifos nossos).

Essa identidade de gueto para o homossexual emerge como um pré-construído, o já-dito, ou seja, de uma imagem já estabelecida para o gay e que, nesse caso, precisa ser negada. Marca-se uma construção pelo que não se deve ser, como se afirmasse “o que não queremos defender”, o que pode ser parafraseado como: *não pode ser um homossexual do gueto, esse que vive nas sombras, prefere a noite, é uma maldição, possui trejeitos e não é ser humano*. Essa imagem-padrão, pré-construída, é a identidade discursivizada desde o discurso médico – embrião do campo discursivo da homossexualidade, como aponta Souza (1997). O discurso da medicina sobre a homossexualidade atravessa o discurso militante enquanto discurso outro, que fala sempre antes (nesse caso, em um processo de designação da doença/anormalidade). Discutiremos, desse modo, o funcionamento discursivo da negação que incide nas formulações apresentadas pelo jornal.

O primeiro movimento de militância que primou a construção de uma nova identidade teceu fios para desconstruírem a imagem-padrão vinda do discurso médico. *Lampião* objetiva negar as construções de uma desumanização que são uma repetição do discurso médico.

Contudo, a contradição aparece no instante em que o objetivo de construir uma nova identidade continua a discriminar a que já existe. Essa discriminação na comunidade surge da repetibilidade do que deve ser valorizado. Dito de outra forma, o que deve ser repetido sobre a homossexualidade são designações que se desvencilham das caracterizações médicas. A contradição é, nesse sentido, que a discriminação agora parte de dentro da própria comunidade, em que a militância acreditou que repetir a cis normatividade era o caminho para independência dos homossexuais, portanto, discriminam-se as identidades como as da bicha, boneca. É sobre o efeito de “escute a nós, e não a eles” que a militância desse sujeito discursivo em *Lampião* se edifica, como se dissesse para as bichas/bonecas: “Tu és o que ELES dizem que tu és, mas tu tens que ser o que NÓS dissermos para tu seres”.

Tal militância apresenta-se no editorial como convocação, chama-se para a luta, descreve-se o homossexual ideal, o que o homossexual brasileiro deve buscar/querer. Essa construção sintática imbrica um efeito de todo, é o efeito discursivo necessário para que se conquiste mais espaço dentro e fora da comunidade. Tendo em vista as delimitações de uma identidade, é referenciando um homossexual em específico que se caminha para essa realização. Observemos:

(SD17) mostrando que **o homossexual recusa** para si e para as demais minorias a pecha de casta, acima ou abaixo das camadas sociais; que **ele não quer** viver em guetos, **nem erguer** bandeiras que o estigmatizem; que **ele não é um eleito nem um maldito**; e que sua preferência sexual não deve ser vista dentro do contexto psicossocial da humanidade como um dos traços que um caráter pode ter. (Editorial, *Jornal Lampião da Esquina*, “Saindo do gueto”, de maio de 1978, grifos nossos).

O que salta aos olhos, na SD17, é a negação do discurso médico (ou médico psiquiatra), uma negação que funciona, como dito, no intuito de negar a identidade construída para o sujeito gay nesse discurso. Compreendo que aqui não estou analisando um discurso médico, mas tomo esse efeito de sentido em virtude dos estudos sociais e antropológicos de autores como Trevisan e Green, mobilizados anteriormente, e também dos estudos discursivos de Souza e Soares.

Ademais, retomo para a questão do uso do termo *homossexual* como um efeito de totalidade, é o efeito que vai, justamente, dar vez e voz para essa militância que se constrói. Observaremos, também, como ressoam esses ditos nas cartas dos leitores, ao delineamento de um efeito de seriedade para o *Lampião*, afinal, ele veio para tirar o homossexual do gueto, mais ainda, para tirar de vista a identidade homossexual guetificada.

Para esse primeiro batimento, mobilizo dois espaços da seção de *Cartas na Mesa*, os dois espaços, determinados por dois títulos, a saber, *Lendo o número zero* e *Ecos do número zero*, somam 10 cartas, de diversas extensões em quantidade de linhas. O que os leitores escrevem nas cartas publicadas por *Lampião*, ratifica e reitera o que o jornal colocou anteriormente: que é preciso mostrar que o sujeito gay é mais do que sua sexualidade, também, de que sujeitos que continuam a apresentar características depreciativas construídas pelo discurso médico não colaboram para a luta pelo fim de preconceitos.

Na SD18, a seguir, retirada de uma carta de leitor, destaco como se materializa essa divisão entre identidades, ainda no fio de que é a imagem-padrão (gueto) a ser escanteada, como também a nova imagem que deve ser construída, oposta talvez ao que é próprio das homossexualidades, mas sim determinada pela influência do que é cis normativo, ou seja, da repetição do que é considerado normal no sistema de gênero binário que define os papéis de

homem e mulher bastante fechados (heterocentrados), inculcando, assim, a noção de que o homossexual masculino, por ser homem, também deve apresentar características/comportamentos tidos como masculinos/masculinizados, assim acontece com a lésbica (homossexual feminina), que supostamente deve preservar as feminilidades que o sistema heterocentrado impõe.

(SD18) É animador encontrar um **grupo sério, capaz**, fazendo algo em que acredita. Vocês acreditaram na possibilidade de um jornal que trate do **homossexualismo de modo sério**. Vocês estão mostrando que o **comportamento sexual não é** o ponto de referência do indivíduo. A **imagem da afetação e da frescura perseguem** ainda o tema homossexualismo e a corrupção moral em que se encontra envolvida a homossexualidade confere a desconfiança sobre a possibilidade de uma conduta equilibrada. (C.S.S, Jornal *Lampião da Esquina*, “Lendo o número zero”, de maio de 1978, grifos nossos).

O trabalho realizado por *Lampião* é frequentemente elogiado e impulsionado pelas cartas a ele destinadas. O grupo de militância que se instaura com a articulação entre periódico e leitores aliados busca legitimar as barreiras de uma homossexualidade, como venho discutindo. Na SD18, por exemplo, o corpo editorial, enquanto grupo representante, é qualificado pelos adjetivos *sério* e *capaz*, e ao descrever como *tratam* e *mostram* o homossexualismo, essas ações carregam também as qualidades do grupo. Por isso, é perceptível que a identidade de *Lampião* é a que se deseja replicar, ao tempo que a que deve ser apagada é a que possui uma imagem de afetação, frescura, imoral, desequilibrada (características que perseguem, como que não saem do encaixe), ideia que se complementa também com outra carta:

(SD19) *Lampião* – **archote**, pelo visto, capaz de **iluminar os becos e as vielas do meio** e do preconceito que envolve, deturpa e violenta a minoria guei. (F. J., Jornal *Lampião da Esquina*, “Ecos do número zero”, de junho de 1978, grifos nossos).

Em um exercício de contraste, reformulando a SD19, poderíamos ler “o que envolve, deturpa e violenta a minoria guei são os becos e vielas do meio (homossexual) e o preconceito”. Nesse sentido, becos e vielas, enquanto construções urbanas, estão presentes nos guetos das cidades. Retornando a ideia de guetificação da identidade homossexual, na SD19 esse processo é tido, mais uma vez, com o que instaura preconceitos dentro da comunidade. É preciso, desse modo, iluminar os becos, iluminar as vielas, iluminar o gueto. Uma iluminação que reconstrói a imagem-padrão pré-determinada de um lugar discursivo também preconceituoso.

Essa formulação do que é necessário, é preciso (para o grupo gay), se instaura de um fio discursivo, nas cartas, o qual quer reafirmar o que *Lampião* coloca, seja na afirmação do tipo “continue assim, Lampião”, “eu concordo com você, Lampião”, ou do tipo “Lampião faz do jeito certo”. As próximas SDs (20 e 21) mostram como essa construção imperativa comparece.

(SD20) **É preciso que** isto seja **sempre** mostrado: o homossexual agindo **conscientemente** dentro de sua realidade sexual, é um indivíduo **comum**. (C.S.S, Jornal *Lampião da Esquina*, “Lendo o número zero”, de maio de 1978, grifos nossos).

(SD21) Finalmente surge em meio às escassas publicações destinadas a um público homossexual, um jornal que trata como ele **realmente deve ser** tratado: **como seres humanos**. (Rogério Naccache, Jornal *Lampião da Esquina*, “Ecos do número zero”, de junho de 1978, grifos nossos).

Desse modo, além das verbalizações que comparecem no modo imperativo (é preciso que, deve ser), o que também aparece na SD15 (é preciso dizer não), o funcionamento dos advérbios também chama a atenção. *Sempre* e *realmente* apontam para um efeito de sentido de desejo da permanência e da realidade, ou seja, o que pode e deve ser dito, que seja dito de acordo com a realidade, com a verdade que vivem os homossexuais, é só isso que precisa ser dito, sempre isso, afirmar continuamente, verdadeiramente. Resta pensar a respeito dessa *realidade*, ou seja, como nessas sequências discursivas está sendo caracterizada a realidade que se quer mostrar, que se quer que seja dita.

Partindo das SDs mobilizadas até aqui, proponho duas famílias parafrásticas, uma que qualifica o periódico em si e as posturas que esse toma perante a temática da homossexualidade; a outra em relação ao que determina o que pode ser dito, determinações presentes no texto editorial e nas cartas. A seguir, apresento a primeira família parafrástica:

Família parafrástica 1: “quem” é o *Lampião*

É um grupo sério, capaz (SD18)

É um archote, capaz de iluminar becós e vielas do meio (SD19)

Mostra que o comportamento não é ponto de referência do indivíduo (SD18)

Trata o homossexualismo de modo sério (SD18)

Trata o homossexual como realmente deve ser tratado. (SD21)

Sobre o jornal, então, se diz que a seriedade e capacidade que possui refletem no modo como mostra e trata o sujeito homossexual: além do modo sério, é o modo como deve ser, em que a sexualidade não é ponto de referência do caráter individual do sujeito. Logo, caráter é o

mais importante perante a sociedade, caráter que faz parte do que é real sobre o sujeito. *Lampião* possui mais luz do que se imagina, é comparado a um archote – ilumina muito mais – ilumina o homossexual como ser humano, sério; essa é a realidade.

A segunda família parafrástica é mobilizada no intuito de mostrar como as barreiras da formação discursiva, onde inscrevem-se o sujeito discursivo militante, começam a ser construídas.

1.5.1 Caro irmão homossexual brasileiro, o que podemos e queremos dizer

Observo dois funcionamentos discursivos da negação na família parafrástica abaixo: um com as marcas da negação (como advérbio de negação ou léxicos), e outro de afirmação funcionando como negação. Partindo das sequências discursivas, selecionei aquilo que se repete e que, ainda, pode ser parafraseado como o modelo de repetição. Abaixo, dividirei os enunciados da família parafrástica em dois recortes, o primeiro que traz o funcionamento da negação e, como é possível observar, apresenta as formulações principalmente das SDs mobilizadas do texto do editorial. O segundo recorte apresenta formulações das cartas.

No funcionamento discursivo da negação, observo a construção do enunciado expressando quais são as necessidades do homossexual, ou o que é preciso fazer em termos de militância da homossexualidade. Nesse sentido, destaco a negação que aparece, no fio da sintaxe, como advérbio “não”, e como forma verbal “recusa”.

Família parafrástica 2 - primeiro recorte: negação

*É preciso mostrar que o homossexual **não** vive em guetos. (SD17')*

*É preciso mostrar que o homossexual **não** ergue bandeiras estigmatizantes. (SD17')*

*É preciso mostrar que o homossexual **não** é um eleito, nem um maldito. (SD17')*

*É preciso mostrar que o homossexual **recusa** para si a pecha de casta. (SD17')*

Essa formulação *É preciso X*, leva a um efeito de sentido de grupo, de que o sujeito nas SDs é *nós* - nós do *Lampião* e vocês leitores, juntos colocamos as determinações, delimitações possíveis. No próximo recorte, a construção sintática é bastante parecida, mas essa não faz uso da negação. Contudo, o que proponho de análise é justamente da negação funcionando pela afirmação.

Família parafrástica 2 - segundo recorte: afirmação

É preciso mostrar o homossexual com consciência. (SD20')
É preciso mostrar o homossexual como indivíduo comum. (SD20')
É preciso tratar o homossexual como ser humano. (SD21')

Para Freda Indursky (2013), “A negação é um dos processos de internalização de enunciados oriundos de outros discursos podendo indicar a existência de operações diversas no interior do discurso em análise.” (INDURSKY, 2013, p. 261). A respeito dessas operações que direciono meu gesto de análise. Sendo assim, já coloquei o *Lampião* como um espaço discursivo das homossexualidades, estão em jogo nesse *corpus* de editoriais e cartas, dizeres de diferentes sujeitos, mas que se unem em favor de um objeto comum: a militância sobre a homossexualidade.

Nesse primeiro momento, em que as cartas mobilizadas trazem discursos aliados, trago a noção de negação externa, ou seja, negação dos saberes de uma FD antagônica. A FD1, a partir de agora, é entendida como a formação discursiva em que se inscreve o sujeito discursivo militante de *Lampião*, e a FD2 é a antagônica, na qual inserem-se os dizeres que não podem ser ditos na FD1. Assim, como pontua Indursky (2013):

Quando sujeito do discurso pode e deve dizer o que diz a partir do seu lugar social, ele o faz por uma predicação afirmativa, identificando seu dizer como o saber da FD que o afeta. Já quando sua predicação é negativa, esta pode caracterizar três operações de negação discursiva diversas: a **negação externa, que incide sobre o que não pode ser dito no interior de FD1**; a negação interna, que incide sobre o que pode, mas não convém ser dito neste domínio de saber; e a negação mista, que mobiliza as duas modalidades anteriores numa única operação de negação. (INDURSKY, 2013, p. 264) (grifos nossos).

Dessa maneira, compreendo que, no domínio discursivo da militância, não pode ser dito o que é afirmado no discurso outro, nesse caso, materializado como discurso da instância médica. É o que procuro descrever com o esquema a seguir:

Temos a função

$x = \textit{é preciso mostrar } y$

$y = \textit{que o homossexual } \sim p$

e

\sim (sinal lógico de negação) $p = \textit{quer viver em guetos};$
 $\textit{quer erguer bandeiras estigmatizantes};$
 $\textit{é um eleito/maldito};$
 $\textit{aceita a pecha de casta};$
 $\textit{quer o gueto};$
 $\textit{define seu caráter com a preferência sexual}.$

Ainda, *p* é o que se diz na FD2, antagônica à FD1. Por isso, observo que o processo discursivo tem outro funcionamento nas cartas dos leitores. Em um efeito de apoio ao jornal, leitores afirmam sem negar “*x* = é preciso mostrar *z*”, em que *z* = o homossexual *r*. Resta definir, a partir do primeiro recorte, *r*.

Assim,

r = *tem consciência;*
é indivíduo comum;
é ser humano.

Cazarin (2001) analisa a afirmação funcionando como negação e diz que essa forma “é utilizada para negar um discurso que circula na FD antagônica. Embora o dito na FD1 não venha de fora (da FD2), funciona como resposta para o que está sendo dito fora” (CAZARIN, 2001, p. 146). Ou seja, FD1 diz, afirmando, o que circula na FD antagônica na forma de negação, quer dizer, o que é negado na FD2. Dito de outra forma, o que aparece na FD2 como “o homossexual não tem consciência”, a FD1 dirá afirmando “o homossexual tem consciência”.

Do que colocam as duas autoras, contribuindo para o entendimento dos funcionamentos da negação, resumo o seguinte: havendo duas FDs antagônicas, na negação externa, se em FD2 se diz “não”, em FD1 se afirma para negar esse “não”; se em FD2 diz “sim”, em FD1 se marca a negação no fio discursivo dizendo “não” ao que é dito lá. Colocando de outra forma, com o processo discursivo em análise, a FD1 trabalha no campo discursivo da liberação gay e da militância por essa, já a FD2 é antagônica, ou seja, ela institui os sentidos que marcam o preconceito contra a comunidade homossexual. De acordo com as análises, os saberes da FD2 se sustentando no discurso médico psiquiátrico, e no discurso religioso, sendo corroborados socialmente, daí se tem as paráfrases de que *gay é imoral, doente, desumano*.

Por fim, a FD1 vai se instituir com a negação dessas construções de FD2. Pode-se, assim, dizer “não” ao que é dito em FD2: *gay não é imoral, doente, desumano* etc. Como também pode ser dito, afirmando, o que FD2 constrói com negações, ou seja, o que, em FD2, surge como “*o gay não é moral, não é normal, não é humano*”, FD1 vai contestar com as afirmações “*o gay é moral, é normal, é humano*”. Interessa para o *Lampião* e seus leitores, nesse sentido, negar os pré-construídos e o discurso outro que desmerecem o homossexual e a homossexualidade. O campo discursivo da militância gay, dessa maneira, faz uso da negação para construir as barreiras de sua FD, delimitando dizeres, determinando o que pode ou não, e deve ou não ser dito.

Como último gesto de análise neste capítulo, apresento 3 formas de negação interna, que trabalha sobre as diferentes posições de um mesmo domínio de saber, ou seja, diferentes

posições de uma mesma formação discursiva. Os funcionamentos de negação externa antes analisados colocaram em evidência as formações discursivas antagônicas. Agora, o intuito de mostrar os diferentes funcionamentos da negação interna é de observar os conflitos entre posições na mesma FD1 (que definirei após esse gesto).

Sendo assim,

A negação interna incide sobre sequências discursivas igualmente provenientes do exterior [...] Porém, ao contrário da negação externa, ela incide sobre um discurso afetado pela mesma FD do discurso que as internaliza. Ou seja, não opõe FD antagônicas, como ocorre com a negação externa, mas diferentes posicionamentos no interior de um mesmo quadro ideológico. (INDURSKY, 1992, p. 326).

Apresento, em seguida, os três funcionamentos os quais veremos nas próximas SDs:

- a. *É só x (e não y) que r* (SD22)
- b. *Não y, mas x para r* (SD23)
- c. *ou x, ou não r* (SD24)

O texto “Nossas gaiolas comuns”, publicado na edição 1, de maio de 1978, argumenta, por um viés pedagógico, o movimento o qual as minorias sociais devem fazer. Esse, porquanto, deve ser unificado, discutido, com o objetivo de uma luta maior por todos e não individual. A luta se faz a partir de discussões em grupo, de todas minorias sociais, buscando seus pontos fortes para usá-los e os pontos fracos para superá-los, como a SD abaixo lineariza:

(SD22) **É** só nessa discussão, nessa busca conjunta, **que** poderemos descobrir nossos pontos fortes e nossas fraquezas e partir para um outro **momento de luta**. (Mariza, *Jornal Lâmpião da Esquina*, “Nossas gaiolas comuns”, de maio de 1978, grifos nossos).

Na SD22, o que materializa para x, ou para o que se deve fazer no movimento de luta, de militância, são as discussões e buscas conjuntas. Sob um efeito de unidade, de todos juntos, o funcionamento discursivo de união busca alcançar algo em comum. No caso, é da necessidade de lutar que também é preciso criar estratégias (r) para vencer, ou seja, reconhecer os pontos fortes e fracos e ir com preparo para a luta. Com isso, ao afirmar o que é preciso (união), coloca-se em negação um discurso outro (y) que afirma que “é cada um por si”, esse outro, no entanto, é afetado pela mesma FD.

Em um movimento de paráfrase da SD22 podemos ler “*É juntos que poderemos descobrir nossos pontos fortes.*” e “*É sabendo nossos pontos fortes que poderemos partir para um momento de luta.*”. O reforço para o movimento de união é observado na SD23, em que a luta agora é melhor.

(SD23) Isto **não significa** um isolamento das várias categorias ou grupos fechados em si mesmos em busca apenas de sua identidade sexual (nesta sociedade nossas identidades são múltiplas), **mas sim** uma reflexão prévia a qualquer discussão mais geral, única maneira de **reconhecer** claramente os seus objetivos e interesses e que papel eles podem desempenhar, ou desempenham, **na luta mais ampla pela igualdade**. (Mariza, *Jornal Lampião da Esquina*, “Nossas gaiolas comuns”, de maio de 1978, grifos nossos).

Em comparação com a SD22, na SD23 observamos outro funcionamento. O que na SD22 aparecia como discurso outro implícito (negação - o que não deve ser feito/o que não é), na SD23 está explícito. Ou seja, o que antes foi parafraseado como “é juntos que”, agora pode ser dito “não é separados”. O funcionamento discursivo de negação interna **não y, mas x para r** coloca em questão a luta que se trava na comunidade. Essa luta, sendo a pela igualdade, só pode acontecer com reflexão

Ainda na esteira desses funcionamentos de negação interna, algumas contradições da formação discursiva podem ser evidenciadas, daí temos os conflitos entre posições da mesma FD, e essas três últimas SDs denunciam esses conflitos, diferentes formas de dizer e, na próxima SD, os diferentes ditos:

(SD24) A posição idealista e individualista de liberação deve ser superada: **ou** tentamos, todos juntos, abrir a porta da gaiola, **ou** permaneceremos lá dentro, cada um com a ilusão de que está numa gaiola particular. (Mariza, *Jornal Lampião da Esquina*, “Nossas gaiolas comuns”, de maio de 1978, grifos nossos).

Na SD24 fica em debate a ideia de qual luta a comunidade deve travar: a FD é a mesma, são diferentes posições inscritas no mesmo campo de saber ideológico. Enquanto uma posição aponta para a luta conjunta e, outra traz a luta individual. Sendo assim, o funcionamento **ou x (e não y) ou não r**, continua construindo o efeito de necessidade de união, ou **todos juntos**, e não **uma posição idealista**, ou não abriremos a porta da gaiola. Parafraseando a SD24, teríamos “ou tentamos juntos e abriremos a porta da gaiola ou não tentamos juntos e não abriremos a porta da gaiola”. Temos para as variáveis da função trazida:

x = o que se deve fazer = luta conjunta, união

~ y = o que não se deve fazer = posição idealista e individualista

r = o que se pretende alcançar = a liberdade, a igualdade

A negação interna, para Indursky (1992) “assinala a coexistência da diferença e o primado da contradição no interior de uma mesma FD”. (INDURSKY, 1992, p. 334). Por fim,

x e y são diferentes posições na mesma FD, um representando o que se deve fazer e outro o que não se deve fazer, e essas variáveis funcionam de modo que enquanto um é afirmado, o outro é negado (mesmo que não explicitamente, está sempre lá como discurso outro).

Considerações sobre a FD em análise

Iniciei o capítulo com as considerações de Souza (1997) acerca dos modelos de enunciação da homossexualidade. Fica entendido, desse modo, como a homossexualidade em um primeiro momento foi enunciada através da perspectiva de um discurso médico psiquiatra. Esse campo discursivo, conseqüentemente, pode ser interpretado como embrião do discurso sobre a homossexualidade, um discurso que, infelizmente, designou os homossexuais como anormais, doentes, arremedos da feminilidade.

Na história do movimento homossexual, é somente mais tarde que se dá o entendimento da diversidade de identidades de gênero e sexualidades. Observamos que no início os sistemas de sexualidade eram bastante fechados, a lógica de existência de um ou outro também imperava. O que atualmente já presenciamos é a coexistência de diferentes sistemas sexuais e as identidades que lhes são atribuídas. O efeito desse primeiro momento histórico é a construção de barreiras de uma formação discursiva onde o lugar discursivo da militância homossexual apresenta a disputa de diferentes posições-sujeito em uma mesma formação discursiva e embates entre saberes de diferentes formações discursivas.

Disso, consigo interpretar o quando sujeitos homossexuais demoraram para serem sujeitos de seus discursos, pois o que podiam dizer ainda era do outro. Dessa forma, a heterogeneidade discursiva no campo enunciativo da homossexualidade é presente. O discurso outro, quase sempre comparece para ser negado – é um dos primeiros passos. As formas de refutação, portanto, caracterizam o discurso militante que se instaura no campo da homossexualidade.

A despeito dessas formas, no capítulo, mobilizei diferentes sequências discursivas, em que as formulações sintáticas puderam ser interpretadas como que um discurso militante toma forma para negar o discurso outro, que é linearizado no intradiscorso às vezes como um pré-construído. Nos movimentos de paráfrase discursivas, pude delinear as formações discursivas antagônicas em jogo – uma que se caracteriza pelos domínios de saber preconceituosos sobre a homossexualidade, e a outra que determina esse discurso militante pela aceitação da homossexualidade e as construções de refutação do discurso outro. As análises dos

funcionamentos discursivos da negação externa e interna, então, denunciam os conflitos entre FDs antagônicas e os conflitos internos em FD1.

Por fim, resta nomear essa formação discursiva (trabalhada no texto como FD1). Essa FD, na qual o sujeito discursivo militante da homossexualidade se inscreve (sujeito observado a partir das matérias jornalísticas e cartas de leitores), é lugar de dizeres da dissociação da imagem-padrão do homossexual construída no âmbito discursivo médico, discursos que funcionam pelas formulações sintáticas da afirmação de quem somos e da refutação do discurso outro, seja no funcionamento discursivo da negação ou da negação funcionando pela afirmação. Dessa forma, essa FD é lugar de afirmação e legitimação de uma homossexualidade comum, humana, séria, enfim, antagônica da imagem-padrão citada.

Tendo em vista a luta pela liberação, mobilizada pelo sujeito discursivo das SDs analisadas, em que as materialidades demonstram não um desejo de descolamento das identidades cis normativas de gênero, mas sim o desejo de uma aceitação dentro desse sistema, como enfrentamento aos discursos de uma FD cis normativa e heterocentrada, e que o descolamento proposto não é da diversidade sexual, e sim um descolamento da identidade pré-construída do discurso médico, denomino a formação discursiva como **Formação Discursiva de Afirmação da Homossexualidade (FD-AH)**. É dessa FD, finalmente, que está determinado o discurso de militância da homossexualidade realizado nos textos de *Lampião*, um discurso que funciona, como já pudemos observar algumas pistas, como discurso pedagógico, principalmente na interlocução entre periódico e leitores, o que objetivo explorar no próximo capítulo.

Lampião começa a tomar formas de exemplo a ser seguido a partir das opiniões expressas em seus editoriais. Outrossim, as cartas publicadas na sua seção específica muitas vezes vêm colaborar com seus argumentos. Nesse ínterim, a noção de que o que o jornal fala é real, é com razão e que, portanto, deve ser levado a sério, movimentam também as ideias construídas no grupo de militância gay que se instaura com e pelo jornal. Se *Lampião* se expressa de algum modo jornalístico diferente pelas cartas, esse modo poderia ser o de militância da homossexualidade.

Capítulo Dois

UMA BICHA ATREVIDA PEDE A PALAVRA



¹⁹LAERTE. Por quê? Porque não há homofobia. Se há, não é crime. Se há crime, não é homofobia. Por quê? Porque não há homofobia. Se há, não é crime. Se há crime, não é homofobia. Por quê? Instagram: @lartegenial. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CYwUBKRL2dj/>. Acesso em: 15 Jan. 2022.

Quando se afirma que a formação discursiva não é homogênea, é como se esses muros que delimitam as fronteiras do que pode e deve ser dito não fossem inteiramente fechados, muros esburacados assim seriam. Através desses buracos/furos, os sentidos se movimentam, atravessam diferentes formações discursivas e se atualizam conforme os saberes do novo espaço – o sentido do discurso em movimento.

Nesse sentido, é nas novas regulações do que é dito, do que tensiona e provoca, que observamos o funcionamento da Formação Discursiva de Afirmação da Homossexualidade (FD-AH), essa que concebe os nós entre discurso, ideologia, sujeito e sentido. Pêcheux e Fuchs (2014 [1975]) entrelaçam a noção de FD com a noção de ideologia, pois concebem o discurso como materialidade ideológica, produzido por um processo discursivo a partir de uma posição inscrita em uma FD comportada pelas formações ideológicas.

Sabendo, assim, que na FD estão em jogo as noções de forma-sujeito e posição-sujeito, mobilizo os saberes de Indursky (2007), que diz que não é possível pensar a FD “dissociada à noção de Forma-Sujeito e sua fragmentação em posições-sujeito, pois estas questões estão imbricadas na evolução da noção de FD.” (INDURSKY, 2007, p. 163). São esses os dois novos pontos em relação à FD que quero trazer, a forma-sujeito e posição-sujeito que a constituem.

É nos trabalhos de Pêcheux que entendemos que a FD corresponde a um domínio de saber, e que esse domínio é constituído de enunciados discursivos que representam o modo como o sujeito se relaciona com a ideologia, no caso, é interpelado ideologicamente, com sua inscrição em uma FD, que regula o que pode e deve ser dito. São esses os funcionamentos que Pêcheux coloca quando afirma que “a interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se efetua pela identificação (do sujeito) com a formação discursiva que o domina (isto é, na qual ele é constituído como sujeito).” (PÊCHEUX, 2014a [1975], p. 150). Desse modo a partir das materialidades selecionadas, busco compreender as posições que os sujeitos discursivos assumem na FD.

Pensar, desse modo, as modalidades de tomada de posição propostas por Pêcheux (identificação, contra-identificação e desidentificação) contribui para o entendimento da noção de efeito-leitor. Os discursos circulantes no *Lampião* são determinados pela FD de Afirmação da Homossexualidade, e mais do que isso, são ditos a partir das diferentes posições-sujeito que essa FD comporta.

Diante das afirmações de Pêcheux de que “A tomada de posição resulta de um retorno do ‘Sujeito’ no sujeito”, sendo o *Sujeito* a forma-sujeito e o *sujeito* o sujeito do discurso, e “O ‘desdobramento’ do sujeito – como ‘tomada de consciência’ de seus ‘objetos’ – é uma

reduplicação da identificação”, primeira modalidade, (PÊCHEUX, 2014a [1975], p. 160), Indursky elabora:

Esta reduplicação da identificação do sujeito mostra que, neste momento, Pêcheux entende a Formação Discursiva como um domínio discursivo bastante fechado e homogêneo. Ou seja, o sujeito do discurso, ao tomar posição, identifica-se plenamente com seus semelhantes e com o Sujeito, reduplicando sua identificação com a forma-sujeito que organiza o que pode ou não ser dito no âmbito da Formação Discursiva. Em outras palavras, só há espaço para a reduplicação da identidade; por conseguinte, só há lugar para os mesmos sentidos. Dito diferentemente, ainda: neste momento, ainda não há espaço para alteridade e a diferença nem para a contradição. E a identificação do sujeito se dá diretamente com a Forma-Sujeito, responsável pela organização dos saberes que se inscrevem na Formação Discursiva. (INDURSKY, 2007, p. 166).

Olhemos para a relação de interlocução entre *Lampião* e leitores como a relação de identificação com a FD-AH, ou seja, com o discurso de militância da homossexualidade. O trabalho da forma-sujeito da FD-AH, na qual se inscreve o discurso do *Lampião*, regula o que pode e deve ser dito, organiza os saberes, determina os sentidos.

A segunda modalidade, a da contra-identificação, é uma forma de questionamento à forma-sujeito, ou melhor, o sujeito se identifica com alguns saberes e não se identifica com outros da mesma FD. Desse modo, “o sujeito, ‘mau sujeito’, ‘mau espírito’, se contraidentifica com a formação discursiva que lhe é imposta pelo ‘interdiscurso’ como determinação exterior de sua interioridade subjetiva” (PÊCHEUX, 2014a [1975], p. 200).

Isto é: a contra-identificação é um trabalho do sujeito do discurso sobre os dizeres e os sentidos que são próprios à FD que o afeta e, por conseguinte, se institui como forma de resistência à forma-sujeito e ao domínio de saberes que ela organiza. O resultado desta contra-identificação faz com que o sujeito do discurso, não mais se identificando plenamente aos saberes que Forma-Sujeito representa, se relacione de forma tensa com a forma-sujeito. (INDURSKY, 2007, p. 167).

A FD-AH comporta essa contra-identificação com diferentes posições-sujeito e assim determina as discursividades produzidas no *Lampião*. É o que observaremos nas análises, buscando apontar essas diferentes posições. O efeito-leitor que se constrói é resultado de uma posição-sujeito que desempenha, através das cartas, as tensões discursivas da própria FD-AH. Nesse sentido, cabe explorar a noção de efeito-leitor, mas antes trazendo contribuições teóricas da noção de discurso jornalístico para pensar o discurso jornalístico epistolar.

O discurso jornalístico é considerado por Mariani (1996) como uma modalidade de *discurso sobre*, em que aquilo sobre o que se fala é tornado objeto do falar. Desse modo, esse tipo de discurso, principalmente na forma de reportagens, “coloca o mundo como objeto. A

imprensa não é o ‘mundo’, mas deve falar sobre esse mundo, retratá-lo, torná-lo compreensível para os leitores.” (MARIANI, 1996, p. 64).

Segundo a autora, o movimento de informar e tornar algo compreensível para quem lê algum periódico, funciona também como um *discurso pedagógico*. Esse funcionamento me chama a atenção, tendo em vista que o *Lampião*, enquanto jornal para uma minoria social, traz diversos textos com intuito de explicar, instruir seus leitores, o *discurso pedagógico* aí se institui.

Discuto esses funcionamentos do discurso jornalístico justamente para pensar como as cartas publicadas são também (ou podem ser) um modo de expressão do discurso do *Lampião*, assim como o funcionamento discursivo nas respostas dos editores para os leitores.

As cartas de leitores publicadas pelo *Lampião* prenderam a minha atenção desde o primeiro momento de contato. Seja por apresentar relatos das vivências homossexuais nas décadas passadas, e tudo que era implicado a isso, como violência, desejos e confissões, seja pela forma como eram escritas, os debates que se estabeleciam, muitos termos. Enfim, as materializações da língua na comunidade é um retorno às designações que já me assombraram um dia e hoje passam por ressignificações e confrontos discursivos, principalmente pelo movimento do politicamente correto. Dessa maneira, para Bandeira (2006), a seção *Cartas na Mesa* desempenhou três funções: cartas que faziam alianças, cartas que denunciavam e cartas em que se presenciava a comunidade vencendo a solidão²⁰. Enfim, a seção sempre recebeu bastante destaque e era tida como importante para os interlocutores do jornal.

Na capa do número dois, o leitor era convidado a visitar a seção de “Cartas Quentíssimas!”. O espaço dedicado a ela era considerável. Das dezesseis páginas publicadas, em média, mensalmente, pelo *Lampião da Esquina*, duas eram dedicadas à *Cartas na Mesa*. Alguns missivistas chegavam a apontá-la como a melhor seção do jornal, e outros faziam questão de finalizar seus escritos ressaltando o desejo de ver sua carta publicada. (BANDEIRA, 2006, p. 81).

Vejamos algumas caracterizações desse espaço criado nos periódicos para leitores. Conforme Dela-Silva (2013, p. 1216), as seções de cartas de leitores são aderidas às publicações jornalísticas no século XX. Dentre os espaços reconhecidos dentro do jornal, a autora destaca que “somente a seção de cartas é destinada ao dizer dos sujeitos-leitores, o que por si só já marca o desnível entre o dizer legitimado pelas publicações jornalísticas (de jornalistas e

²⁰ A partir dessa descrição, passarei a chamar de Cartas de Aliança, Cartas de Denúncia e Cartas de Pertencimento.

convidados especialistas) e o dizer dos leitores na mídia impressa.” (DELA-SILVA, 2013, p. 1217).

Logo, as seções de cartas dos leitores tornam-se “único espaço reservado ao dizer dos leitores, em resposta aos dizeres da mídia” (DELA-SILVA, 2013, p. 1217). O que caracteriza a seção de cartas no *Lampião* é que se institui como um espaço de interlocução e interação, a partir do momento que algumas das cartas publicadas obtêm respostas do periódico (seja na figura dos editores ou não)²¹. Se as cartas dos leitores são respostas às publicações do jornal, as respostas dos editores para algumas cartas funcionam como réplicas, o que institui um debate, ainda que sem tréplica, ou seja, a última palavra (publicada) é do *Lampião* na maioria das vezes.

A partir disso, exploro os diferentes funcionamentos dessas cartas publicadas no *Lampião* e busco compreender os efeitos de sentido que o sujeito-leitor constrói na militância da homossexualidade. A partir disso, do que é imaginário nesses espaços, percebo algumas características da própria seção de cartas do *Lampião*. Nem tudo se pode dizer, há seleção do que é dito e há réplica, o que funciona como um discurso pedagógico, didatizando o que pode e deve ser dito, ou seja, uma delimitação contínua das fronteiras das formações discursivas em questão.

A seção de cartas funciona de um modo abrangente, com a abertura de espaço para que o sujeito-leitor coloque em circulação no jornal outros funcionamentos discursivos. São esses funcionamentos o interesse de estudo deste trabalho, principalmente, sobre o que se diz, se debate, se afirma e se nega sobre a homossexualidade. A seção *Cartas na Mesa* foi publicada desde a edição experimental do jornal (abril de 1978). Nesta edição, os editores afirmavam:

A idéia do Conselho Editorial de LAMPIÃO é fazer de sua seção de Cartas na Mesa **uma espécie de tribuna através da qual seus leitores possam se expressar à vontade**, inclusive fazendo críticas ao próprio jornal. É possível chegar ainda mais longe: esta seção será ampliada de acordo com a correspondência recebida, e poderá ir até a publicação de artigos, fotos, etc. enviados pelos leitores e que se enquadrem na linha de idéias que norteou a criação do jornal. Da primeira leva de cartas recebidas selecionamos as que melhor representam essa orientação. (LAMPIÃO DA ESQUINA, 1978, p. 14) (grifos nossos).

Como podemos observar, o imaginário “tudo pode” está em jogo: pela carta, o leitor se expressa “à vontade” e tem no espaço de publicação o seu palco/púlpito desde “que se enquadrem na linha de ideias”. É partindo desse ponto, da instauração de um espaço, que é

²¹ Às vezes, algum editor assinava a carta de resposta. Outras vezes, só apresentava a letra “R” para marcar o anonimato de quem respondeu e/ou deixou a autoria para o jornal, como um todo.

regido/comandado pelo editorial do jornal, meu gesto de análise busca compreender o *efeito-leitor* construído nas respostas que o jornal dá para essas cartas.

Para o entendimento da noção de efeito-leitor, Cortes (2016) analisa o discurso de divulgação científica inscrito em blogs. Na análise, o “efeito-leitor funciona intrincadamente ao lugar discursivo e à posição-sujeito ocupada, sendo que uma posição-sujeito também é projetada ao leitor” (CORTES, 2016, p. 23). A autora mobiliza as categorias de análise de *efeito-leitor*, *lugar social*, *lugar discursivo*²² e *posição-sujeito*. Assim, na relação que a autora estabelece entre as noções, ela afirma que “nesse movimento de lugares e posições-sujeito é que se institui o efeito-leitor, que tanto afeta, quanto é afetado por esses lugares” (CORTES, 2016, p. 25) ou seja, “determina e é determinado pelo lugar discursivo” (CORTES, 2016, p. 35). A autora afirma, ainda:

Nessa trama, o efeito-leitor não somente é produzido a partir de um lugar, melhor dizendo, das relações estabelecidas entre lugar – social e discursivo – e posições-sujeito, como também pode projetar posições-sujeito para o sujeito leitor. [...] No entanto, o efeito-leitor projetado pode ser ratificado ou desconstruído; pode haver a cumplicidade ou o confronto, conforme a movimentação dos sujeitos e dos sentidos no discurso. (CORTES, 2016, p. 26).

É partindo dessa ideia que podemos analisar os diferentes efeitos-leitor construídos na seção de cartas, para o que apontam os processos discursivos em análise, os efeitos de sentido construídos e as tensões causadas no discurso de militância determinado pela FD-AH.

2.1 Que espaço é esse, oh, *Lampião*?

Após tomar conhecimento do jornal *Lampião*, fui explorando as páginas avidamente. Parando a cada título, lendo um pouco e matando a curiosidade de tudo que compõe o jornal. Posterior às definições do tema de pesquisa e do objeto, sendo esse principalmente as cartas publicadas, me dediquei à leitura de cada uma. Então, elegi exemplares que colocavam em discurso os ditos sobre a homossexualidade, a disputa por uso de termos, o litígio social no discurso de militância homossexual. Observei como esses processos discursivos são construídos, os diferentes discursos que estão em relação com as afirmações de *Lampião*, sejam esses atravessados como discurso outro ou pré-construídos e o que a militância instaurada no jornal prega (já que em muitos textos teóricos, o *Lampião* é sempre apontado em um pedestal

²² A autora mobiliza a noção com base em Grigoletto (2005). Neste trabalho, a mobilizarei mais especificamente na seção 2.3, espaço no qual a análise é feita com tal noção.

do movimento homossexual brasileiro). A partir disso, selecionei as cartas em vista do que se repetia com frequência, dos fios que as conectam e que mostram os funcionamentos do discurso de militância da homossexualidade, as identidades em debate e as tensões discursivas entre forma-sujeito e posições-sujeito.

Logo que selecionei as cartas, julguei importante montar um catálogo, onde organizaria esses textos possibilitando aos leitores desta dissertação encontrar mais facilmente o que desejam (e até mesmo como instrumento de pesquisa a quem interessar). Dessa forma, o *Apêndice A* desta dissertação traz o catálogo de cartas publicadas no primeiro ano de circulação do jornal. Esse período compreende 13 números do *Lampião*, da edição número zero à número 12, de abril de 1978 a maio de 1979. No total, do ano 1, há 98 cartas, que estão reunidas no catálogo a partir do número de publicação. Apresento, como dados de consulta principal, os dados da edição, o título da carta definido pelo próprio jornal, o tema (ou função) conforme Bandeira (2006) e minhas considerações e palavras-chave definidas por mim após a leitura das cartas. Das 98 cartas publicadas nesse primeiro ano, elegi 11 cartas para o arquivo de análise a partir do que mencionei acima, 9 são analisadas neste capítulo e constam, na íntegra, no *Anexo 1*, as outras duas foram mobilizadas também no capítulo 1 (*Ecos do número zero e Lendo o número zero*).

Pretendo analisar o efeito-leitor construído a partir das réplicas do jornal para as cartas dos leitores, mobilizando as noções de posição-sujeito e efeito-leitor. Ademais, analiso nas cartas os efeitos de sentido construídos a partir do funcionamento do discurso pedagógico, do imbricamento com o discurso de afirmação da homossexualidade e as tensões entre posição-sujeito e forma-sujeito da FD em questão, das noções de lugar social e lugar discursivo.

Em seguida, no quadro abaixo, esquematizo as cartas selecionadas para o *arquivo* deste capítulo, apontando o título e a edição em que estão publicadas.

Quadro 4 - Arquivo do Capítulo 2: as cartas selecionadas

(Continua)

EDIÇÃO	TÍTULO	AUTORIA
Ano 1 - n. 00 - abr/1978	Apelo ao jovem gay	Paulo Bonorino
Ano 1 - n. 01 - mai/1978	Assumir o quê?	Guilherme Império
Ano 1 - n. 02 - jun/1978	Pauladas na bichórdia	José Alcides Ferreira
Ano 1 - n. 04 - ago/1978	Quem está com a bandeira?	Iso Fischer
	Ainda o auê das palavras	Alfredo Rangel

(Continuação)

Ano 1 - n. 06 - nov/1978	Abraços da Paraíba	Júnior
Ano 1 - n. 09 - fev/1979	De minoria em minoria	Ciro C. de Souza e Dennys M
Ano 1 - n. 10 - mar/1979	A tragédia é contestada	Mauro Luiz
Ano 1 - n. 12 - mai/1979	Volta o gay-macho	Jairo Ferry e Caetano

Fonte: Elaborada pelo autor, 2022.

Soares (2006), quando analisa as cartas de leitores comentando matérias sobre AIDS/homossexualidade, publicadas em algumas revistas, entre os anos 1985-1990, busca “verificar se o espaço reservado às cartas de leitores era construído de forma distinta do que se instituiu oficialmente em relação ao discurso da imprensa.” (SOARES, 2006, p. 11). Desse modo, cabe compreender um dos funcionamentos que se dá nesse jogo de interlocução entre os periódicos e seus leitores:

A revista se reserva o direito da publicação ou não da carta que chega à redação e, além disso, nada garante que ela seja publicada na íntegra, tampouco há critérios claros sobre a seleção das cartas, além da questão do espaço (reduzido) ou da clareza do texto. Ao leitor cabe aguardar o próximo número da revista para saber se a sua carta foi ou não publicada. (SOARES, 2006, p. 12).

Sabe-se que as seções de cartas de leitores são “atividades controladas e editadas pelas revistas” (SOARES, 2006, p. 13). E as cartas enviadas por leitores têm o objetivo de comentar o que foi publicado nas páginas dos periódicos. Para o autor coube mobilizar a noção de comentário, como em Foucault, para colocar em evidência o efeito produzido pela própria palavra: “O efeito produzido pela palavra comentário, em se tratando de imaginário construído do discurso jornalístico, é o de que ali se pode e se deve (principalmente) posicionar-se (ocupando uma posição-sujeito) diante do que é lido.” (SOARES, 2006, p. 13). Portanto, nos comentários (cartas) que debatem os conteúdos publicados pelo jornal ou que dizem respeito à comunidade LGBTI+, os leitores ocupam uma posição-sujeito.

Nesse ínterim, Soares coloca como o discurso jornalístico, que se pretende neutro, imparcial, verdadeiro e objetivo se constrói diferente nos espaços dos periódicos designados seção de cartas. E, a partir desse pré-construído acerca desse tipo de discurso, analisa nas cartas como esse efeito do discurso jornalístico está presente.

O efeito do discurso jornalístico que faz sentido para os leitores é o de que, nessas revistas, a linguagem é um meio de comunicação de informação. Os leitores agradecem ao editor ou à própria revista (como uma entidade que se auto-organiza) pelos serviços prestados, pelas informações recebidas e veiculadas através dela. O

discurso jornalístico é percebido (percepção construída historicamente na relação leitor e revista) como uma prática discursiva que atua como uma mera reprodução de fatos; como uma prática responsável apenas por uma transmissão objetiva de informações. (SOARES, 2006, p. 15).

Esse efeito pode ser analisado também no *Lampião*, considerando ainda o contexto de criação do jornal, que se propõe diferente da grande imprensa (grande poder econômico e alcance popular), justamente por essa não preencher lacunas que a comunidade LGBTI+ colocava. Podemos observar, dessa maneira, como *Lampião* se constrói em uma extensão das colunas sociais que eram publicadas em outros jornais até a imprensa gay se instaurar. No trabalho com textos de diversos gêneros, *Lampião* relatou fatos da comunidade LGBTI+; mobilizou críticas quando retratou realidades que ninguém mais queria relatar e brincou com a linguagem, com os leitores em entrevistas com famosos, colunas; também, abriu espaço para os leitores na seção de cartas, publicizou literatura, e discutiu, enfim, a construção de identidades na e da comunidade.

Costa (2019) delinea como as identidades homossexuais são materializadas nas páginas do *Lampião* e como, a partir das cartas – comentários dos leitores –, essas materialidades causavam tensões.

defendo aqui, que com o ascender do jornal *Lampião* da Esquina, os homossexuais através do jornal, foram representados, se tornando porta-vozes de si e se fazendo ouvir, ao caminhar em trajetórias demarcadas por eles mesmos, sem ter o seu discurso restringido ao consultório médico, ao divã do analista, aos confessionários das igrejas ou ainda aos códigos penais. Assim, escrevendo na primeira pessoa do singular e/ou do plural, os homossexuais, através dos lampiônicos, dos textos que escreviam para o jornal, e das cartas enviadas ao *Lampião*, argumentaram, foram ouvidos, e ocuparam um espaço na mídia brasileira por 3 anos. (COSTA, 2019, p. 133).

Foi característica do editorial a busca por tocar em diversos assuntos em diálogo com a sexualidade. Identidades, ideias e fatos foram noticiados e postos à luz do debate. Percebo, dessa maneira, que *Lampião* criou de fato um movimento dialógico, na construção de sua própria comunidade de interlocução e na troca de textos na seção *Cartas na Mesa*, mesmo que esses debates estabelecessem conflitos.

Ademais, sublinho que o fato de, nas páginas do jornal *Lampião*, encontrarmos tais conflitos ideológicos entre os lampiônicos, entre estes e os leitores e entre os leitores entre si (através das discussões via carta), nos é demonstrado que tais discussões se faziam correntes na época e que *Lampião*, por ser uma das instâncias de maior visibilidade dos discursos acerca da homossexualidade e dos homossexuais, os aglutinava, e, divulgavam. (COSTA, 2019, p. 193).

Entre ensaios, entrevistas, opiniões etc. – textos – *Lampião* buscou falar de homossexualidades. As identidades que se construíram na comunidade e estiveram presentes no *Lampião*, mesmo que só referenciadas, evidenciou uma sociedade bastante plural, movimento ímpar na época. Trazer à tona as sexualidades, os gêneros, enfim, diferentes modos de vida que existiam/existem na seara da contra heteronormatividade (contra de agir de outros modos que não submissos ao dominante hétero centrado e cis gênero) foi o grande feito social do jornal *Lampião*.

Não obstante, para combater a imagem estereotipada da homossexualidade os lampiônicos buscaram enfraquecer algumas “verdades” que, até então, serviam como justificativas para sua construção negativa. Então, foi preciso, por exemplo, destruir o discurso construído pelo saber médico que associava a homossexualidade à doença, ou o discurso jurídico, que associava homossexualidade à marginalidade, ao crime, ou o discurso religioso, que associava homossexualidade à pecado. E, para isso, **Lampião da Esquina tomou a luta contra as “verdades” como uma função do discurso jornalístico, tirando todos esses outros discursos de suas searas**, para migrarem para o território da informação e da notícia. (COSTA, 2019, p. 194) (grifos meus).

Por fim, entendemos que *Lampião*, inserido em um movimento de contracultura, parece ter buscado fugir aos gestos de funcionamento do discurso jornalístico praticado pela grande imprensa, mas não deixou de materializar em suas páginas discursos outros. Resta investigar os processos discursivos de *Lampião* na interlocução com os leitores e os efeitos de sentido que se instauram no funcionamento do discurso jornalístico epistolar.

As tensões/os conflitos são efeitos de diferentes atravessamentos ideológicos. Mesmo que se inaugurasse um novo funcionamento discursivo para falar de LGBTI+, com a ascensão do *Lampião*, na instância do sujeito e do texto, temos que considerar as diferentes posições, logo, as diversas interpelações de diferentes ideologias. Mais do que isso, consigo propor agora um olhar para o discurso jornalístico epistolar como colaborador da instauração do movimento gay (ou mesmo LGBTI+, como entendemos contemporaneamente), ou seja, além de tudo o que *Lampião* diz em seus textos, milita, ensina etc. sobre a(s) homossexualidade(s), o nascimento do movimento não poderia ser considerado apenas com o que diz o jornal, por isso, as cartas são essenciais também, por colocarem em pauta outras questões e contribuir com o que se diz e se nega sobre a homossexualidade²³.

²³ Mesmo visto que as cartas podem nem ser escritas por leitores, o que quero dizer é que elas trazem sim conflitos, outros modos de dizer, outros pontos de vista. E elas podem ser entendidas como tudo isso e ainda como escritas por gays do Brasil, colocando assim o movimento de militância como inaugurado por diferentes homossexuais, intelectuais do jornal e contribuintes comuns da sociedade.

2.2 Respondendo às cartas: o efeito-leitor construído

Nesta seção, a partir do arquivo de cartas, mobilizo como objeto de análise as respostas que o *Lampião* dá para seus leitores nas cartas que publica. Fazer esse gesto de análise é compreender os funcionamentos do discurso jornalístico na interlocução realizada em um espaço que muitas vezes só foi destinado ao sujeito-leitor. Logo, antes de analisar as cartas que os leitores escreveram, é importante compreender a posição que o *Lampião* designa para seus interlocutores que escrevem para o jornal.

Logo, faço um resumo das cartas e apresento o recorte discursivo que será trabalhado nesta seção. As cartas publicadas sob o título “Ecos do número zero” são diferentes textos apontando, por exemplo, que o jornal está chegando na cidade do leitor, também pedindo para que *Lampião* resista às intervenções militares, desejando vida longa ao periódico, muitos elogios etc. Essas cartas de apoio, então, constroem a narrativa de importância do *Lampião*, importante na vida do leitor que escreve e de todos da comunidade. Dessa maneira, o jornal responde de uma forma bastante amigável, agradecendo o apoio e a escrita da carta. Como as respostas para as cartas *Ecos do número zero*:

(SD1)²⁴ **Com o apoio** de gente do **seu naipe**, **nosso** jornal só pode ir para frente. (Editorial, Jornal *Lampião da Esquina*, “Ecos do número zero”, de junho de 1978, grifos nossos).

(SD2) **Esperamos** que dê a **sua opinião** sobre os próximos números também. (Editorial, Jornal *Lampião da Esquina*, “Ecos do número zero”, de junho de 1978, grifos nossos).

Observamos que essas cartas mobilizam a função de comunidade. O diálogo direto que *Lampião* trava com os leitores é no intuito de construção e continuidade dessa interlocução, o que cria o efeito de acolhimento. “Pauladas na bichórdia” é a carta de um leitor do Rio que faz comentários sobre os jornais que vieram antes de *Lampião*, cita como o jornal correspondeu às suas expectativas e veio na hora certa, e pede que o jornal retrate a realidade dos homossexuais e desmascare o machismo presente na sociedade sexista. A resposta de *Lampião* é a seguinte:

(SD3) Pode deixar, Zé Alcides, que é com **a gente** mesmo. E **se não publicamos** o trecho de **sua carta** sobre Rogéria, **não foi por censura, mas por falta de espaço**. De qualquer modo, **vamos citar** um trecho que nos parece **a síntese do seu pensamento**. (Editorial, Jornal *Lampião da Esquina*, “Pauladas na bichórdia”, n. 02 de junho de 1978, grifos nossos).

²⁴ Optei por, no segundo capítulo, retomar do número 1 a contagem das SDs.

A carta intitulada “*Assumir o quê?*” questiona a cobrança para que os homossexuais se assumam, ou seja, tornam pública a homossexualidade. A crítica do leitor é um questionamento: “assumir o que realmente é, se libertando”, seria realmente esse o efeito da liberdade? Para o leitor, o “assumir” só reforça estereótipos e diferencia os indivíduos na sociedade, criando a dicotomia normal/anormal, sendo anormal quem se assume.

(SD4) Meu caro Guilherme Império, **vamos ver se a gente se entende**. Lampião **não disse** até agora que **as pessoas** devem “assumir” a própria sexualidade e se fechar dentro dela, **nem pretende dizê-lo**. **Nós** saímos às ruas exatamente para **pregar outra coisa**: que transar (qualquer que seja a forma de transação) é gostoso, é saudável, combate a cárie, faz um bem enorme à pele e, acima de tudo, não dá câncer! **E queremos dizer isso** não apenas aos homos, mas também aos héteros, pois estes também são prisioneiros do próprio sexo. **Entendeu?** (Editorial, *Jornal Lampião da Esquina*, “Assumir o quê?”, n. 01 de maio de 1978, grifos nossos).

Nesse sentido, o jornal se coloca em uma posição de defesa, reformulando o que quer expressar para que não haja confusão do que deve ser entendido.

Na carta “*Ainda o auê das palavras*”, o leitor chama a atenção do jornal para o uso de termos que designam homossexuais por pessoas preconceituosas. Na opinião do leitor, termos utilizados pela sociedade machista não deveriam também ser utilizados pela comunidade homossexual (expressa no *Lampião*). “Não adianta vocês usarem determinadas palavras com um propósito, se aqueles que as recebem, os leitores em sua maioria, já estão habituados a vê-las de uma outra forma.”. Essa carta, em específico, coloca em debate o uso de termos, busca determinar o que deve ou não ser dito.

(SD5) Olha, Alfredo, **a gente continua mantendo nossa posição sobre o assunto**. Não é por falta de uso que as palavras morrem, não. Elas só morrem e, portanto, deixam de ser usadas quando perdem o sentido. Para isso é preciso ir até o fundo das possibilidades de cada uma, esmiunçá-las, esgotá-las. No nosso caso particular, essa preocupação com as palavras também inclui um mergulho profundo nas nossas possibilidades; é preciso ter consciência, inclusive, de que essa “livre expressão” de que você fala, não é através de *Lampião* que vamos consegui-la, já que este é apenas uma esfinge que devora a si mesma. **Vamos passar um dever de casa pra você**: medite sobre os vários significados que nos últimos anos teve a palavra democracia entre nós, e depois nos escreva sobre isso. (Editorial, *Jornal Lampião da Esquina*, “*Ainda o auê das palavras*”, n. 04 de agosto de 1978, grifos nossos).

Assim, o jornal acaba defendendo a sua posição sobre o assunto, nas formulações que faz, reafirma para o leitor o que quer dizer e o coloca em uma posição de aprendiz, que precisa refletir sobre o que está dizendo.

“*De minoria em minoria...*” é o título dado para duas cartas publicadas na edição de número 9. Os leitores expressam como são fãs do *Lampião*, e agradecem pelo surgimento do periódico e o trabalho de representação que é realizado em suas páginas, possibilitando uma identificação desses sujeitos, como também a construção de uma comunidade que se apoia. Nesse sentido, após duas cartas cheias de elogios e exaltando a importância do *Lampião*, sendo cartas de aliança e comunidade, esse responde agradecendo.

(SD6) Dennys, meu anjo, **nunca é demais ouvir coisas como essas que você diz**, principalmente em horas ruças pra nós como as atuais. De minoria em minoria a gente chega à massa, não é verdade? (Editorial, *Jornal Lampião da Esquina*, “De minoria em minoria”, n. 09 de fevereiro de 1979, grifos nossos).

Na edição 10, encontrei uma carta que traz contestações a uma matéria publicada, como o título coloca “*A tragédia é contestada*”. O leitor escreve para discordar da opinião expressa pelo jornal sobre o assunto “gay-macho”, na matéria publicada na edição 8:

Figura 2 - Capa Edição n. 8



Fonte: Acervo Grupo Dignidade. Lampião. Recorte nosso.

Ao tempo que *Lampião* coloca esse fato como uma tragédia americana, o leitor busca argumentar que o termo “tragédia”, escolhido para o título, coloca em jogo uma problemática da comunidade gay acerca das identidades que se constroem e que não há nada trágico, portanto, em ser gay-macho. Ainda, o leitor coloca outras questões que devem ser consideradas trágicas na comunidade, como alguns comportamentos exagerados.

(SD7) Olha, Mauro, se chega realmente a ser uma tragédia o mundo dos rapazes de couro e aço dos EUA, é o que **nós não sabemos (nem decretamos): veja a**

interrogação do título. (Editorial, *Jornal Lampião da Esquina*, “A tragédia é contestada”, n. 10 de março de 1979, grifos nossos).

Por isso, o jornal rebate para o leitor as suas afirmações, construindo um efeito de sentido de equívoco por parte do leitor, e aponta a necessidade desse de reler o que está escrito, pois ainda não entendeu.

Na edição de número 12, há mais duas cartas debatendo esse tema. “*Volta o gay-macho*” determina um espaço para outras duas cartas que concordam com a carta da edição 10 a respeito da publicação na edição 8. Os autores das duas cartas explicam como que os homossexuais devem se comportar socialmente, o que coloca em pauta termos como “bichas loucas”, tópicos sobre o que é autêntico na identidade gay, por qual direito se deve lutar etc.

(SD8) Houve um **problema muito sério** com o artigo sobre o “gay-macho” publicado no nº 8 de *Lampião*. Fala-se ali da **tendência** verificada entre alguns homossexuais norte-americanos de adotar um comportamento machista. **Veja bem, é uma tendência**, e de apenas uma facção homossexual: não de todos. [...] Além disso a gente nota, com preocupação ainda maior, **que tanto** Jairo como Caetano só **falam** de homossexuais masculinos. **Será que vocês** – como os machistas, gueis ou não -, também acham que lugar de mulher – mesmo mulher homossexual – é na cozinha? **Cruzes!** (Editorial, *Jornal Lampião da Esquina*, “*Volta o gay-macho*”, n. 12 de maio de 1979, grifos nossos).

O jornal responde, fazendo um movimento de retratação sobre o que foi publicado, insistindo para que a leitura seja realizada de outra forma, ou seja, que outra coisa seja entendida.

Sendo assim, o recorte discursivo mobilizado é composto por essas respostas que *Lampião* direciona para seus leitores. Foi possível observar que os principais tópicos mobilizados nessas respostas dizem respeito aos leitores aliados, por isso a necessidade de o jornal agradecer o apoio, motivar aliança e diálogo, e aos conflitos surgidos entre leitores e periódico, daí a necessidade de se explicar, de dizer de outra forma, de insistir em outra interpretação para que “o que quis dizer foi isso” se concretize.

Os editores de *Lampião* conservam uma posição bastante amigável na interlocução com seus leitores. Ao responderem às cartas falam a partir de uma posição fraterna e que busca resolver conflitos, como também praticam, por meio do discurso pedagógico, a tentativa de instauração de conter o sentido daquilo que dizem. Ou seja, analisado a seguir como se materializam as formulações em que o jornal trata como equívoco o que é dito pelo outro (leitor) e que precisa ser “convertido” para o mesmo sentido com o qual trabalha o jornal.

Caberia discutir também o efeito de autoria nas cartas, ora assinadas, ora anônimas, em que podemos questionar se de fato eram leitores que escreviam. Mas é possível observar, no fio do discurso das respostas do *Lampião* aos leitores, o efeito-leitor construído pelo periódico.

Outrossim, como Soares (2019) nos colocou, a veiculação de falas de leitores em algum periódico corrobora com valores democráticos. É, por assim dizer, a abertura das portas do jornal às opiniões dos leitores que, supostamente, são valorizadas.

A existência das seções de carta em jornal costuma ser considerada como um índice de credibilidade e responsabilidade jornalísticas, itens indispensáveis à conquista de qualquer público leitor que prime pela liberdade de expressão e opinião. Por elas seria possível medir a receptividade de um veículo de informação e construir parâmetros para revisões e reformulações das linhas editoriais. (HEEREN, 2011, p. 168-169).

Nas SDs 1, 2 e 6, é materializado não só o agradecimento para o leitor por entrar em contato e apoiar, como também é motivado que o leitor escreva para o jornal, expressando sua opinião. Nesse sentido, se estabelece um diálogo em que o leitor pode se sentir como bem recebido, assim como o jornal denota para esses leitores a continuidade do periódico. Dessa maneira, as cartas que recebem elogios e agradecimentos têm em comum o apoio ao jornal, a concordância com os textos e opiniões do periódico e elogios para esse, o que parece motivar o efeito de aliança e de comunidade – um *efeito-leitor aliado*, sob a função de cartas de aliança e comunidade.

Ademais, na SD6 podemos observar esse efeito sendo construído, a partir do trecho “**nunca é demais ouvir coisas como essas que você diz**”, como uma estabilização do que é esperado pelo *Lampião* a respeito do leitor. Esse efeito-leitor aliado, portanto, tem sempre um reforço positivo para o que escreve. O ficar lisonjeado com a carta do leitor, ficar feliz, grato, anuncia uma posição de bom sujeito em relação à FD-AH no discurso de militância que *Lampião* exerce, não só por dizer o que se quer ouvir, mas justamente porque o que se quer ouvir é o que se identifica plenamente e não causa conflitos. Além de reiterar o discurso militante do próprio jornal.

Por outro lado, o jornal publicou, também, textos que discordavam do que foi formulado em suas páginas. Discordâncias e críticas não deixaram de estar presentes na seção, mas essas foram publicadas, muitas vezes, acompanhadas de uma réplica com a função de convencer o leitor do contrário, ou de outro dito, é o que veremos a seguir em outro efeito-leitor construído.

Outrossim, observamos ainda que o jornal selecionou trechos das cartas a serem publicados quando necessário. Na formulação “**não foi por censura, mas por falta de espaço**”, na SD3, ao mobilizar o termo *censura*, *Lampião* busca se distanciar dos atos praticados por

outros jornais/imprensa: em outro lugar poderia ser censura, então aqui é preciso negar que seja, e afirmar o que realmente é.

Nas SDs 4, 5, 7 e 8, há uma construção na interlocução entre jornal e leitores muito constante. A colocação pronominal é algo que se repete, construindo não só a noção de diálogo, como também demarcando o que é do leitor – ditos, ideias, interpretações – na forma de *você/vocês* e, na forma de *nós*, o que é do *Lampião* e dos leitores (define uma comunidade, o *eu + tu*), e o que é somente do *Lampião* (divide lados, o *nós* do jornal e *tu* leitor), pois também se entende o *Lampião* como uma construção coletiva, os editores, e com frequência o pronome *nós* retoma o referente *Lampião*. Assim, o jornal chama o leitor para o diálogo – SD4: “Vamos ver se a gente se entende” – e, no domínio de *nós/a gente* (eu e tu), coloca a interpretação do leitor como equivocada, então é preciso dizer de outra forma, é preciso repetir com outras palavras, retomando um trecho dessa sequência:

SD4a: “Lampião não disse **aquilo**... nem pretende dizê-lo. Nós saímos às ruas exatamente para pregar outra coisa. E queremos dizer isso.” (o termo em negrito é meu, substituição para a oração de referência).

Como se dissesse, ainda, “Você entendeu **aquilo**, mas nós não dissemos **aquilo**. Nós dissemos **isso**, e é **isso** que você deve entender”. Além da necessidade de retratação, de dizer de outra forma para não ter a interpretação “errada” (ou outra interpretação), o leitor é interrogado sobre a compreensão do que é dito – **Entendeu?** Então, sob o efeito de “vamos nos entender”, *Lampião* dá uma lição e cobra do leitor, que parece funcionar como um *efeito-leitor aprendiz*. Um entendimento que antes se propôs mútuo, mas agora cabe ao leitor entender o que é correto e não interpretar outra coisa. A interrogação, funcionando como uma pergunta retórica, não quer receber uma resposta do leitor, mas sim estimular a reflexão nesse sujeito.

Esse *efeito-leitor aprendiz* continua a ser observado nas SDs 5, 7 e 8. A construção do efeito-leitor aprendiz sempre se dá em uma interlocução pedagógica, sob o funcionamento do discurso pedagógico autoritário. O *Lampião* se posiciona como detentor do conhecimento e correto a respeito dos fatos, a interpretação equivocada (que causou a opinião contrária) é culpa do leitor, é dever dele se atentar aos fatos explícitos no texto, ler corretamente, e compreender o que o jornal realmente quis dizer. Nesse funcionamento, de quando o leitor traz a opinião contrária, é possível pensar que a publicação de tal carta, divergente das diretrizes do jornal, serve justamente para o jornal poder continuar se posicionando com as ideias que tem, apagando ou silenciando, o que não deve ser dito no âmbito de sua FD.

Na análise do efeito-leitor, observamos como é tomada a exterioridade nos processos discursivos na seção *Cartas na Mesa*. É preciso retomar alguns pontos teóricos acerca do discurso pedagógico e posição-sujeito para trazer como essas noções se materializam no texto e constroem o efeito-leitor aprendiz.

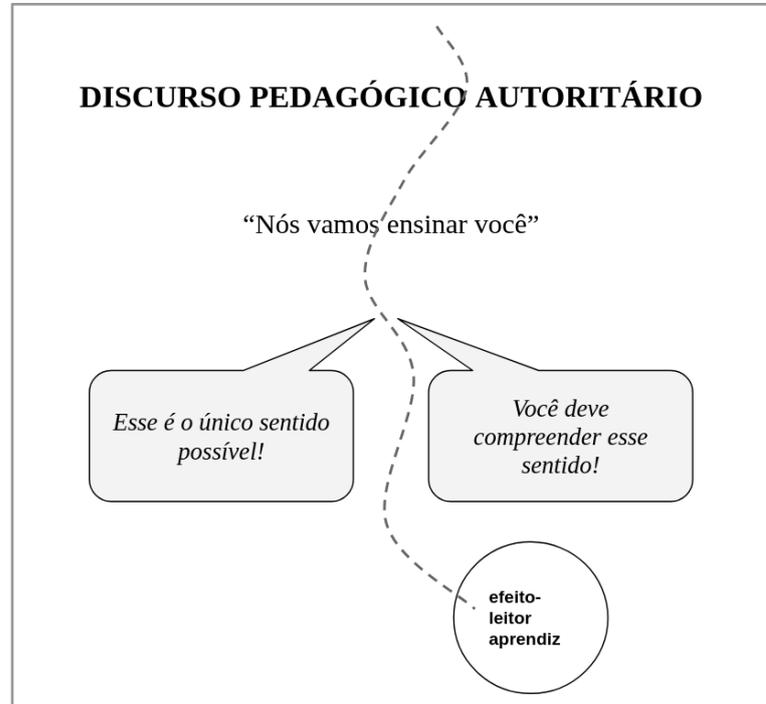
O discurso pedagógico (DP) é apresentado por Orlandi (1983, p. 09) na distinção entre três tipos: lúdico, polêmico e autoritário, tomando como base para distingui-los o referente e os participantes, assim sendo, o objeto do discurso e os interlocutores. Como já colocado, observamos alguns funcionamentos do discurso pedagógico autoritário anteriormente, o que resta agora é “unir fios entre si” (PÊCHEUX, 2014a [1975], p. 125). “No discurso autoritário, o referente está “ausente”, oculto pelo dizer; não há realmente interlocutores, mas um agente exclusivo, o que resulta na polissemia contida” (ORLANDI, 1983, p. 10). Justamente para evitar as tensões, o que acontece, no antagonismo das diferentes FDs, ou de posições-sujeito tensionando a forma-sujeito, a polissemia deve ser contida, um sentido só deve ser possível. Não é autoritário apenas por ser pedagógico, mas porque a militância precisa defender as fronteiras da FD-AH. É o funcionamento da forma-sujeito da FD.

A partir de um esquema que constitui o percurso da comunicação pedagógica, a autora mobiliza variáveis que representam o objeto do discurso e os interlocutores para serem analisadas, em que temos: *A ensina R a B em X*. Sendo *A* = imagem do professor (quem ensina), *R* = imagem do referente (ensina o quê), *B* = imagem do aluno (ensina para quem) e *X* = Aparelho Ideológico (lugar, ensina onde). (ORLANDI, 1983, p. 10). Contrapondo essas variáveis com o funcionamento tido na seção de cartas do *Lampião*, observamos:

<i>Quem</i>	<i>Ensina</i>	<i>O Quê</i>	<i>Para quem</i>	<i>Onde</i>
A		R	B	X
Lampião	o que deve ser dito/entendido		Leitor	Imprensa

Esquematizando o que foi analisado até agora, na figura abaixo, temos que o jornal publica seus textos opinativos e informativos e recebe diversas cartas de leitores. Essas cartas, quando discordam de algo dito pelo jornal, são tratadas como um leitor que precisa aprender o correto – *o efeito-leitor aprendiz* – afrontado não para continuar o debate, mas sim para refletir sobre o que foi colocado, é o leitor também equivocado. O enunciado de resposta a essas cartas busca didatizar as questões em debate e ensinar ou convencer o leitor a um efeito de sentido de univocidade do que foi dito nas páginas do periódico.

Figura 3 – Funcionamento do Discurso Pedagógico Autoritário na Seção Cartas na Mesa



Fonte: Elaborada pelo autor, 2021.

Ademais, cabe refletir sobre o que é ensinado (R). Estando o discurso pedagógico colocando o leitor na posição-sujeito aprendiz, esse tenta convencer o leitor de um efeito de sentido único, de uma linguagem transparente, “só pode ser assim, não há como ver/entender de outra forma”, na relação de comunicação estabelecida, onde o jornal desempenhou o papel de informar e opinar. Esse efeito, por fim, é mais do que aprendiz. A contenção de sentido (polissemia contida) por parte de A, o jornal, é busca por efeito único de identidade, de grupo, de ideias a serem desenvolvidas. Tudo isso fica estabelecido nesse funcionamento para construir um movimento homossexual delineado a partir das próprias ideias do jornal. É dessa interpelação da imprensa que também se instaura o efeito-leitor aliado, que não se posiciona com críticas e faz com que *Lampião* não precise ser autoritário com ele. É assim também que as fronteiras da formação discursiva de afirmação da homossexualidade são estabelecidas, pelo que o jornal coloca como o que deve ser dito/entendido e, pelos conflitos, tem suas posições-sujeito determinadas. A figura, dessa forma, ilustra como o fio do discurso, o sentido, se movimenta dentro da FD, caracterizado pela necessidade de ensinar, formula o que quer ser alcançado, resultando nos diferentes efeitos-leitor.

Resta apontar as marcas linguísticas pelas quais se podem identificar as posições-sujeito no discurso. Observemos, nesse sentido, o quadro 5 abaixo que mobiliza os recortes das sequências discursivas trazidas anteriormente, estabelecendo a interlocução entre o *Lampião* – sob o uso do pronome nós (e *a gente*) – e o leitor, ou efeito-leitor aprendiz. A ordem, que é pedagógica, instaura o efeito-leitor que deve rever, reler, repensar, para poder se posicionar novamente. O efeito-leitor, como viemos discutindo, fica marcado pela necessidade de aprender – aprender a ler, que é aprender a interpretar, interpretar sem polissemia – se inscrever na FD dominante do jornal.

Quadro 5 – Interlocução entre *Lampião* e Efeito-leitor aprendiz

Nós (<i>Lampião</i>)	Nós (eu + tu)	Efeito-leitor Aprendiz
(SD4a) <i>Lampião</i> não disse.	(SD4b) Vamos ver se a gente se entende.	(SD4c) Entendeu?
(SD4d) E queremos dizer isso não apenas aos homos, mas também aos héteros.	(SD5a) Não é através de <i>Lampião</i> que vamos consegui-la.	(SD5b) Medite [...], e depois nos escreva sobre isso.
(SD5c) A gente continua mantendo nossa posição sobre o assunto.	-	(SD7b) Veja a interrogação do título.
(SD5d) Vamos passar um dever de casa para você.	-	(SD8c) Veja bem, é uma tendência, e de apenas uma facção homossexual.
(SD7a) Nós não sabemos (nem decretamos).	-	-
(SD8a) A gente nota, com preocupação ainda maior.	-	-
(SD8b) Fala-se ali da tendência verificada entre alguns homossexuais.	-	-

Fonte: Elaborada pelo autor, 2022.

Desse modo, o primeiro movimento a observar é como *Lampião* apresenta a si mesmo na interlocução. A partir do pronome *nós*, o periódico vai construindo a posição de educador propondo a construção de conhecimento, até certa medida, como em SD4a. Mas a posição autoritária para esse educador se materializa justamente na questão retórica, o que foi exposto antes. Também, *Lampião* expõe a posição que ocupa, ou seja, de que lugar fala e, no “manter a posição”, ou seja, não trocando de ideia, mostra como detém o poder. Dito de outra forma, *Lampião* explicita que não vai trocar de ideia com o que o leitor diz (SD5c), e sim vai fazer um movimento didático para que quem troque de ideia seja o leitor, passando um “dever de casa” (SD5d). O processo discursivo que se instaura é também o de tolher os questionamentos e de aproveitar o discurso do outro para defender o seu discurso, um enfrentamento para moldar uma

posição-sujeito de plena identificação com a sua forma-sujeito, é manter o que é dito na FD como está.

O jornal organiza, também, o discurso em torno do que o leitor diz. O dito pelo leitor, dessa forma, surge no fio discursivo como aquilo que não se sabe. Ou seja, o leitor diz “Y”, e *Lampião* responde “Se é Y, não sei e não decreto que seja também”, como um movimento de desmerecimento, em uma paráfrase da SD7a: “não quero saber” e “não me importa saber”. Esse efeito é possível tendo em vista que o jornal faz uso do modo verbal imperativo para ordenar que o sujeito leitor faça algo, no caso, “veja” (SD7b), “veja bem” (SD8c), “veja de novo”, “medite”, “nos escreva depois”. Não é o *Lampião* que tem que achar ou não algo, exercendo sua relação de poder com o leitor, e sim o leitor que tem que rever o que diz e não interpretar de outra forma que não cabe, como se a língua não falhasse, ou o equívoco não fosse o furo da linguística, pois o sentido sempre pode ser outro, “uma palavra, uma expressão ou uma preposição não tem um sentido que lhe seria ‘próprio’, vinculado a sua literalidade” (PÊCHEUX, 2014a [1975], p. 147).

O mesmo funcionamento é perceptível em SD8c, o “veja bem”, com uma designação em seguida, trabalha para que essa designação seja a única, se reifica o significado e assim o leitor não poderia interpretar outra coisa. Dito de outra forma, é como se a palavra “tendência” significasse uma coisa só e não se pode atribuir outro sentido para ela ou entendê-la diferente do que *Lampião* entende. Parece claro, para o *Lampião*, que se comunica o que se quer, como se a linguagem fosse transparente. A “preocupação” (SD8a) do jornal é mais uma forma de desqualificação do que o leitor diz. Sendo que essa não diz respeito a um sentimento de cuidado/acolhimento com o leitor, e sim informa que o que o leitor coloca é motivo de preocupação, como “Me preocupa você dizer uma coisa dessas”, no sentido de que o que é dito não deveria ser dito.

Enfim, evidencio, pelo uso do imperativo e da pergunta retórica, funcionando em um discurso pedagógico, que *Lampião* constrói para o sujeito-leitor uma posição de aprendiz. Instaura-se um efeito-leitor que necessita rever seus conceitos quando se dirige ao jornal, que precisa aprender mais coisas para poder se expressar, e que não é qualquer expressão que pode ser dita. Esse processo discursivo construído pelo discurso pedagógico também coloca em questão a formação discursiva em debate, as posições-sujeito que se inserem nela. Ou seja, nesse processo, *Lampião* permanece firmando suas fronteiras do dizível e estabelecendo as posições inscritas na FD do seu discurso.

O efeito-leitor aliado é aquele instaurado também pelas funções das cartas, de aliança, de comunidade e de denúncia. É preciso, nesse sentido, pensar em mais funções para as cartas,

visto que elas estabelecem diálogos de crítica ao que circula no jornal. Diria que temos as *cartas que tensionam*, ou cartas de tensionamento. Essas são, conseguinte, as que estabelecem um debate com o periódico, não necessariamente deixam de ser aliadas ou de comunidade, mas tentam promover a reflexão para o jornal e para outros leitores, mesmo que em alguns casos, alguns pensamentos são tolhidos pelo discurso pedagógico autoritário do *Lampião*. São principalmente no efeito discursivo dessas cartas de tensionamento que os conflitos entre forma-sujeito da FD dominante do jornal e as posições-sujeito inscritas nela são instaurados.

Esses funcionamentos vão estabelecendo as relações imaginárias entre os interlocutores do *Lampião*, relações que vão regulando o que o sujeito leitor escreve (um efeito leitor) para o jornal e o que o jornal publica para os leitores, mas, mais do que isso, a regulação do que é dito é posta em jogo a partir das tomadas de posição do sujeito. Entender essas relações a partir do efeito-leitor é essencial para que pensemos, também, nas cartas dos sujeitos-leitores especificamente.

Lembremos que o próprio efeito-leitor é resultado de uma posição-sujeito. Portanto, na análise desenvolvida até aqui, chamamos de *efeito-leitor aliado* o que toma a posição de bom sujeito, pois nela está representada a instauração e conservação de sentidos que o próprio jornal vem colocando. Também, denominamos de *efeito-leitor aprendiz* o que é instaurado na posição de mau sujeito, o que fica claro com o funcionamento do discurso pedagógico. Essa posição não está inteiramente desidentificada, ela está provocando novos saberes, atualizando e, às vezes, ressignificando sentidos. E a tensão, entre forma-sujeito e posição-sujeito, se dá na tentativa de contenção desses sentidos e atualização deles. Por isso, o que materializam as cartas em si são formulações que nos dão pistas dessas posições e o que são os conflitos causados.

Para o momento, é importante entendermos que a heterogeneidade discursiva é efeito também da FD que é heterogênea. Os saberes e discursos outros estão na nossa produção discursiva por efeito da interpelação ideológica. Discutirei, também, como o campo discursivo da homossexualidade no discurso militante se constitui, por isso, mobilizar as noções de modalidade de tomada de posição foi importante, para observarmos mais a frente os diferentes fios discursivos que formam o complexo campo de significações acerca dos homossexuais e da homossexualidade, as tensões que as cartas provocam com o discurso do *Lampião* e as posições-sujeito que ficam em jogo com a formação discursiva que o periódico tenta estabilizar.

2.3 O que dizem as cartas: lugares discursivos e posições-sujeito

As relações do intradiscurso e do interdiscurso se dão entre o sistema da língua e a formação discursiva. Nessa relação “se realizam as práticas discursivas, os processos discursivos diferenciados, por meio dos quais os sujeitos produzem e reconhecem os sentidos na história” (GREGOLIN, 2007, p. 175). Dessas relações se instaura o primado da heterogeneidade. Ademais, para a autora, dentre as contribuições de Courtine acerca da noção de FD, em que realiza a interlocução com Pêcheux e Foucault, a problemática da memória é uma delas, em que poderemos falar de lembrança ou esquecimento, reiteração ou silenciamento, por exemplo. Desse modo,

Isso torna possível enxergar, na dispersão dos enunciados, certas regularidades nos acontecimentos discursivos, pois toda a massa de textos que pertencem a uma mesma FD insere-se em um campo em que podem ser estabelecidas identidades formais, continuidades temáticas, translações de conceitos, jogos polêmicos, segundo regras específicas das práticas discursivas de um certo espaço e tempo. Dessa trama decorre o fato de que, desde sua raiz, o enunciado se delinea em um campo enunciativo onde tem lugar e status, que lhe apresenta relações possíveis com o passado e que lhe abre um futuro eventual, isto é, que o insere na rede da História e, ao mesmo tempo, o constitui e o determina. (GREGOLIN, 2007, p. 176).

É desse modo também que venho compreendendo o processo discursivo desenvolvido por *Lampião*. O campo enunciativo da homossexualidade toma uma característica de militância a partir do que o jornal determina. A formação discursiva que comporta o discurso do próprio periódico coloca em jogo os conflitos entre homossexuais, entre esses e sociedade justamente pelas posições-sujeito que nela vão se inscrevendo. Ainda mais, essa FD de afirmação da homossexualidade passa por atualizações a partir do que os leitores trazem, sejam essas contribuições sobre novos temas, outras identidades, enfim, outros ditos e modos de dizer.

A partir do que Souza (1997) coloca sobre constituição e expressão da subjetividade na história do movimento de afirmação homossexual na década de 1980 no Brasil, *Lampião* pode ser denominado como um precursor do rompimento de silenciamentos que os homossexuais sofriam, e a interlocução com leitores, por exemplo, construiu um caminho de afirmações, escritas de si, legitimações das homossexualidades e identidades dessa minoria. Como coloca Souto Jr, “o *Lampião* passava a ter uma função particular em relação a alguns periódicos: funcionar como acontecimentos históricos úteis e necessários na fabricação de novos mundos e na modelagem de subjetividades inéditas para os sujeitos que os leem.” (SOUTO MAIOR JR, 2016, p. 258).

Imbricam-se com *Lampião*, diversos funcionamentos discursivos que dizem respeito às homossexualidades, aos homossexuais, outros grupos minoritários, sempre no intuito de dar voz/vez aos oprimidos socialmente (no caso, não só em relação à sexualidade). Vale ressaltar, assim, que ambos autores, Souto Maior Jr e Souza, apontam para a interlocução provocada entre as cartas de leitores e o próprio jornal como um dispositivo de subjetivação da homossexualidade, ou seja, é possível pensar os atos de escrever e ler cartas, por exemplo, como atividades que colocavam em debate não só identidades como algo já fechado, mas os reconhecimentos e afirmações dessas. Nesse sentido, penso essa interlocução como provocadora de fronteiras de um saber, ou seja, de uma FD. Disso, podemos falar dos conflitos, das tensões entre a forma-sujeito estabelecida na formação discursiva e as posições-sujeito que se inscrevem nessa FD, ora pelos sujeitos discursivos presentes nas cartas, ora pelos efeitos-leitor construídos pelo periódico (as respostas às cartas, trabalhadas na seção anterior).

A questão da formação discursiva nos leva às reflexões de posição-sujeito, o que resta traçar mais fios em relação a essa noção e pensar lugares social e discursivo, noções frequentemente trabalhadas em relação com a de formação discursiva. O sujeito, na AD, mobiliza saberes para enunciar conforme é determinado pelo lugar social que ocupa. Ainda, é interesse de análise compreender como diferentes sujeitos enunciadores se relacionam com os saberes de determinada posição-sujeito, abordando a heterogeneidade discursiva da FD e da posição-sujeito, visto que

O escrito por Pêcheux e também por Courtine possibilita entender que não se trata apenas de pensar que discursos se constroem sob discursos ou de que “sempre há discurso exterior ao sujeito”, mas, em especial, de pensar a coexistência dessas diferentes posições sujeito no interior de uma mesma FD. (CAZARIN, 2007, p. 112).

Para entender como funciona uma posição-sujeito, é essencial levar em conta que a ideologia interfere na constituição dos sentidos e dos sujeitos. Mais do que isso, uma posição-sujeito não existe a priori – ela se produz justamente no momento da constituição dos efeitos de sentido (CAZARIN, 2007, p. 113). Tendo isso em mente, aponto ainda que o sujeito da AD, sujeito do discurso, “carrega consigo marcas do social, do ideológico, do histórico e tem a ilusão de ser a fonte do sentido” (GRIGOLETTO, 2007, p. 123).

O discurso de militância da homossexualidade exercido no espaço jornalístico epistolar merece uma caracterização distinta. Como venho analisando, não é apenas um discurso de militância que simplesmente funciona em qualquer lugar, esse discurso é atravessado principalmente por espaço e historicidade específicos. Vejamos, já foi trabalhado como

Lampião emerge como instrumento de informação acerca da(s) homossexualidade(s), no movimento de construir conhecimentos e desconstruir preconceitos, portanto, possui um funcionamento discursivo de militância. Denominamos, então, o discurso de militância da homossexualidade como o que busca dizer, afirmar, determinar o que pode e deve ou não pode e não deve ser dito sobre homossexuais e sua sexualidade.

Dessa maneira, também merece atenção a formação social na qual esse discurso é produzido e reproduzido, seja no âmbito da heterogeneidade do campo enunciativo da homossexualidade, seja no âmbito social histórico do período em que *Lampião* inaugura e também o movimento homossexual brasileiro. Sendo assim, tendo definido o discurso que está em análise, para observar o funcionamento dos sujeitos desse discurso, é preciso definir as posições-sujeito. Portanto, elejo sequências discursivas que dão as pistas sobre as posições-sujeito em jogo. Tais SDs, conseguinte, são retiradas das cartas dos leitores, em que temos o funcionamento discursivo epistolar de militância da homossexualidade. Assim, o que analisarei é o funcionamento do sujeito-leitor, a partir das categorias de análise de posição-sujeito e lugar discursivo.

Apesar de o sujeito não ser fonte do “seu” sentido, é considerado neste aparato teórico que ele “forma por um trabalho de rede de memória, acionado pelas diferentes formações discursivas, que vão representar, no interior do discurso, diferentes posições-sujeito, resultado das contradições, dispersões, descontinuidades, lacunas, pré-construídos” (GRIGOLETTO, 2007, p. 125). Essas posições, conseguinte, apontam para a heterogeneidade do discurso. Sendo assim, o discurso de militância da homossexualidade é um bom exemplo de discurso heterogêneo, que contempla diferentes posições-sujeito em seu interior.

Pensando na mobilização da noção de lugar discursivo como categoria de análise (GRIGOLETTO, 2007), o entendimento necessário é o de que o sujeito empírico está inscrito na formação social (exterioridade do discurso) e, ao se identificar com determinados saberes, se inscreve em uma FD, passando a ocupar “não mais o lugar de sujeito empírico, mas sim o de sujeito do discurso.” (GRIGOLETTO, 2007, p. 126). Nesse sentido, a autora desenvolve em seu trabalho as diferenças entre sujeito empírico (lugar social) e discursivo (do discurso).

“Na passagem para o espaço teórico, no nosso caso, para o espaço discursivo, o lugar social que o sujeito ocupa numa determinada formação social e ideológica, que está afetada pelas relações de poder, vai determinar o seu lugar discursivo, através do movimento da forma-sujeito e da própria formação discursiva com a qual o sujeito se identifica.” (GRIGOLETTO, 2007, p. 128).

Quando tratamos do discurso de militância da homossexualidade consideramos que as imagens dos sujeitos já estão dadas, efeito de pré-construído dado à interpelação ideológica. Por isso, questiono quem são os sujeitos sociais envolvidos nesse processo discursivo. Dado a característica do discurso jornalístico epistolar, considero pelo menos duas imagens: a do leitor-missivista e a do jornalista, esses atravessados pela formação social da homossexualidade e da militância por direitos da minoria e de toda sua historicidade. O leitor-missivista é denominado assim por não ser qualquer leitor, é o leitor que também escreve, somente assim sendo publicado e se inscrevendo no fio do discurso de militância da homossexualidade.

A partir da análise de efeitos-leitor, é possível melhor determinar a forma-sujeito da FD em questão. Desse modo, no discurso de militância da homossexualidade, a forma-sujeito construída é da militância por uma identidade, são nas formulações sintáticas que observamos a construção acerca de uma identidade específica, do que a homossexualidade é ou não, do que pode ser afirmado ou não. Desse ponto, se inscreve a posição de bom sujeito, que concorda, repete e reafirma essas formulações, e a posição de mau sujeito, que causa os conflitos.

Por fim, a imagem (social) de jornalista aparece como detentor do conhecimento e também como educador, pois é no imbricamento do sujeito discursivo com essa imagem que as formulações primeiro se materializam no nível intradiscursivo para depois serem reafirmadas ou debatidas pelo leitor-missivista, sendo que, no segundo caso, é onde a posição de educador se inscreve, pois o jornalista (ou o jornal), se coloca na posição de reeducar o leitor e conter as formulações para que os saberes da FD se mantenham.

Nessa análise, vimos como se construíram os efeitos-leitor aliado e aprendiz a partir do sujeito discursivo jornalista, que também estão intrincados com as noções de posição-sujeito e lugar discursivo, resta explorar essas categorias de análise nas cartas pelo lugar discursivo de leitor-missivista. Observar os sujeitos discursivos dos leitores é analisar se esses efeitos se mantêm, como também compreender os conflitos entre posições-sujeito e forma-sujeito que ocupam o lugar discursivo de leitor-missivista no discurso jornalístico epistolar de militância da homossexualidade.

Outro ponto acerca dessa noção é questionar-se como o lugar social determina a constituição do lugar discursivo. Para essa questão, mobilizo o que Grigoletto (2007) diz, pois o lugar discursivo, que pode abrigar diferentes posições-sujeito, é também determinado pela estrutura da língua, sendo que essa estrutura é o que se materializa em texto:

Assim, tanto o lugar discursivo é efeito do lugar social, quanto o lugar social não é construído senão pela prática discursiva, ou seja, pelo efeito do lugar discursivo. Isso significa dizer que ambos, lugar social e lugar discursivo, se constituem mutuamente,

de forma complementar, e estão relacionados à ordem de constituição do discurso. Um não é anterior ao outro, já que um necessita do outro para se instituir. O lugar social só se legitima pela prática discursiva, portanto, pela inscrição do sujeito num lugar discursivo. E o lugar discursivo, por sua vez, só existe discursivamente porque há uma determinação do lugar social que impõe a sua inscrição em determinado discurso. (GRIGOLETTO, 2007, p. 129).

Desse modo, estando definido o discurso com o qual estamos trabalhando, como também a forma-sujeito da formação discursiva que o institui, resta mobilizar as sequências discursivas para definir as posições-sujeito e observar o funcionamento do sujeito leitor-missivista.

(SD09) Lampião veio na hora certa. Estávamos afundando em matéria de jornalismo homossexual e isto seria, claro, uma insuficiência na nossa capacidade de lutar por algo bom em prol de nossa afirmação. (José Alcides Ferreira, Rio de Janeiro, *Jornal Lampião da Esquina*, “Pauladas na bichórdia”, n. 02 de junho de 1978).

(SD10) Era o que nós homossexuais precisávamos para nos unirmos [...]. Só espero que vocês continuem com o nosso jornal, isto é, sério, bacana, o nosso amigo para todas as horas. No que depender de mim, vocês podem contar. Vocês são os irmãos gueis que sempre quis ter mas não tenho. (Ciro C. de Souza, *Jornal Lampião da Esquina*, “De minoria em minoria”, n. 09 de fevereiro de 1979).

(SD11) Faço votos que Lampião exista por muito tempo. É uma luz entre muitas que estão surgindo neste País!. Enfim a luz no fundo do túnel. A luz do Lampião abre finalmente o caminho que nos levará à luz elétrica. (José Roberto Torres de Miranda, *Jornal Lampião da Esquina*, “Ecos do número zero”, de junho de 1978, grifos nossos).

(SD12) É realmente grande e maravilhoso o trabalho que vêm realizando (tenho certeza que vocês estão cansados de saber disso, mas eu precisava dizer). [...] pois temos agora força para gritar alto, através do trabalho heróico de um pessoal de fibra, através da nossa voz maior: “Lampião da Esquina”. (Dennys M., *Jornal Lampião da Esquina*, “De minoria em minoria”, n. 09 de fevereiro de 1979).

(SD13) Esse passo foi muito importante para que as pessoas se conscientizassem [...] Vamos em frente, derrubando barreiras que só existem na mente de pessoas desatualizadas e pobres culturalmente. (Júnior, *Jornal Lampião da Esquina*, “Abraços da Paraíba”, n. 06 de novembro de 1978).

Dois pontos chamam atenção nas sequências acima: as comemorações com o surgimento do jornal, funcionando com designações que caracterizam o periódico em si, e os desejos de existência desse. As designações, desse modo, funcionam para além do elogio. Elas caracterizam o jornal ao mesmo tempo que constroem um efeito aliança. Essa aliança, em alguns momentos, é trazida como uma irmandade, família. Nomeei esse recorte de “Lampião somos nós” justamente por conta do leitor se incluir na construção do jornal. Interessante

pensar, assim, que a formulação jornalística (o que devia ser da imagem do sujeito jornalista) se confunde com o leitor (ou a imagem do sujeito leitor). O jornal apresenta e representa tanto que se transforma no próprio leitor, como se os textos do editorial fossem dos leitores em si.

Esse efeito de identificação pode ser trabalhado como a modalidade de identificação de bom sujeito, dado que essa tomada de posição se realiza sob “a forma do livremente consentido” (PÊCHEUX, 2014a [1975], 199). Em uma paráfrase, é como se os leitores estivessem o tempo todo dizendo “é isso mesmo”, “é assim que eu diria”, o que pode ser observado quando é afirmado que o jornal “é nossa voz maior” (Sd12), por exemplo. Ou seja, sofrem a mesma interpelação ideológica que o jornal, por isso reafirmam o dito, as fronteiras da FD.

A partir disso, monto a cadeia parafrástica que designa o jornal, do que ele faz (suas ações) e do que é:

Lampião: *veio na hora certa
demonstra nossa capacidade de lutar por nossa afirmação
abre finalmente o caminho
era o que nós homossexuais precisávamos
foi um passo muito importante
é uma luz
é realmente grande e maravilhoso
é nossa voz maior
é o irmão guei*

Já sobre a outra questão, duas formulações aparentam o mesmo funcionamento discursivo:

- a. Só espero que vocês continuem com o nosso jornal, isto é, sério, bacana, o nosso amigo para todas as horas.
- b. Faço votos que exista por muito tempo

A formulação em *a*, ao mesmo que torce para a existência do jornal, determina que existência essa deve ser. O uso de “isto é” para explicar a existência também constrói a ideia de que “só é nosso jornal” se for sério, bacana e amigo de todas as horas. Ou seja, se deixar de haver essa identificação plena, deixa de ser o nosso jornal. Porém, a mesma coisa não acontece em *b*, apesar de também esperar que o jornal exista, desejar vida longa, essa não está determinando algumas regras.

A próxima sequência discursiva traz mais formulações que nos ajudam a compreender a formação discursiva e sua forma-sujeito, como também a posição-sujeito aliado, do bom sujeito/identificação plena, comportada no lugar discursivo de sujeito-leitor que concorda.

(SD14) Acho que se existiu alguma vez uma oportunidade de a gente se valorizar e mostrar realmente quem somos, agora chegou este momento. [...] Ninguém poderá

confiar em nossa capacidade se ficarmos dando uma de bonecas e bancando as loucas na rua. O que eu acho é que precisamos estudar mais, nos tornarmos necessário na sociedade e assim respeitados. [...] Concordo sim, que todos tenham uma imagem própria, inteligente e discreta. Só assim seremos amados pelos outros. Caso contrário, seremos eternamente ridicularizados e marginalizados por todos. (Caetano, *Jornal Lampion da Esquina*, “Volta o gay-macho”, n. 12 de maio de 1979).

São 4 formulações nessa SD14 que se repetem em diversas cartas. A primeira diz respeito ao fato da necessidade de mostrar o homossexual de verdade, e assim as designações giram em torno de o que é um homossexual *verdadeiro*. Então, sobre essa identidade unificada de um homossexual, são construídas outras formulações, como se dissesse “o verdadeiro é A, não B” e “o verdadeiro é fazer A, não B”. A partir disso, as formulações no imperativo, como analisadas anteriormente, se repetem: *precisamos, temos, devemos*. Verbos que marcam o que pode ser feito, o que pode ser dito. Por fim, se constrói uma formulação de que se tais passos não forem seguidos, haverá um efeito contrário, não desejado. Nesse processo discursivo do que o homossexual deve/pode ser, do que o jornal deve/pode mostrar, se constrói o desejo de uma identidade e a negação (ou não aceitação) de outra(s).

(SD14a) Temos que nos entender um tanto sobre o sentido das palavras que empregamos.

(SD14b) Não devemos aceitar o anátema que a sociedade nos lança.

(SD14c) Precisamos desencucar as pessoas.

(SD14d) Mostrar que somos gente, que muitos de nós trabalhamos, estudamos, enfim, levamos uma vida igual a de todo mundo.

O último ponto que pretendo tratar nesta dissertação é sobre a resignificação de sentidos, o movimento discursivo do politicamente correto em relação à linguagem, o discurso de ódio e a performatividade como efeito de mudança (mudança social, conseguinte, linguística). Trabalhar com essas questões é construir também um efeito de fecho para o que venho apontando, é o momento, nesse sentido, que vislumbro como estratégia de resistência.

Sendo assim, após apontamentos sobre o discurso em análise, as formações discursivas em jogo e a formação social, questiono para onde caminhamos em 5 décadas. Desde a década de 70, do nascimento do movimento homossexual brasileiro, o que estamos alcançando em termos da linguagem? Para responder a essa questão, e observando eventos contemporâneos, como a militância pela linguagem politicamente correta, cartilhas e glossários que ensinam sobre a comunidade, relatórios sobre a violência sofrida por LGBTI+, movimento um recorte discursivo sobre os conflitos entre diferentes posições-sujeito comportadas no lugar discursivo de sujeito-leitor no discurso de militância da homossexualidade presente no funcionamento discursivo jornalístico epistolar do *Lampion*. Esses conflitos, portanto, não são somente da

ordem do que (não) deve ser dito sobre a homossexualidade, são também do como deve ser dito, qual a designação e o que deve ser construído em termos de linguagem.

O discurso de militância tem como característica a tomada de posição sobre um assunto, e a respeito dessa posição, ela é desempenhada nos moldes também de um discurso pedagógico. Ou seja, o sujeito discursivo toma a palavra para ensinar algo a alguém. Nesse caso, o sujeito no lugar discursivo de leitor em interlocução com o periódico, no espaço da seção de cartas, ensina a outros leitores e ao jornal que juntos compõem a comunidade LGBTI+ e que se inteira e discute os assuntos de suas demandas (pois não pode-se afirmar que toda a comunidade está ali sendo que há quem não se posiciona nesse espaço). Por isso, afirmo que se constrói no discurso jornalístico epistolar do *Lampião* uma identidade de comunidade e, ainda, se determina diferentes identidades presentes na comunidade. Essa militância por uma identidade (uma homossexualidade) foi discutida no outro capítulo. Por isso, resta discutir as diferentes identidades dentro na comunidade e justamente as tensões que a interlocução entre elas causa.

Na SD15, observamos a designação de *classe* para a comunidade LGBTI+ e algumas das diferentes identidades abarcadas nesse espaço.

(SD15) Pra início de conversa, essa tal “classe” é totalmente dividida, existindo aí diversas “categorias”, tais como “entendido”, “viados”, “bichas”, “homossexuais” e outras menos cotadas. Está claro que essas categorias não existem como coisas fixas, mas são estereótipos criados por preconceitos de pessoas de dentro da “classe”. Os “entendidos” (aí falo de pessoas que se denominam assim) são via de regra pessoas pertencentes à classe média (embebida dos preconceitos burgueses), e que se recusam a ser chamados de bicha - “bicha é diferente”. [...] Por outro lado, há uma categoria de gueis, aqueles que irritam e enojam os entendidos: as bichas. Também, via de regra (há exceções) são pessoas originárias de uma classe social mais baixa e oprimida, onde as artificialidades da burguesia não atingiram tanto, os preconceitos não se arraigaram tanto. Eu quero aqui lembrar que essas aí foram as pioneiras, as cuspidas e repudiadas, que impuseram, dada sua ousadia, a existência do homossexualismo à sociedade. (Iso Fischer, *Jornal Lampião da Esquina*, “Quem está com a bandeira?”, n. 04 de agosto de 1978).

Percebo, assim, algumas formulações que exemplificam a tomada de posição militante, como “pra início de conversa”, “eu quero aqui lembrar” e “está claro”, essa última já sob efeito de evidência para o sujeito discursivo em questão. Esse efeito colocado em análise mostra como o sujeito, sob interpelação ideológica, esquece que não é fonte do sentido, ou seja, para ele está claro, mas é somente um efeito, caráter material do sentido “mascarado por sua evidência transparente para o sujeito” (PÊCHEUX, 2014a [1975], p. 146) e que consiste na sua dependência constitutiva do complexo das formulações ideológicas. Essa dependência é especificada por duas teses de Pêcheux, uma delas “consiste em colocar que o sentido de uma

palavra, de uma expressão, de uma proposição etc., não existe ‘em si próprio’ (isto é, em sua relação transparente com a literalidade do significante)” (PÊCHEUX, 2014a [1975], p. 146).

Ademais, apesar de diversos termos apresentados para as identidades ou “categorias” na comunidade homossexual, duas principais são elencadas e diferenciadas pelo fator econômico e comportamental. Os *entendidos* e as *bichas*, nesse sentido, são apresentadas como identidades opostas, dois tipos de gueis. Uma é classe média, outra classe baixa, o entendido quer se diferenciar da bicha, e, além da bicha ser reconhecida como diretamente ligada ao significado do termo *homossexualismo*, é a identidade precursora e ousada, que mostrou que gueis existem.

Assim, o que mostro nas próximas SDs são essas formulações de descaracterizações da identidade da bicha. O movimento de construção de uma identidade homossexual não funciona nos mesmos moldes que vimos na outra análise, com designações do termo homossexualismo. Nessas sequências, uma identidade em específico é atacada em prol de defender uma identidade que se quer, mais aceitável, por assim dizer.

(SD16) Agora, as bichas loucas, elas já não encontram aqui nos EUA público para fazer show-off ou admirá-las. Mas viram que é ridículo ser exibicionista, seja guei ou straight. (Jairo Ferry, *Jornal Lampião da Esquina*, “Volta o gay-macho”, n. 12 de maio de 1979).

(SD17) Lampião correspondeu em cheio às necessidades intelectuais deste grupo que a bichórdia chama de mariconas, ou seja, de nós homossexuais que somos homens normais e nos relacionamos como seres humanos, sem necessidade de pompas, visuais congestionados de artefatos de consumo e tiques ridículos (tão característicos à nocividade que é representada pela bicha de classe média, incapaz de impor como gente, como pessoa). (José Alcides Ferreira, *Jornal Lampião da Esquina*, “Pauladas na bichórdia”, n. 02 de junho de 1978).

(SD18) É uma questão de opinião, mas pra mim muito mais doentio e chocante é o cara dar uma de bicha louca, que é sempre uma figura que serve de palhaço para os ditos “normais”. Não vejo porque o cara, pra gostar de homem, tem que dar uma de boneca, cheio de ai, ai, e chamando todo mundo de queridinha... Ser uma caricatura grotesca de mulher, uma maricona, isso sim é que é tragédia. (Mauro Luiz, *Jornal Lampião da Esquina*, “A tragédia é contestada”, n. 10 de março de 1979).

À identidade bicha, estão relacionadas características como: louca, exibicionista, pomposa, visual congestionado, tiques ridículos, comportamento doentio e chocante, palhaço, boneca, caricatura de mulher etc. Chama atenção na SD17 o uso de “bicha de classe média”, em relação à Sd15, pois a bicha estava na esfera de uma classe social mais baixa em relação à classe média. A partir disso, parece operar uma nova significação para a classe social da bicha, média ou de média para baixo, colocando o sujeito discursivo dessa SD em uma classe social

mais alta. Dentre as características suscitadas há um funcionamento discursivo de construção de uma identidade de um homossexual distante da bicha.

Fica construído, assim, um homossexual que é homem normal (a bicha fica na categoria de não homem e anormal, como se esse “homem” significasse masculinidade de pessoa/gente desviada). Dito de outro modo, o gay para ser gay não precisa se exhibir, ser pomposo, efeminado etc. e tudo isso é tido como uma tragédia para a homossexualidade. Presenciamos, nesse caso, a militância por uma identidade diferente daquela bastante definida no discurso médico. O que ocorre aqui é diferente de negar o discurso médico. É um funcionamento discursivo que concorda com a caracterização pejorativa (inclusive a usando) e busca se desvincular dessa se subjetivando com outras características, justamente as que estão presentes em um sistema heterocentrado de gênero e bem aceito socialmente.

Também entram em debate opiniões que prezam pela não nomeação de alguma identidade. A militância, dessa forma, é pela livre expressão da (homos)sexualidade, ora sem precisar dizer que é alguma coisa (não se deve usar tal termo, ou tal termo significa tal coisa que não cabe, ou não se deve usar algum termo de forma alguma), ora colocando a homossexualidade simplesmente no campo da normalidade e prática sexual humana como qualquer outra (o caso de designar “o homossexualismo é...”). Vejamos a SDs abaixo e como esses processos estão postos para em seguida pensar as posições-sujeito que estão funcionando nesse discurso de militância que tensiona as formas da(s) homossexualidade(s).

(SD19) Não sei se já estás a par, meu irmão homossexual brasileiro, do que significa mesmo esta palavra com a qual já deves estar familiarizado de tanto ouvi-la. “Gay” significa alegre, descontraído, etc... A “gay” os norte-americanos, opõe “straight”, que significa certo, correto, honesto. Não aprecio a palavra guei aplicada às pessoas homossexuais simplesmente porque não podemos defini-las como alegres por natureza e essência. Não raro os homossexuais têm motivos de sobra, numa sociedade homófoba como a nossa, para estarem tristes, mas como muitos adotam habitualmente um comportamento artificial em consequência de discriminações mais ou menos veladas a que estão sujeitos, a palavrinha grudou mesmo. (Paulo Bonorino, *Jornal Lampião da Esquina*, “Apelo ao jovem gay”, n. 0 de abril de 1978).

(SD20) Dizem que temos que “assumir”. Um dos pontos chave do movimento guei dos Estados Unidos foi de que “homossexuais” deveriam sair dos ‘closets’ – deveriam “assumir” a sua “condição”. Agora no Brasil fala-se muito em assumir. Cada um tem que assumir o que ‘realmente é’, assim se ‘libertando’, e assim por diante. Mas que quer dizer isso tudo? Quer dizer que pessoas que por uma razão ou outra gostam de ter relações sexuais com pessoas do mesmo sexo têm que assumir a ‘condição’ de ‘guei’, “lésbica”, “homossexual”, “veado”, ‘bicha’, ‘entendido’ ou coisa que o valha. (Guilherme Império, *Jornal Lampião da Esquina*, “Assumir o quê?”, n. 01 de maio de 1978).

(SD21) Quanto ao termo *guei*, achei inteligente a idéia, mas quanto aos outros (*bicha*, *boneca*, etc.), continuo achando inoportuno e inconveniente o uso dos mesmos pelo jornal. [...] A meu ver, usar os mesmo termos que a sociedade machista usa para marginalizar a classe homossexual contribui para que os mesmos permaneçam arraigados na mente de nosso povo. (Alfredo Rangel, *Jornal Lampião da Esquina*, “Ainda o auê das palavras”, n. 04 de agosto de 1978,).

(SD22) O homossexualismo é uma coisa normal, normalíssima, e deve ter seu lugar dentro da sociedade, porque os homossexuais são seres humanos, exageradamente humanos, e têm de ser tratados como tal. (Júnior, *Jornal Lampião da Esquina*, “Abraços da Paraíba”, n. 06 de novembro de 1978,).

Na SD19, é trazida uma discussão acerca do termo *gay*, esse importado dos Estados Unidos, influência bastante comum no movimento *gay* brasileiro, fato discutido no capítulo 1, e que percebemos novamente na SD20, que trata sobre a questão do assumir-se, ou tomar para si alguma identidade homossexual. Assim, a SD21 traz o fato de escrever o termo *gay* aportuguesado, *guei*, não seria uma tradução, e sim uma representação na língua portuguesa dos fonemas que a palavra possui /'geI/. Um efeito de identidade nacional própria e de distanciamento da origem do termo. Outrossim, as SDs 20 e 21 assemelham-se pela aparição de termos, porém uma coloca a pauta de não assumir um termo para si, dentre eles *guei*, e a outra repete alguns termos que não devem ser usados, mas concorda com o termo *guei*. Esse termo começou a ser usado pelo jornal mesmo, por isso observamos nas cartas dos leitores apoiando o uso ou não. A partir disso, do que afirma o sujeito-jornalista e da discordância e concordância por parte do sujeito leitor-missivista, que as diferentes posições-sujeito parecem se caracterizar. Defino, desse modo, a posição-sujeito de leitor de aderência ao discurso de afirmação da homossexualidade, e a posição-sujeito de tensionamento a esse discurso.

Já a SD22 traz o uso dos termos homossexual e homossexualismo, questão que pude discutir inicialmente em outra seção. O que antes mobilizei para mostrar como a designação acerca do termo *homossexualismo* se constrói, agora trago para discutir a resignificação semântica e estrutural do termo. Me chama atenção, na história do movimento LGBTI+, como as palavras vão sendo resignificadas, alterando as relações sociais. O empoderamento de termos como *bicha*, *viado*, *travesti*, *sapatão* surge como uma luta por reconhecimento diferente do que já foi dado. Por isso, retorno a refletir sobre os termos *homossexualismo* e *homossexualidade* por atualmente presenciar a militância pelo uso correto desses. Diversos são os manuais, como apontei, que apresentam esse funcionamento discursivo do politicamente correto, do “saiba que termo usar e como usar”. Olho especificamente para esses dois termos, pois algumas reflexões acerca da mudança estrutural do sufixo permaneciam, como também o

movimento de reestruturação que aconteceu com esses dois termos não aconteceu com outros como travesti, viado, bicha (apenas semântica).

Em seu texto, Possenti (1995) traz à tona discussões sobre o politicamente correto na linguagem e os equívocos que essa militância provoca. Assim, entre exemplos de usos de termos relacionados à raça e à sexualidade (mulato e bicha) e que, segundo uma perspectiva do politicamente correto, o autor aponta para a necessidade de se considerar as condições de produção desses discursos, lembra-nos da pluralidade de sentidos possíveis baseada nos estudos materialistas da língua e a ideologia que esses carregam.

Sendo assim, dos três exemplos de equívoco que o autor cita, reproduzo um deles:

considera que a troca de palavras marcadas por palavras não marcadas ideologicamente pode produzir a diminuição dos preconceitos. Trata-se de uma tese simplista, já que é mais provavelmente a existência dos preconceitos que produz aqueles efeitos de sentido, embora não se possa desprezar o fato de que o discurso pode servir para realimentar as condições sociais que dão suporte às ideologias e aos próprios discursos. A hipótese das palavras "puras" é certamente ingênua. (POSSENTI, 1995, p. 138).

Considerando que esse movimento do politicamente correto atualmente existe com a militância das minorias (de raça, gênero e sexualidade), contrário de um movimento de direita que pretende maquiar questões sociais ao invés de resolvê-las (RAJAGOPALAN, 2000), um dos pontos a ser questionado a partir de Possenti, concordando, de certa forma, diz respeito à possibilidade de uma não marcação ideológica nas palavras, para além, nos discursos - seria isso possível? Em segundo lugar, questiono quais são as condições de produção que permitem dizer que tal discurso é preconceituoso e/ou de ódio? Desse modo, delimitar essas questões sobre o discurso (como, quando e onde foi dito) se faz necessário no intuito de não generalizar os termos e, simplesmente, acabar com vocábulos da língua.

Rajagopalan (2000, p. 93-102) afirma que “intervir na linguagem é intervir no mundo” quando discute a validade ou não da dita linguagem politicamente correta. Além de proceder com as críticas de Possenti, o autor traz elementos para pensar se o tipo de linguagem mencionado seria mesmo simplista e ingênuo. Nesse sentido, após discutir o papel da linguagem enquanto ferramenta de descrição do mundo e dos fatos do mundo, Rajagopalan, mesmo crendo que mudar práticas na linguagem não acabaria com preconceitos, afirma que os denunciaria. Assim, para o autor, a linguagem politicamente correta não se caracteriza enquanto simplista e ingênua a partir do momento em que seu objetivo é mudar o mundo. Com isso, não significa que ele acredite que as práticas sociais simplesmente mudariam (evoluíam, assim dizendo) com a mudança das práticas de linguagem.

É neste contexto que devemos retomar a discussão acerca da validade ou não de uma linguagem politicamente correta. Deixando de chamar algo de x por sentir uma certa pressão social em prol de chamá-lo de y pode parecer, à primeira vista, um exercício inócuo sem maiores consequências. Contudo, ao refletir sobre essa prática à luz da lição que aprendemos do mundo do marketing, seremos levados a conceder que ao trocar as palavras estamos trocando também as coisas, pois as coisas não são nada se não produtos produzidos a partir dos objetos que só são apresentados a nós por intermédio da linguagem. (RAJAGOPALAN, 2000, p. 93-102).

Parece claro para o autor o poder que a linguagem tem de nomear e dar existência às coisas, assim como a linguagem também pode transformar essas coisas. Sendo assim, questiona-se até que ponto a linguagem consegue transformar as relações sociais. Desse modo, uma alternativa para uma possível transformação social aparenta ser não só utilizar a linguagem para a denúncia de preconceitos, como também evitar a reprodução do ódio. Nesse ínterim, o autor afirma que

o combate aos nossos preconceitos pode ter na nossa própria linguagem um bom começo. O que não quer dizer que os preconceitos simplesmente sumam como em um passe de mágica, assim que eliminamos da nossa linguagem certas práticas que denunciam a existência de tais preconceitos. (RAJAGOPALAN, 2000, p.93-102).

Nesse sentido das práticas de linguagem em relação à discussão proposta, percebe-se pelo menos dois movimentos: um é da mudança de sentidos, uma ressignificação dos termos; outro, é o da mudança dos termos, uma reestruturação, às vezes técnica, em que ambos direcionam para uma disputa pelos sentidos e/ou pelas palavras. Aqui, técnica pode vir do cientificismo, do discurso da ciência, e, nesse caso, particularmente do discurso médico, o que parece caminhar em outra via daquela dos desejos das minorias de mudar/ressignificar termos e/ou sentidos. Pois bem, não é de hoje essa possibilidade de uma convenção social em acordo de alterar termos, não necessariamente alterá-los os sentidos, mas criar novos termos para ocupar o lugar daqueles que são de cunho preconceituoso, como discutem os sujeitos-leitores nas SDs 19 e 21, ou ainda em outro trecho da carta “Ainda o auê das palavras”:

(SD23) devemos usar a nossa imaginação e capacidade criadora para substituí-lo por algo novo. Falando em termos de língua, a única maneira de se fazer com que o uso de um determinado termo tenda a desaparecer, é criando-se e difundindo-se um novo termo, tendo-se cuidado para que o mesmo não receba a conotação do primeiro. (Alfredo Rangel, *Jornal Lâmpião da Esquina*, “Ainda o auê das palavras”, n. 04 de agosto de 1978).

Butler (2019), quando reflete sobre a ressignificação do termo *queer*, nos traz importantes reflexões acerca da agência da linguagem e ressignificação do termo que costumava funcionar enquanto adjetivo depreciativo, um insulto e como interpelação de uma sexualidade patológica (BUTLER, 2019, p. 368). Ainda, mobilizando a noção de performatividade, a autora entende essa enquanto domínio no qual o poder atua como discurso. Assim, uma das questões colocadas por Butler segue: “Como e onde o discurso reitera a injúria de forma que os vários esforços de recontextualizar e ressignificar um determinado termo encontram seus limites nessa outra forma, mais brutal e implacável, de repetição?” (BUTLER, 2019, p. 368).

Nos termos da Análise do Discurso, é possível apontar para essa repetição identificando um pré-construído, uma regularização, que se torna o sempre-já-lá, o que acontece com o termo *homossexualismo* e a carga de significado que o sufixo *ismo* traz. Sendo assim, começo a perceber um movimento no fio do discurso em relação a esse termo e outros de designação das identidades na comunidade LGBTI+; conforme as condições de produção, os termos diferem nos seus funcionamentos.

Ademais, fazendo essas associações do que aponta Butler e com os estudos da Análise do Discurso, retomo o que aponta a autora para então poder seguir com as mobilizações de conceitos.

O termo *queer* tem operado como uma prática linguística cujo objetivo tem sido envergonhar os sujeitos que assim são nomeados ou, em vez disso, produzir um sujeito por meio dessa interpelação humilhante. A palavra *queer* adquire força justamente por ter sido muitas vezes invocada, o que a levou a ser vinculada à acusação, à patologização, ao insulto. Essa é uma invocação por meio do qual se forma, ao longo do tempo, um vínculo social entre as comunidades homofóbicas. A interpelação ecoa interpelações passadas e se vincula àqueles que a proferem, como se eles estivessem falando em uníssono todo o tempo. Nesse sentido, é sempre um coro imaginário que insulta com “*queer!*”. (BUTLER, 2019, p. 372).

Nesse sentido, percebo essa força que o termo adquire a cada vez que é invocado como um funcionamento da memória discursiva, pela repetição e pré-construído. A memória, ainda, aponta para sentidos cristalizados, mas que podem se transformar e tornarem-se outros, o que acontece quando há a repetição com deslizamento, ressignificação. Para Indursky, sob a noção de pré-construído, se encontra um dos funcionamentos discursivos pelo qual se mostra como a repetibilidade pode ocorrer. Para a autora, “todo o elemento de discurso que é produzido anteriormente, em um outro discurso e independentemente, é entendido como um pré-construído” (INDURSKY, 2011, p. 69). Ademais, a autora aponta também para o funcionamento do pré-construído pelo discurso transversal, de um retomar de já-ditos em outro

discurso, afirmando “o discurso-outro entra de viés no discurso do sujeito, tangenciando-o e nele fazendo eco de algo que foi dito em outro lugar” (INDURSKY, 2011, p. 70).

Desse modo, quando olhamos para as SD19 e SD21 (e outras mobilizadas no capítulo 1) percebemos o encaixe do pré-construído ao retomar termos, mesmo que injuriosos, ditos em outro lugar, e uma linearização do discurso transversal, quando no enunciado que traz denominações para o homossexualismo se diz diferente, na qualificação do substantivo de um modo não injurioso, ressignifica o pré-construído em relação ao termo, e assim pode dizer que é outra coisa que não doença ou anormalidade, pode também negar, refutar sentidos, isso pela memória discursiva.

Nesse momento de luta pelo significado do *homossexualismo*, as materialidades nos mostram um saber, um discurso médico e/ou religioso que são retomados para negá-los, e a busca (talvez) por uma nova regularização do sentido, pois “a repetição também pode levar a um deslizamento, a uma ressignificação, a uma quebra do regime de regularização dos sentidos” (INDURSKY, 2011, p. 71). Com isso, percebemos que somente um sufixo, o *ismo* nesse caso, não sustenta um único sentido, principalmente em meio a um período histórico em que o termo se encontrava no CID da OMS, e que a militância, quando traz novos predicativos para o substantivo, faz um movimento de deslizamento dos sentidos e põe em luta as ressignificações possíveis do(s) termo(s).

Sabendo que a mudança social da linguagem se dá em passos lentos, e que o regime da repetibilidade vai estar sempre em funcionamento, mesmo com os deslizamentos que ocorrem, a luta discursiva pelos sentidos parece ser incessante. Caminhamos, dessa maneira, para mais reflexões, acerca de discurso e sentido, sobre ressignificação dos sentidos e a reestruturação do termo.

Mesmo com a luta LGBTI+ de que *homossexualismo* não significava o que era apontado pelo discurso médico, o que provocou uma repressão que durou muito tempo e ainda dura na sociedade, mais de uma década se passou para que esse discurso fosse “mudado”. Desse modo, vemos esse movimento de sentidos sendo construído, o termo *homossexualismo* não deixou de significar o que vimos nas SDs anteriormente; o termo *homossexualidade* surge como abertura para que novos sentidos se instaurem em torno da pessoa homossexual. O que presenciamos hoje é que, quando se faz utilização do termo *homossexualismo*, a ofensa e degeneração estão postas aos homossexuais, porém novos sentidos propostos com o termo *homossexualidade* não impedem que essa seja vista igualmente como o homossexualismo para aqueles que insistem em discriminar.

Assim, é nesse jogo de mudanças na língua, de tecnicidade dos termos, de embate das formações discursivas e os sentidos das palavras que se constroem, aqui, as reflexões sobre o discurso de ódio e ressignificação de sentidos. Enquanto o termo *homossexualismo* nos textos do jornal apontava o sentido inscrito em uma formação discursiva vinda de uma formação social do machismo e desinformação acerca da sexualidade, uma nova formação discursiva – de discursos sociais e humanizados (FD de Afirmação da Homossexualidade) – tentava dar lugar a novos sentidos para o termo que tão culturalmente era construído e reproduzido a partir da formação discursiva discriminante e dominante.

O termo *homossexualidade* surge como uma nova opção (e, pelo menos, deveria ser tratada como a politicamente correta) para descrever a minoria. Nesse sentido, a palavra *homossexualismo* não deixou de existir até hoje. A palavra *homossexualidade*, mesmo evocando sentidos não discriminatórios, ainda pode ser vista ou definida pelas lentes que definem homossexualismo. Ou seja, homossexualidade ainda pode significar doença, imoralidade etc. na formação discursiva da discriminação, porém, na formação discursiva da afirmação do discurso militante, o termo *homossexualismo* ganha status de não dizível, não inscrito nessa FD. “É dentro, pois, do espaço das formações sociais que podemos antever os efeitos de sentido a serem produzidos” (PRUINELLI, 2020, p. 132).

De acordo com a teoria althusseriana, a formação social é composta pelos Aparelhos Ideológicos de Estado (AIEs), sendo que estes congregam as relações e as classes sociais, as forças produtivas, as esferas econômica, política, ideológica; bem como o próprio Estado, além do conjunto de saberes, práticas e rituais que são difundidos pela família, escola, partidos políticos, sindicatos, religiões, judiciário, meios de comunicação, entre outros. (PRUINELLI, 2020).

Assim, refletindo sobre o lugar em que os sujeitos estão/são representados, podemos dizer que a noção de formação social atua com dois outros conceitos: contingência e conjuntura. Por isso, importam o momento histórico vivido (fatos acontecendo) e a possibilidade de algo novo acontecer. Dessa forma, uma formação social de minoria, ou seja, que sujeitos da diversidade de gênero e sexualidades participam, pode ressignificar um termo, como a formação social dominante também pode. Logo, as relações de produção e reprodução são sempre “permeadas pelo ideológico, o qual atua de forma inconsciente, permitindo que ocorra, no fio do discurso, os movimentos de reprodução e transformação de sentido” (PRUINELLI, 2020, p. 133). Além disso, vemos a predisposição em não aceitar novos sentidos ou novos termos daqueles que discriminam, ao tempo em que podemos refletir sobre a validade da mudança de

um termo para que esse não seja preconceituoso, enquanto o novo termo ainda pode ganhar sentidos de discriminação na formação discursiva preconceituosa.

Desse modo, como Possenti e Rajagopalan assumem, não é mudando a linguagem que exterminamos preconceitos. Porém, possibilitando novos sentidos, se possibilita novas visões de mundo que não só discriminantes. Afinal, é possível começar na linguagem a luta pelo fim do preconceito e de abolir o discurso de ódio, visto que no próprio documento normativo de diretrizes para a educação brasileira – Base Nacional Comum Curricular, a primeira habilidade a ser desenvolvida em Língua portuguesa nos anos finais do ensino fundamental aponta o objetivo de “Diferenciar liberdade de expressão de discursos de ódio, posicionando-se contrariamente a esse tipo de discurso e vislumbrando possibilidades de denúncia quando for o caso.” (BRASIL, 2017).

Logo, diante da necessidade da discussão sobre discurso de ódio, partimos lá no início da noção de linguagem politicamente correta. Assim, nos entrelaçados do que é correto ou não falar, nota-se essa batalha por sentido dos termos, expressões, o que pode ser apontado como uma luta discursiva, um embate entre formações discursivas e até mesmo enfrentamento de diferentes posições-sujeito na FD-AH, que comportadas no lugar discursivo de sujeito leitor-missivista, colocam diferentes discursos em embate e atualizam os saberes da FD. Entender a língua na Análise do Discurso, é também entender que pela base materialista e histórica os termos ganham sentido de acordo com as formações discursivas nas quais estão inseridos. Desse modo, nos preocupamos também com as formações sociais que usam e dão corpo à linguagem, produzem e reproduzem sentidos.

Na introdução de sua obra, *Excitable Speech*, Butler aponta sobre vulnerabilidade linguística. E atribui à linguagem uma agência, a do poder de injuriar/machucar. A afirmação de que a linguagem age e pode agir contra nós perpassa noções, principalmente, de sujeito e interpelação. Assim, Butler parte da teoria dos atos de fala (speech acts) de Austin e fala da interpelação no sentido althusseriano para pensar o poder do discurso de ódio.

If hate speech acts in an illocutionary way, injuring in and through the moment of speech, and constituting the subject through that injury, then hate speech exercises an interpellative function. At first, it appears that the Austinian notion of an illocutionary utterance is incompatible with an Althusserian notion of interpellation. For Austin, the subject who speaks precedes the speech in question. For Althusser, the speech act that brings the subject into linguistic existence precedes the subject in question. (BUTLER, 1997, p. 24).²⁵

²⁵ Se o discurso de ódio age de forma ilocutória, ferindo e, pelo momento da fala, constituindo o sujeito por meio dessa injúria, então o discurso de ódio exerce uma função interpelativa. A princípio, parece que a noção austiniana de um enunciado ilocucionário é incompatível com uma noção althusseriana de interpelação. Para Austin, o sujeito

The utterances of hate speech are part of the continuous and uninterrupted process to which we are subjected, an on-going subjection (assujettissement) that is the very operation of interpellation, that continually repeated action of discourse by which subjects are formed in subjugation. (BUTLER, 1997, p. 27).²⁶

Butler reconhece essa estrutura do discurso de ódio impregnada no aparelho de Estado em que enunciados de ódio proferidos por aqueles no poder (dominante) têm a capacidade de (re)subordinar aqueles que já são dominados e aos quais os discursos são direcionados. Nesse sentido, a autora aponta para a língua como uma potente ferramenta de poder, controle, subordinação, interpelação e injúria.

Portanto, para Butler, o ato ilocutório possibilita que o enunciado seja direcionado para o sujeito e, no sentido da interpelação Althusseriana, esse direcionamento/chamamento interpela o indivíduo, inaugurando-o enquanto sujeito. Assim, o discurso de ódio já inaugura um sujeito injuriado, porém, para muitos, melhor estar nessa posição de inválido, o que significa ter alguma posição do que não ocupar nenhuma, não ser chamado (não ser visto) – sujeito abjeto.

Indeed, one can interpellate, put in place, given a place, through silence, through not being addressed, and this becomes painfully clear when we find ourselves preferring the occasion of being derogated to the one of not being addressed at all. (BUTLER, 1997, p. 27).²⁷

Desse modo, ressignificar um termo ou trazer novos termos para referência possibilita, além da inscrição de novos efeitos de sentido, que o discurso de ódio seja rebatido. No limiar de novas formações sociais e identidades que a linguagem pode também assumir um caráter de funcionamento de luta dessas formações sociais. A interpelação, nesse sentido, surge nas vias do sujeito para mostrar que dizer e não dizer (materializar ou não ideologias) são possibilidades. O discurso de militância da homossexualidade, por conseguinte, desempenha um papel de enfrentamentos e resistência frente aos preconceitos sociais, a formação discursiva de afirmação da homossexualidade comporta saberes que afetam outras formações discursivas, ressignificando conhecimentos, atualizando o que pode e deve ser ditos em mais espaços.

que fala precede o discurso em questão. Para Althusser, o ato de fala que traz o sujeito à existência linguística precede o sujeito em questão. (Tradução minha).

²⁶ Os enunciados do discurso de ódio fazem parte do processo contínuo e ininterrupto a que estamos submetidos, uma sujeição contínua (*assujettissement*) que é a própria operação de interpelação, essa ação continuamente repetida de discurso pela qual os sujeitos são formados em sujeição. (Tradução minha).

²⁷ Com efeito, pode-se interpelar, colocar, dar um lugar, pelo silêncio, pelo não ser abordado, e isso se torna dolorosamente claro quando nos encontramos preferindo a ocasião de ser derogado à de não ser abordado. (Tradução minha).

Não são poucas, nos dias de hoje, as publicações em matérias e cartilhas, por exemplo, que trazem um glossário de termos que deveriam ser abolidos do vocabulário. Em 2004, a Secretaria Especial dos Direitos Humanos lançou a cartilha do Politicamente Correto e Direitos Humanos, visando colaborar para a construção de uma cultura de direitos humanos e, no caso da linguagem, conscientizar a sociedade de termos que ofendem, insultam, menosprezam e inferiorizam sujeitos. Com base nos estudos de Jaime Pinsky, a cartilha traz um glossário com diversos termos e apresenta a problemática em torno desses. Assim, transcrevo o que diz sobre homossexualismo e trago o enunciado enquanto sequência discursiva:

(SD.x) É mais adequado utilizar o termo “homossexualidade” em vez de “homossexualismo” para definir a orientação sexual de pessoas que sentem atração ou mantêm relações amorosas ou sexuais com pessoas do próprio sexo. O primeiro termo descreve essa condição de forma neutra, enquanto o segundo, equivocado, tem uma forte carga pejorativa ligada à crença de que a orientação homossexual seria uma doença, uma ideologia ou um movimento político a que pessoas aderem de maneira voluntária. (QUEIROZ, 2004, p. 19).

Outro material preocupado com a nomenclatura utilizada em diversos campos, como da sexualidade, raça, deficiência etc., é o glossário desenvolvido pela Assessoria de Comunicação da Secretaria de Desenvolvimento Social, Trabalho, Justiça e Direitos Humanos do RS (ASCOM) e publicado pelo Departamento de Direitos Humanos e Cidadania do governo do estado. O Glossário de Termos Politicamente Corretos²⁸ coloca o termo *homossexualismo* enquanto incorreto e o termo *homossexualidade* como correto a ser utilizado, já a definição/explicação que traz sobre os termos, utiliza a mesma da cartilha do governo federal, citada anteriormente.

Na SD.x, percebemos que ambos termos são utilizados para definir a orientação sexual da pessoa homossexual. Esse efeito de sinonímia se faz presente nos discursos quase sempre, existindo os dois termos no dicionário também, por exemplo, não deixamos de associar uma palavra à outra. Nesse ínterim, quando temos uma sequência discursiva derivada do discurso médico ou religioso, seja da década de 70 ou 90, que diga “o homossexualismo é doença” ou então mais atual, anos 2000, que afirme “a homossexualidade é doença”, podemos considerar o elemento homossexualidade funcionando enquanto efeito metafórico de homossexualismo, o que acontece, então, é uma substituição de sintagma, mas que importa o mesmo predicativo.

Seja o enunciado contendo *homossexualismo* ou homossexualidade, automaticamente associamos ambos, a problemática, logo, se encontra na discussão de qual termo é o correto utilizar, sendo a diferença entre eles o sufixo, em que *ismo* carrega o histórico patológico e dade

²⁸ Disponível em: https://issuu.com/deneramaze/docs/gloss_rio_ddhc_1dfac88ca2f65c

convém uma neutralidade para o termo. Como vimos, é necessário mais do que o sufixo para determinar os efeitos de sentido das palavras, notamos, assim, um funcionamento do acontecimento discursivo e da cristalização de sentidos, questões que são efeito da ideologia sob o discurso.

Outrossim, Pêcheux e Fuchs (2014 [1975]) colocam a questão da relação entre ideologia e discurso quando concebem o discursivo como um dos aspectos materiais da ideologia. Sendo assim, estando o discurso submetido ao sujeito, e o sujeito submetido à ideologia, caracterizando essa relação de dependência entre um e outro, fica claro o papel da ideologia na produção de sentidos nos discursos. Mesmo sendo possível, para Butler (1997), ressignificar sentidos e se proteger das injúrias (ou não ser interpelado com a injúria), a possibilidade da injúria e do preconceito se concretizarem no discurso ainda é uma verdade, dado as condições de produção desses discursos e as formações discursivas que possibilitam o sentido de preconceitos e discriminação ainda existirem em nossas formações sociais.

Althusser (1999), em sua tese sobre a existência material da ideologia, coloca que uma ideologia existe em um aparelho e em sua prática ou práticas. Ou seja, a existência da ideologia está ligada às práticas que mantêm e realizam um aparelho ideológico. Desse modo, o autor aponta para um indivíduo enquanto sujeito dotado de uma consciência na qual estão contidas as ideias da sua crença (ALTHUSSER, 1999, p. 207). Assim, sobre o comportamento material do sujeito:

Este conduz-se desta ou daquela maneira, adota este ou aquele comportamento prático, e, o que é mais importante, participa de certas práticas regulamentadas que são as do aparelho ideológico do qual “dependem” as ideias que ele escolheu livremente com toda consciência, enquanto sujeito. [...] Em todo esse esquema, constatamos, portanto, que a representação ideológica da ideologia é, em si mesma, obrigada a reconhecer que todo sujeito dotado de uma consciência e acreditando nas ideias que sua consciência lhe inspira ou aceita livremente, deve “agir segundo suas ideias”, portanto, deve inscrever nos atos de sua prática material suas próprias ideias de sujeito livre. (ALTHUSSER, 1999, p. 207).

Logo, compreendendo o discurso como materialidade da ideologia e a língua como base do discurso, podemos pensar nos efeitos de sentido com base nas formações discursivas. Ainda sobre a dependência do caráter material do sentido com “o todo complexo das formações ideológicas”, Pêcheux (2014a [1975]) apresenta a tese de que “o sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição etc., não existe “em si mesmo” [...], mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas (isto é, reproduzidas) (PÊCHEUX, 2014a

[1975], p. 146). Ou seja, as palavras adquirem seus sentidos conforme as posições ideológicas daqueles que as utilizam.

Durante a circulação do jornal, observa-se, pelo menos, duas formações discursivas tentando definir ou criando sentidos para o termo *homossexualismo* e outros antes apontados, uma produzindo o sentido de doença para o termo e outra não (essa, a da livre expressão sexual). Num dado momento, observamos o acontecimento discursivo do termo *homossexualidade*, o que atualmente, ainda sendo necessário mover mais sequências discursivas, percebemos uma tentativa forte, como enunciados mobilizados pelas cartilhas do politicamente correto, que também acreditam em uma livre expressão, de cristalizar o termo com um sentido considerado adequado ao grupo gay, um sentido que não deslegitime a sexualidade, que a reconheça e a respeite, ao tempo que para essa mesma FD o próprio termo *homossexualismo* já está cristalizado enquanto sentido de doença, um sentido injurioso e violentador.

O interessante nesse jogo é que em dado momento histórico (nas materialidades do *Lampião*, por exemplo) havia ainda a tentativa de luta pelo sentido do termo *homossexualismo*. Já o termo *homossexualidade*, atualmente, é ainda presenciado nessa luta por sentidos, em que as diferentes formações sociais, a do grupo gay e “daqueles do machismo e da desinformação”, continuam antagônicas produzindo efeitos de sentidos sobre o termo. Assim, o movimento do politicamente correto corrobora com a cristalização de sentido patogênico para o termo *homossexualismo*, como vimos na SD.x, e importa, num efeito metafórico, o mesmo sentido para o termo *homossexualidade*, embora funcionando pela negação, esse pré-construído de doença está ligado ao termo, e se repete no discurso religioso, principalmente, seja em um efeito parafrástico ou polissêmico.

Assim, voltamos às considerações sobre repetição que Indursky no traz, em que o regime de repetibilidade não significa somente repetir palavra por palavra de um enunciado, mas que também pode levar a um deslizamento, a uma ressignificação. Esse movimento se dá pela possibilidade do sujeito do discurso se mover nas modalidades de identificação, ora podendo contra-identificar-se com algum sentido, ora podendo desidentificar-se de algum saber, o que está em jogo nos enfrentamentos, tensionamentos das diferentes posições-sujeito comportadas pelo lugar discursivo do sujeito leitor-missivista.

Se tais deslizamentos são da ordem do discurso, já não é mais suficiente pretender encontrar o sentido comportadamente circunscrito ao interior de uma matriz de sentido. Faz-se necessário perceber que os sentidos, pelo trabalho que se instaura sobre a Forma-sujeito, podem atravessar as fronteiras da FD onde se encontram, e deslizarem para outra FD, inscrevendo-se, por conseguinte, em outra matriz de sentido. (INDURSKY, 2011, p. 71).

Ademais, na migração, os sentidos são determinados por relações ideológicas, assim como o movimento nas filiações de sentidos é possível porque eles se ressignificam (INDURSKY, 2011, p. 71). Sabemos, assim, das fronteiras porosas das formações discursivas, e observamos a movência de sentidos dos termos que aqui estudamos, apontando para a permanência do termo *homossexualismo* na mesma matriz de sentido, tornando memorável pelo viés do regime de repetição persistente através dos tempos, e o termo *homossexualidade* ainda se encontrando em diferentes matrizes. Ao afirmar que o sentido de *homossexualismo* se cristalizou, não afirmo que esse não pode mais mudar, ao tempo que vemos o termo com o sufixo *dade* atualizando essa rede de memória. “Tais formulações podem trazer o mesmo sentido e, nesse caso, produzem uma relação de metáfora em que uma palavra é tomada pela outra, mas produzindo o mesmo sentido, tal como ocorre em uma família parafrástica [...]” (INDURSKY, 2011, p. 76). Provando, assim, que a luta também é pelo termo *homossexualidade* abandonar a mesma matriz de sentido do termo *homossexualismo*.

Por fim, considerando que as palavras sempre serão marcadas ideologicamente, sendo essa ideologia produtora de sentidos injuriosos ou não, é possível pensar na ressignificação de termos por uma via em que formações sociais se organizariam para não serem preconceituosas e os sentidos discriminantes seriam abolidos de todas as formações discursivas. Isso aponta para a necessidade de uma mudança social e não só na língua, mas que quando somos capazes de reconhecer o discurso de ódio (que viola e violenta identidades), também somos capazes de denunciá-los e comprar a luta por outros sentidos – exercer a nossa resistência discursiva.

Logo, o que queremos (nós minorias) é o fim de preconceitos, seja por vias linguísticas ou não. Além disso, queremos que (re)pensem o que querem dizer, pois a liberdade de expressão se diferencia do discurso de ódio também na sua intenção de não injuriar e violar direitos humanos e manter o respeito. Sendo assim, que identifiquemos as condições de produção desses discursos para que pensemos a nossa prática enquanto sujeitos falantes.

Considerando que “Nós não criamos os termos políticos que podem representar nossa “liberdade” a partir do nada e somos igualmente responsáveis pelos termos que carregam a dor da ofensa social.” (BUTLER, 2019, p. 375). Expresso meu desejo de empatia, de conseguirmos nos colocar no lugar do outro para que tragédias não ocorram. Por fim, vejo nas reflexões sobre a língua e sobre o sentido um caminho que pode dar uma trégua nas desavenças e no discurso de ódio funcionando numa linguagem que muitas vezes fere e, outras muitas vezes, mata.

Considerações Finais

TEMPOS DE FRENTES, NÃO DE QUERELAS

Caros Lampiônicos, chegamos ao final. E inicio esse efeito de fim confessando que tenho fugido dele. Terminar este texto é finalizar uma etapa, antes burocrática do que qualquer outra coisa, pois a pesquisa em AD me instiga a ir cada vez mais longe e, como não poderia ser diferente, os novos rumos já estão apurados, resta caminhar. Se a contradição não fosse o real da história, poderia ser questionado do porquê me distanciei tantas vezes desse texto (às vezes por períodos longos demais), se ao mesmo tempo eu apresentava a necessidade de que novos sentidos fossem construídos. (E.N.P).

Deixo registrado, também, que esta dissertação é fruto construído em um momento bastante complicado para a história do mundo. A pandemia da Covid-19 deixa (novas) marcas todos os dias em nós. Lutos, solidões, desestímulos de todas partes fizeram-se presentes na rotina nos últimos meses. Quando ingressei no mestrado, em 2019, ingressei também em uma nova vivência: mudança de cidade, novos espaços, novas pessoas, essas que após um semestre de convivência tivemos que nos afastar (ou melhor, cada um se isolar em casa para segurança e saúde própria e do próximo). Por isso, exalto mais uma vez a minha orientadora e o grupo de pesquisa o qual faço parte. Entre reuniões online, eventos virtuais, trocas e afetos, mesmo à distância, foram muito essenciais para o acolhimento, a parceria e a persistência de continuar desenvolvendo este trabalho. Confesso, assim, que em muitos momentos faltou motivação, faltou energia, faltou saúde e, por isso, entendo essa finalização hoje como além de uma conquista acadêmica. É uma conquista profissional pelo que eu almejo ser enquanto docente, que dá vez e voz aos estudantes; é pessoal pelo que eu pretendo ser enquanto ser humano, sujeito homossexual, defensor dos direitos humanos.

Sendo assim, enquanto sujeito gay, busquei na história do movimento da homossexualidade no nosso país compreender os processos sociais e discursivos pelos quais a comunidade LGBTI+ passou. Olhar para o momento de instauração da militância pelos nossos direitos foi tão importante quanto vislumbrar um futuro melhor para a diversidade sexual e de gênero. Foi assim que, por meio de *Lampião da Esquina*, pude não só entender a história da homossexualidade no país, como também analisar os funcionamentos de luta e resistência no discurso de militância que significam os sujeitos que somos perante a sociedade. Se dizer homossexual hoje é um grito de guerra, é continuar afirmando que existimos em todos os espaços e que nossos direitos devem ser exercidos. Assim como a presença da minoria na grande imprensa ofereceu um poder de voz, que a nossa presença em diferentes espaços continue fortalecendo as lutas pelo fim das discriminações.

Esta dissertação foi basicamente dividida em 3 momentos: introdução, capítulos 1 e 2, além das considerações (quase) finais. Sendo assim, na introdução, busquei apresentar o texto, quem eu era, como minha trajetória acadêmica e profissional é atravessada por esse tema.

Também construí o estado da arte, mobilizando dissertações e teses que trabalharam com o mesmo objeto empírico de pesquisa, em que pude perceber que, apesar de alguns trabalhos lidarem com o discurso, novos aspectos ainda podiam ser desenvolvidos dentro da linha francesa da AD. Apresentei brevemente os principais conteúdos que discutiria no texto, como a caracterização do jornal e da seção de cartas dos leitores (*Cartas na Mesa*). Ainda, mobilizei as principais noções teóricas que utilizaria durante o desenvolvimento, compreendendo assim como língua, ideologia e texto se imbricam no aparato teórico da AD. Acerca disso, creio não ter esgotado as noções, nesse primeiro momento, sempre no intuito de realizar o batimento entre teoria e *corpus*, alguns aspectos foram melhor desenvolvidos junto às análises construídas nos capítulos seguintes. Por isso, aspectos sobre a noção de Formação Discursiva, por exemplo, vão sendo mobilizados durante toda a dissertação. Esse feito é fruto do movimento de partir do discurso para as análises e apontar, nele próprio, os seus funcionamentos.

Tracei a relação entre ditadura e homossexualidade, sendo que o poder militar desempenhou na década de 70 (período de produção do material em análise) o papel de reafirmar a homossexualidade como inimiga (do Estado, da família etc.). Assim, o discurso antiLGBTI+ reinstaura os efeitos de um discurso médico que jogou a homossexualidade para o campo da doença/anormalidade e de um discurso religioso que encarou a sexualidade da minoria homossexual como imoral. Com o significado patológico, desviante, dissidente no discurso conservador, a homossexualidade foi colocada em debate com *Lampião*, ressignificada, dita para a sociedade de outra forma, em embate com esses discursos que a inferiorizaram e atacaram socialmente.

Outrossim, aponte o periódico como meio onde se fundou movimento, lutas e discursos referentes à comunidade LGBTI+. O gesto de análise começa a se construir a partir da leitura da seção *Cartas na Mesa*, da seleção de textos em que sentidos e palavras estão em disputa, e da compreensão dos efeitos de sentido que se movimentam e fazem mover estruturas sociais, como legitimação de identidades e pedagogização do conhecimento sobre a temática, pois as cartas surgem como recurso jornalístico pedagógico militante.

Com isso, percebi a função epistolar das cartas ao construir uma identificação ou não com certa identidade homossexual, como também da seção na criação de uma comunidade que se une na leitura, na escrita e na (di) fusão de ideias. Claro que o mérito deste feito é o que o jornal carrega, principalmente graças à seção que se construiu dentro dele. Dessa forma, organizo o arquivo de análise, em que diferentes textos discursivizam acerca de sentidos e legitimações sobre a homossexualidade e o Movimento Gay Brasileiro.

No capítulo 1, construí o entendimento de que os discursos circulantes no *Lampião* são efeitos de uma formação discursiva dada, sendo essa a Formação Discursiva de Afirmação da Homossexualidade (FD-AH). Para isso, diferentes textos foram fonte para mobilização das sequências discursivas que determinam as fronteiras dessa FD. Determinação que construí principalmente com análises dos diferentes funcionamentos discursivos da negação e da negação pela afirmação. Com isso, é importante salientar que falar de uma FD não significa assumir uma homogeneidade discursiva, por isso, com o cuidado de não cair na ilusão de um discurso único, também estão em análise diferentes posições de sujeito.

Nesse capítulo, analisei também os efeitos de sentidos em materialidades do jornal em batimento com matérias de outros periódicos, sendo esses a *Folha de São Paulo*, *Isto É*, *Veja* e *Manchete*, ainda, como alguns ditos ressoam, ou são reafirmados, nas cartas dos leitores. Portanto, esse capítulo foi construído no intuito de pensarmos as práticas linguísticas envolvidas na produção de sentidos no discurso sobre e da comunidade LGBTI+, analisando nos processos discursivos como preconceitos são produzidos nas formações discursivas. Com isso, coloco em questão que, além da necessidade de reconhecer e denunciar o discurso de ódio, também é necessário que os processos discursivos pelos quais é construído sejam postos em discussão para construirmos uma sociedade menos violenta contra a diversidade de gênero e sexualidades.

Nesse sentido, *Lampião* nasce com a missão de discutir a homossexualidade com homossexuais, mas também para desmi(s)tificar tabus sobre a comunidade para a sociedade em geral. Dessa maneira, o gesto de análise que desenvolvi mobiliza acontecimentos históricos que permitem delinear as condições de produção desses discursos sobre a homossexualidade no momento de instauração de um movimento homossexual brasileiro. É na história, mas principalmente no fio discursivo da sintaxe, na língua, que podemos interpretar como se delineiam esses processos discursivos que fundam não só o *Lampião*, como também o movimento gay e uma identidade homossexual no país no final dos anos 1970. Assim, observo que enquanto o principal movimento da grande imprensa é o de desambiguar o mundo, *Lampião* se difere por trazer para si também a ambiguidade, com movimentos de fechamento e de abertura de sentidos, ou seja, de subversão e de ressignificação, de questionamentos com o que pode e deve ser dito.

A FD-AH, na qual o sujeito discursivo militante da homossexualidade se inscreve (sujeito observado a partir das matérias jornalísticas e cartas de leitores), é lugar de dizeres da dissociação da imagem-padrão do homossexual construída no âmbito discursivo médico, discursos que funcionam pelas formulações sintáticas da afirmação de quem somos e da

refutação do discurso outro. Dessa forma, a FD-AH é lugar de afirmação e legitimação de uma homossexualidade comum, humana, séria, enfim, antagônica da imagem-padrão citada.

O capítulo 2 é o que considero a minha efetiva contribuição no campo de pesquisa da AD sobre os discursos da minoria sexual e de gênero, pois ali se apresentam diversas questões sobre as quais eu pensava durante os anos de formação acadêmica e pude buscar no aparato teórico da AD algumas respostas, como também mobilizar outras autorias para os estudos. Dessa maneira, a partir da noção de formação discursiva, mobilizei a noção de forma-sujeito e a sua fragmentação em posições-sujeito. Pude observar, assim, os efeitos-leitor na seção de cartas e os lugares discursivos nas cartas dos sujeitos leitores-missivistas.

Nesse capítulo, tomo principalmente as modalidades de tomada de posição do sujeito propostas por Pêcheux para pensar o efeito-leitor que é construído. O que entendo como continuação do desenvolvimento analítico realizado no capítulo 1, onde pude determinar as fronteiras da FD em análise. Foi a partir da interlocução entre periódico e leitores que construí mais análises sobre a forma-sujeito e as posições-sujeito. Sendo que no debate realizado nesta interlocução, *Lampião* desempenha, nas réplicas para os leitores, o papel de sujeito jornalista pedagógico, ou seja, um lugar discursivo do sujeito jornalista que didatiza as questões sobre as quais se milita. É nesse lugar discursivo, principalmente, que a posição de bom sujeito é tomada por esse sujeito jornalista, que está sempre em plena identificação com a forma-sujeito. Por isso, ensina, explica os demais sujeitos inscritos nessa FD para que sejam interpelados sempre no sentido de assumirem a posição de aderência ao discurso de militância exercido pelo jornal.

Vimos, então, que os sujeitos leitores-missivistas, supostos autores das cartas (em um entendimento discursivo), ocupam diferentes posições-sujeito inscritas na FD-AH. A partir disso, analisei que essa FD determina as discursividades produzidas no *Lampião*, como também é atualizada e (des)organizada com frequência a partir das diferentes posições que entram em conflito e tensionam a sua forma sujeito. Acerca desses tensionamentos, as formulações que as exemplificam giram em torno dos debates sobre os temas dentro da comunidade LGBTI+. Questões do movimento, como militância por uma identidade única, são discutidas, e as diversas identidades dentro da comunidade. Esses tensionamentos funcionam para além da determinação do que pode e deve ser dito, das designações de identidades e comportamentos atrelados a elas, eles funcionam também como respostas aos atos sociais preconceituosos contra a minoria sexual e de gênero. Instaura-se uma militância, pois o principal funcionamento discursivo é da organização de um movimento social que busca lutar pelos seus direitos.

Ademais, trouxe aspectos do âmbito do jornalismo para caracterizar o discurso jornalístico epistolar, uma diferente forma de expressão do periódico que na interlocução, no

debate, movimenta diferentes lugares discursivos para produzir e determinar saberes. O sujeito-jornalista, desse modo, se distancia de um sujeito-autor responsável pelo que é noticiado, isso porque a resposta à carta do leitor funciona de modo diferente do informativo das notícias, esse funciona como um discurso pedagógico. Assim, as contribuições teóricas sobre lugar discursivo serviram para apontar as posições-sujeito que se imbricam também em efeito-leitor.

Posso caracterizar, nesse sentido, o discurso jornalístico epistolar do *Lampião* como um dos funcionamentos do discurso pedagógico, e a partir disso definir os efeitos-leitor em jogo, sendo eles o *efeito-leitor aliado* e o *efeito-leitor aprendiz*. O efeito-leitor aprendiz, portanto, é construído a partir do lugar discursivo de jornalista militante, que se diferencia de um jornalista autor de textos informativos e opinativos em matérias do jornal, esse sujeito jornalista, em específico, está preocupado com a regulação de saberes da FD na qual se inscreve. A seção de cartas funciona como abertura de espaço para que o sujeito-leitor coloque em circulação no jornal outros funcionamentos discursivos, sejam eles sobre o que se diz, se debate, se afirma e se nega sobre a(s) homossexualidade(s).

Apontei, no texto, como as cartas colocavam em debate uma discussão ainda atual sobre o que deve ser dito na comunidade, como o funcionamento de glossários específicos que servem para a sociedade aprender sobre a diversidade, significados dos termos etc. Elegi exemplares de cartas que colocavam em discurso os ditos sobre a homossexualidade, e nelas observei a disputa por uso de termos, o litígio social no discurso de militância homossexual – como esses processos discursivos são construídos, os diferentes discursos que estão em relação com as afirmações de *Lampião*, sejam esses atravessados como discurso outro ou pré-construídos e o que a militância instaurada no jornal prega.

Observei, também, o quanto o jornal é colocado no alto de um pedestal em diversos momentos, não só em cartas, como em textos acadêmicos e/ou sobre história do movimento LGBTI+ no Brasil. Acredito que muito desse efeito é dado à seção de cartas, pois a coletividade construída dentro do jornal estabelece muitos rumos da identidade homossexual. *Lampião* merece, sim, todo reconhecimento, principalmente pelo pioneirismo no modo como funcionou dentro da chamada imprensa gay. E foi esse funcionamento, em especial, objeto de estudo desta dissertação. Como leitor de *Lampião*, então, não deixo de elogiar e parabenizar os editores pelo trabalho feito, pela resistência nos anos de chumbo, por dar vez e voz a um movimento dos homossexuais no Brasil e mostrar que existimos, que muitas coisas nos definem e muitas outras mais não são o que somos, entre militância, aliança e tensionamentos, fica provado que podemos simplesmente ser.

O último ponto que pretendi tratar foi sobre a resignificação de sentidos, o movimento discursivo do politicamente correto em relação à linguagem, o discurso de ódio e a performatividade como efeito de mudança (mudança social, conseguinte, linguística). Trabalhar com essas questões é construir também um efeito de fecho para o que venho apontando, é o momento, nesse sentido, que vislumbro como estratégia de resistência.

Sendo assim, após apontamentos sobre o discurso em análise, a formação social e as formações discursivas em jogo, questiono para onde caminhamos em 5 décadas, ou seja, desde a década de 70, do nascimento do movimento homossexual brasileiro, o que estamos alcançando em termos da linguagem? Para responder a essa questão, e observando eventos contemporâneos, como a militância pela linguagem politicamente correta, cartilhas e glossários que ensinam sobre a comunidade, relatórios sobre a violência sofrida por LGBTI+, faço um recorte discursivo sobre os conflitos entre diferentes posições-sujeito comportadas no lugar discursivo de sujeito-leitor no discurso de militância da homossexualidade presente no funcionamento discursivo jornalístico epistolar do *Lampião*.

Também entram em debate opiniões que prezam pela não nomeação de alguma identidade. A militância, dessa forma, é pela livre expressão da (homos)sexualidade, ora sem precisar dizer que é alguma coisa (“não se deve usar tal termo”, ou “tal termo significa tal coisa que não cabe”, ou “não se deve usar algum termo de forma alguma”), ora colocando a homossexualidade simplesmente no campo da normalidade e prática sexual humana como qualquer outra (o caso de designar “o homossexualismo é...”). Trazer *Lampião* à luz de análises, como indiquei no início, é permitir que a memória de luta não se apague e que a memória de opressões seja contestada, que o periódico que instaurou voz e vez para os homossexuais não deixe de iluminar e que a luta se (re)atualize.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Caio F. *Natureza Viva*. In: **Contos completos**. São Paulo: Companhia das letras, 2018.
- ALVES, Carlos Jordan Lapa. **Lampião Da Esquina: discursos, homossexualidade, interesses e poder**. Dissertação (Mestrado em Cognição e Linguagem) - Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF). Campos dos Goytacazes, 113 f. 2017.
- ALTHUSSER, Louis. *Ideologias e Aparelhos Ideológicos de Estado*. In: ZIZEK, Slavoj. (Org.). **Um mapa da ideologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- ALTHUSSER, Louis. **Sobre a reprodução**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- AMARAL, Muriel Emídio Pessoa do. **Representação do corpo masculino: relações de imagem, identidade e cultura sobre o corpo masculino no jornal Lampião da Esquina e na revista Junior**. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Estadual Paulista (UNESP). São Paulo, 193 f. 2013.
- ANDRADE, Marciano Vieira de. **O “orgulho de ser”: identidade, política e gênero no Lampião da Esquina (1978-1981)**. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) - Universidade Federal do Piauí (UFPI). Teresina, 183 f. 2015.
- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). **Cad. Est. Ling.**, Campinas, n. 19, 1990.
- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. **Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.
- BANDEIRA, Marcio Leopoldo Gomes. **Será que ele é?: sobre quando Lampião da Esquina colocou as Cartas na Mesa**. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). São Paulo, 129 f. 2006.
- BARBOSA FILHO, Fabio Ramos. **O discurso antiafricano na Bahia no século XIX**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília: MEC, 2017.
- BRITO, Alexandre Magno Maciel Costa. **O Lampião da Esquina: uma voz homossexual no Brasil em tempos de fúria (1978-1981)**. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade de Brasília (UnB). Brasília, 137 f. 2016.
- BUTLER, Judith. **Corpos que importam: os limites discursivos do “sexo”**. São Paulo: n1 edições, 2019. Tradução: Veronica Daminelli e Daniel Yago Françaoli.
- BUTLER, Judith. **Excitable speech: a politics of the performative**. New York, NY: Routledge, 1997.

CANABARRO, Ronaldo Pires. **Fazendo travestis: Identidades transviadas no jornal Lampião da Esquina (1978-1981)**. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade de Passo Fundo (UPF). Passo Fundo, 117 f. 2015.

CAZARIN, Ercília Ana. Posição-sujeito: um espaço enunciativo heterogêneo. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina. (Orgs.). **Análise do discurso no Brasil: mapeando conceitos, confrontando limites**. São Carlos: Claraluz, 2007.

CAZARIN, Ercília Ana. Da polifonia de Ducrot à heterogeneidade na análise do discurso. **Formas & Linguagens**, ano 1, n. 2, 2002.

CAZARIN, Ercília Ana. Interlocução discursiva: a afirmação funcionando como negação. In: ERNEST-PEREIRA, Aracy; FUNCK, Suzana Bornél. (Orgs.). **A leitura e a escrita como práticas discursivas**. Pelotas/RS: Educat, 2001.

CORTES, Gerenice R. de Oliveira. Do lugar discursivo ao efeito-leitor: o funcionamento do discurso em blogs de divulgação científica. **Estudos da Língua(gem)**. v. 14, n. 2. Vitória da Conquista, 2016.

COSTA, Geovane Batista. **“Lampião da Esquina”, um jornal alternativo do Brasil: iluminando identidade(s) e representação(ões) do(s) homossexual(is), de 1978- 1981**. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Juiz de Fora, 236 f. 2019.

COURTINE, Jean-Jacques. **Análise do Discurso político: o discurso comunista endereçado aos cristãos**. São Carlos: EdUFSCar, 2014.

COWAN, Benjamin. Homossexualidade, ideologia e “subversão” no regime militar. In: GREEN, James N.; QUINALHA, Renan. (Orgs.). **Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade**. São Carlos: EduFSCar, 2019.

CRUZ, João Lúcio Mariano. **Qual é a tua, oh lampião? tensionamentos em um jornal editado na e pela esquina**. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal de Goiás (UFG). Goiânia, 180 f. 2019.

DELA-SILVA, Silmara. Das cartas de leitores às redes sociais: o espaço para o sujeito na revista Superinteressante. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, 42 (3): p. 1214-1228, set-dez 2013.

DELA-SILVA, Silmara. Nos comentários, a língua: o sujeito, seus discursos e seus espaços para (não) dizer na mídia. **Atas do V Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa**. 2017.

ERNST-PEREIRA, Aracy; CAZARIN, Ercília Ana; QUEVEDO, Marchiori. Para além do efeito de circularidade: interpretando as noções de pré-construído e articulação a partir de enunciados idem per idem. **Gragoatá**. Niterói, RJ, n. 34, p. 131-143, v. 1, 2013.

FEITOSA, Ricardo Augusto de Sabóia. **Linhas e entrelinhas: homossexualidades, categorias e políticas sexuais e de gênero nos discursos da imprensa gay brasileira**. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade Federal do Ceará (UFC). Fortaleza, 274 f. 2014.

FERREIRA, Carlos. Imprensa homossexual: surge o Lampião da Esquina. **Revista Alterjor**, São Paulo, SP, v. 1, ed. 1, janeiro-dezembro de 2010.

GALEANO, Eduardo. Celebração das Contradições II. In: **O livro dos abraços**. Porto Alegre: L&PM, 2015.

GREEN, James N. **Além do carnaval**: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX. 2 ed. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

GREEN, James N; QUINALHA, Renan. Introdução. In: GREEN, James N.; QUINALHA, Renan (Orgs.). **Ditadura e homossexualidades**: repressão, resistência e a busca da verdade. São Carlos: EduFSCar, 2019.

GREGOLIN, Maria do Rosário. Formação discursiva, mídia e identidades. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina. (Orgs.). **Análise do discurso no Brasil**: mapeando conceitos, confrontando limites. São Carlos: Claraluz, 2007.

GRIGOLETTO, Evandra. Do lugar social ao lugar discursivo: o imbricamento de diferentes posições-sujeito. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina. (Orgs.). **Análise do discurso no Brasil**: mapeando conceitos, confrontando limites. São Carlos: Claraluz, 2007.

GUILHAUMOU, Jacques; MALDIDIER, Denise; ROBIN, Régine. **Discurso e arquivo**: experimentações em análise do discurso. Tradução: Carolina P. Fedatto. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2016.

GUIMARÃES, Eduardo. Designação e espaços de enunciação: um encontro político no cotidiano. **Letras**, Santa Maria, RS, n. 26, p. 53-62, jun, 2003.

HEEREN, José Augusto De Castro. **O armário invertido**: comunicação e discurso sob a luz de Lampião. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Faculdade Cásper Líbero. São Paulo, 239 f. 2011.

HERBERT, Thomas. Observações para uma teoria geral das ideologias. **Rua**, Campinas, 1995[1967].

INDURSKY, Freda. **A fala dos quartéis e outras vozes**: uma análise do discurso presidencial na terceira república brasileira (1964 - 1984). Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Campinas, 1992.

INDURSKY, Freda. Formação Discursiva: ela ainda merece que lutemos por ela?. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina. (Orgs.). **Análise do discurso no Brasil**: mapeando conceitos, confrontando limites. São Carlos: Claraluz, 2007.

INDURSKY, Freda. A memória na cena do discurso. In: INDURSKY, Freda; MITTMANN, Solange; FERREIRA, Maria Cristina Leandro Ferreira. (Org.). **Memória e História na/da Análise Do Discurso**. 1 ed. Campinas: Mercado de Letras, 2011.

INDURSKY, Freda. O texto nos estudos da linguagem: especificidades e limites. In: ORLANDI, Eni P.; LAGAZZI-RODRIGUES, Suzy. (Orgs.). **Discurso e textualidade**. 1ed. Campinas: Pontes, 2006, v. , p. 33-80.

INDURSKY, Freda. **A fala dos quartéis e as outras vozes**. 2. ed. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 2013.

LAERTE. **Por quê? Porque não há homofobia. Se há, não é crime. Se há crime, não é homofobia. Por quê? Porque não há homofobia. Se há, não é crime. Se há crime, não é homofobia. Por quê?** Instagram: @lartegenial. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CYwUBKRL2dj/>. Acesso em: 15 Jan. 2022.

LAURENTI, Ruy. **Homossexualismo e a Classificação Internacional de Doenças**. Rev. Saúde Pública, v.18, n.5, São Paulo, out. 1984.

MARIANI, Bethânia. **O comunismo imaginário: práticas discursivas da imprensa sobre o PCB (1922 -1989)**. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Campinas, 1996.

MARIUSSO, Victor Hugo da Silva Gomes. **Lampião da Esquina: homossexualidade e violência no Brasil (1978-1981)**. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Uberlândia, 212 f, 2015.

MITTMANN, Solange. Heterogeneidade constitutiva, contradição histórica e sintaxe. **Desenredo**, v. 6, p. 85-101, 2010.

MOURA, Jonathan R. Da morfologia ao discurso: o caso do sufixo –ismo para denominar práticas homossexuais. **Revista de Letras da Universidade do Estado do Pará - UEPA**, 2018.

OCANHA, Rafael Freitas. **“Amor, feijão, abaixo camburão”: imprensa, violência e trottoir em São Paulo (1979-1983)**. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). São Paulo, 216 f. 2014.

OLIVEIRA, Max Emiliano Silva. **Lampião da Esquina: à margem, ainda hoje**. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MINAS). Belo Horizonte, 109 f. 2017.

ORLANDI, Eni P. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

ORLANDI, Eni P. Texto e discurso. **Organon**, v. 9, n. 23, 1995.

ORLANDI, Eni P. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. 12ª ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, F.; HAK; T. (Org.). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. 5. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2014b [1969].

PÊCHEUX, Michel. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, Eni P. (Org.). **Gestos de leitura: da história no discurso**. 4. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014c [1982].

PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. 7 ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015 [1983].

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. 5. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2014a [1975].

PÊCHEUX, Michel.; FUCHS, Catherine. **A propósito da análise automática do discurso: atualizações e perspectivas**. In: GADET, F.; HAK, T. (Org.). Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 5. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2014 [1975].

PEREIRA, Ronielyssom Cezar Souza. **“Gay-macho”, “Travesti” ou “Bicha pintosa”? - a produção discursiva sobre representações homoeróticas no jornal lampião da esquina (1978-1981)**. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Cascavel, 190 f. 2017.

PÉRET, Flávia. **Imprensa gay no Brasil**. São Paulo: Publifolha, 2012.

PICCHIAI, Daniela de Queiroz Picchiai. **Ditos sobre e ditos por: o rasgo afetivo das mulheres trans nos discursos midiáticos**. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). São Paulo, 130 f. 2019.

POSSENTI, S. **A linguagem politicamente correta e a análise do discurso**. In: Rev. Est Ling., Belo Horizonte, ano 4, v. 2, p. 125-142, jul./dez. 1995.

PRUINELLI, Andréia Maria. Formação social. In: LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina. (Org.). **Glossário de termos da AD**. 1. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020.

QUEIROZ, Antônio Carlos. **Politicamente correto e direitos humanos**. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2004. 88p.

QUINALHA, Renan. A questão LGBT no trabalho de memória e justiça após a ditadura brasileira. In: GREEN, James N.; QUINALHA, Renan (Orgs.). **Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade**. São Carlos: EduFSCar, 2019.

RAJAGOPALAN, K. **Sobre o porquê de tanto ódio contra a linguagem "politicamente correta"**. In: Lopes da Silva, F. L. e Moura, H. M. M. (Orgs.). O Direito à Fala. A Questão do Preconceito Lingüístico. Florianópolis: Ed. Insular, 2000.

RODRIGUES, Jorge Caê. A imprensa gay do Brasil. In: GREEN, James N.; CAETANO, Marcio; FERNANDES, Marisa. (Orgs.) **História do Movimento LGBT no Brasil**. São Paulo: Alameda, 2018.

RODRIGUES, Rita de Cássia Colaço. **De Daniele a Chrysóstomo: quando travestis, bonecas e homossexuais entram em cena**. Tese (Doutorado em História Social) - Universidade Federal Fluminense (UFF). Niterói, 373 f. 2012.

ROSA, Rodrigo Braga do Couto Rosa. **Enunciações afetadas: relações possíveis entre homofobia e esporte**. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade de Campinas (Unicamp). Campinas, 215 f. 2010.

SANTOS, Iago Moura Melo. **Vestígios do Silêncio**. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Ilhéus, 31 f. 2019.

SANTOS, Rogério Reis dos Santos. **“Uma bicha atrevida pede a palavra”**: o Lampião da Esquina e a resistência de homossexuais durante a ditadura civil militar brasileira. Dissertação (Mestrado em Direitos Humanos e Cidadania) - Universidade de Brasília (UnB). Brasília, 127 f. 2017.

SILVA, Daniel Henrique de Oliveira. **Lampião da Esquina: lutas feministas nas páginas do “jornal gay”, luzes em tempos sombrios (Brasil, 1978-1981)**. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Uberlândia, 155 f. 2016.

SILVA, Fábio Ronaldo. **As porosidades do tempo: velhos e velhices nas publicações homoeróticas brasileiras (1978 – 2013)**. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Recife, 230 f. 2017.

SILVA, João Paulo Ferreira da. **Desejos comodificados: dos classificados aos perfis nos aplicativos na busca por parceiros do mesmo sexo**. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR). São Carlos, 179 f. 2017.

SIMÕES JUNIOR, Almerindo Cardoso. **‘...E havia um lampião na esquina’ - memórias, identidades e discursos homossexuais no Brasil do fim da ditadura (1978-1980)**. Dissertação (Mestrado em Memória Social) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Rio de Janeiro, 134 f. 2006.

SOARES, Alexandre S. Ferrari. **A homossexualidade e a AIDS no imaginário de Revistas Semanais (1985-1990)**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2019.

SOARES, Alexandre S. Ferrari. Cartas: a teatralização do eu. **Revista Trama**. v. 2, n. 3. 2006.

SOUTO MAIOR JÚNIOR, Paulo Roberto. **Assumir-se ou não assumir-se? O Lampião da Esquina e as homossexualidades no Brasil (1978-1981)**. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Recife, 189 f. 2015.

SOUZA, Pedro de. **Confidências da carne: o público e o privado na enunciação da sexualidade**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.

TANGANELLI, Larissa de Rezende. **Há perigo na esquina: discursos dissidentes no jornal Lampião (1978-1981)**. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade de Campinas (Unicamp). Campinas, 424 f. 2019.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**. 4 ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

VITIELLO, Gabriel Natal Botelho. **A Aids em cena: os primeiros protagonistas da maior epidemia no final do século XX**. Dissertação (Mestrado em História das Ciências) - FIOCRUZ. Rio de Janeiro, 108 f. 2009.

APÊNDICES

Apêndice A - Catálogo de cartas publicadas no primeiro ano

EDIÇÃO	CARTAS NA MESA	FUNÇÃO	PALAVRAS-CHAVE
n. zero - abril/1978	Nos becos escuros	Denúncia	Violência policial.
	Pintou o bode	Pertencimento	Desabafo. Relato pessoal. Suicídio.
	Homens nus	Aliança	Elogio. Apoio ao jornal.
	Os bigodes de Rivelino	Tensionamento	Homossexualismo. Futebol. Identidade.
	Esperando o número zero	Aliança	Elogio. Apoio ao jornal.
	Apelo ao jovem gay	Tensionamento	Identidade, Homofilia, Sentido.
	Pelo turismo interno	Pertencimento	Turismo. Roteiro de viagem.
Ano 1 - n. 1 - mai-jun/1978	Um abraço do "Gente gay"	Aliança	Elogio. Apoio. Contentação com o jornal.
	Um pedido de emprego	Pertencimento	Pedido. Emprego.
	Por causa do Revelino	Tensionamento	Comentário. Identidade. Resposta.
	Assumir o quê?	Tensionamento	Resposta. Assumi-se. Identidade.
	Passa fora, machão	Tensionamento	Pedido. Cancelamento assinatura.
	Lendo o número zero	Aliança	Diálogo. Elogio. Apoio.
	"Anônimo" se revela	Pertencimento	Sugestão. Identidade.
	Edições mundo livre	Aliança	Elogio. Apoio.
Ano 1 - n. 2 - jun-jul/1978	Abrindo as sete chaves	Tensionamento	Opinião. Comunidade. Identidade.
	Pauladas na bichórdia	Tensionamento	Recomendações. Identidades. Opinião.
	Assinantes se entendem	Aliança	Elogio. Preocupação.
	Nós: "heróis" e "arautos"	Aliança	Diálogo. Inclusão. Homenagem.
	Cartas de "Marias Bonitas"	Pertencimento	Sugestões. Conteúdo.
	Mais penas de pavão	Pertencimento	Diálogo. Sugestões. Conteúdo.
	Como sair das esquinas	Tensionamento	Comentário. Prostituição. Travesti.
	Ecos do número zero	Aliança	Diálogo. Elogio. Opinião.
Ano 1 - n. 3 - jul-ago/1978	Porto Alegre retifica	Pertencimento	Roteiro sexual. Turismo. Revisão.
	Lampião é desnudado	Pertencimento	Sugestões. Comentários.
	Rumo à Baixada Fluminense	Pertencimento	Pedido. Torcida. Elogio
	De frentes e querelas	Pertencimento	Pedido. União. Reconhecimento.

	Cartas que vieram de longe	Aliança	Recebimento do jornal. Alegria. Elogio.
	Rodando a baiana	Pertencimento	Comentário. Socialismo.
	Alegria, alegria	Pertencimento	Comentário. Futebol.
Ano 1 - n. 4 - ago-set/1978	Qual é a tua, oh lampião?	Tensionamento	Críticas. Matérias.
	Mais climas e alegrias	Pertencimento	Diálogo. Comentário. Apoio.
	Poetas e impacientes	Pertencimento	Pedido. Poesia. Poetas.
	Perfume de gardências	Pertencimento	Contribuição. Opinião sobre o jornal.
	Quem está com a bandeira?	Tensionamento	Resenha. Opinião. Identidade.
	Ainda o auê das palavras	Tensionamento	Identidade. Sentido. Palavras.
	Psicologia do folclore	Aliança	Diálogo. Elogio.
	Um engano lamentável	Tensionamento	Diálogo. Chrysóstemo.
	Notícias do faroeste	Denúncia	Homossexualidade. São Leopoldo. Caxias do Sul
	O povão, onde está o povão?	Tensionamento	Opinião. Crítica.
	Sobre jornais caça-níqueis	Pertencimento	Diálogo. Sugestão. Temas.
Ano 1 - n. 5 - out/1978	Em defesa de Emilinha	Tensionamento	Reclamação. Emilinha.
	O rapaz ocupado	Pertencimento	Diálogo. Pedido.
	Um barato musical	Pertencimento	Contribuição. Sugestão.
	A força está conosco	Aliança	Elogio. Agradecimento.
	Histórias de amor	Aliança	Elogio. Agradecimento.
	Pedido de desculpas	Aliança	Diálogo. Desculpas. Chrysóstomo.
	Seu tipo inesquecível	Aliança	Pedido. Expansão do jornal.
	Notícias do Maranhão	Denúncia	Homossexualidade. São Luís do Maranhão.
Ano 1 - n. 6 - nov/1978	A volta do rapaz ocupado	Diálogo	Relato. Grupo militante.
	"Apóstolos" de quê?	Aliança	Elogio. Agradecimento.
	Conselhos e sugestões	Pertencimento	Pedido. Matérias e entrevistas.
	Abraços da Paraíba	Aliança	Elogio. Agradecimento. Identidade.
	Flying down to Corumbá	Pertencimento	Pedido. Preocupação.
	Notícias do subterrâneo	Diálogo	Diálogo. Aguinaldo Silva
	Danadinho de Aracaju	Aliança	Elogio. Agradecimento.
	Fortíssimo babado	Aliança	Elogio. Agradecimento. Assumir-se.
Ano 1 - n. 7 - dez/1978	Uma questão de linguagem	Pertencimento	Pedido. Estudante. Pesquisa em

			Letras.
	Outro baiano da Família "Dorô"	Pertencimento	Esclarecimento. Sugestão.
	Paulista, 23 anos, coisa e tal	Pertencimento	Contribuição. Classificados.
	Para falar em Geraldo Vandré	Aliança	Elogio. Agradecimento. Sugestões.
	Debaixo dos lençóis	Pertencimento	Diálogo. Sugestões de entrevista.
	Chapeuzinho vermelho	Pertencimento	Comentário. Crimes sexuais.
	O que se lê em Minas Gerais	Pertencimento	Divulgação própria.
Ano 1 - n. 8 - jan/1979	Londres, Rio, Porto Alegre	Aliança	Elogio. Agradecimento.
	Mais gente comum	Aliança	Elogio. Agradecimento. Sugestões.
	Em defesa dos bofes	Tensionamento	Comentário. Reclamação. Identidade.
	Punição para o vigaristinha	Denúncia	Relato. Polícia.
	"A toda la estudantina..."	Aliança	Elogio. Agradecimento.
	Apoio de jornalista	Aliança	Elogio. Apoio.
Ano 1 - n. 9 - fev/1979	De minoria em minoria	Aliança	Elogio. Agradecimento. Comunidade.
	Dar a palavra à gente comum	Pertencimento	Pedido. Entrevista. Ensaio.
	Pernambuco, imortal	Tensionamento	Política. Pertencimento.
	Peteca pra lá, peteca pra cá	Pertencimento	Preocupação. Inquérito.
	Mães contra o preconceito	Pertencimento	Relato materno. Filho homossexual.
	Na umbanda, um tema para estudo	Aliança	Elogio. Felicitações ao jornal.
	Duas Anas da mesma Paulicéia	Aliança	Elogios. Felicitações. Sugestões
Ano 1 - n. 10 - mar/1979	Fabíolo Dorô ataca outra vez	Tensionamento	Diálogo. Apontamentos. Elogios.
	Delícias da Zona Franca	Aliança	Elogio. Agradecimento. Sugestões.
	Um concurso de beleza?	Aliança	Elogio. Sugestão. Concurso de beleza.
	O sol queima e faz bem	Pertencimento	Preocupação. Solidariedade.
	A tragédia é contestada	Tensionamento	Contestação. Identidade. Gay-macho.
Ano 1 - n. 11 - abr/1979	A voz da mulher	Tensionamento	Crítica. Homossexualismo feminino.
	Balé na praça	Denúncia	Elogios. Sugestões.
	Classificado grátis	Pertencimento	Diálogo. Cartas. Classificados.
	Garis em luta - I	Pertencimento	Crítica. Governo.
	Garis em luta - II	Pertencimento	Pedido. Elogio.

	Viva o verão carioca	Aliança	Elogio. Agradecimento.
	Contra a força bruta	Pertencimento	Diálogo. Indignação. Repressão.
	Londres fervilhando	Pertencimento	Diálogo. Manifestações. Europa.
Ano 1 - n. 12 - mai/1979	Ainda o "Repórter"	Tensionamento	Crítica. Leila Miccolis
	Abraços da Colômbia	Aliança	Elogio. Agradecimento.
	Samseksemulara!	Pertencimento	Pedido. Esperanto.
	Volta o gay-macho	Tensionamento	Diálogo. Tragédia contestada. Gay-macho.
	Enfim, o roteiro	Pertencimento	Sugestão. Roteiro de pegação. Lésbicas.
	Ana de São Paulo	Aliança	Elogio. Gente comum. Sugestão.
	Papo com Betha	Pertencimento	Pedido. Elogio. Roteiro. Lésbica.
	Letra minúscula	Aliança	Elogio. Sugestões.

ANEXOS

Anexo 1 - Cartas selecionadas

Carta 1. Apelo ao jovem gay

Não sei se já estás a par, meu irmão homossexual brasileiro, do que significa mesmo esta palavra com a qual já deves estar familiarizado de tanto ouvi-la. “Gay” significa alegre, descontraído, etc... A “gay” os norte-americanos, opõe “straight”, que significa certo, correto, honesto. Não aprecio a palavra guei aplicada às pessoas homossexuais simplesmente porque não podemos defini-las como alegres por natureza e essência. Não raro os homossexuais têm motivos de sobra, numa sociedade homófoba como a nossa, para estarem tristes, mas como muitos adotam habitualmente um comportamento artificial em consequência de discriminações mais ou menos veladas a que estão sujeitos, a palavrinha grudou mesmo. Também não vou com “straight” porque ser heterossexual não significa, como todos sabem, ser necessariamente honesto, moralmente sadio ou qualquer outra coisa assim. E ainda por que tudo isto visto de perto não passa de gíria americana e não sei até que ponto vamos admitir, se vamos, a americanização de nossa homofilia, que a meu ver deveria ser bem verde amarela mesmo. Espero não ter te confundido com a palavra homofilia que talvez não te seja tão familiar quanto guei e outras ainda. Emprego-a no sentido de definição do movimento de libertação homossexual como tal, e não no sentido de definição da homossexualidade como expressão da personalidade total do indivíduo [...]. Este é um papo interessante porque temos que nos entender um tanto sobre o sentido das palavras que empregamos, principalmente quando estas não são novidades ainda. [...] O que faremos para nos integrarmos ao movimento homofílico mundial? Vamos refletir juntos, tu e eu, eu e tu. Pensemos então: o que faz o jovem homossexual brasileiro hoje quando se depara com sua singular condição e com a atitude dos demais para com pessoas como ele? Normalmente toma muitas atitudes que a longo ou médio prazo vem a prejudicá-lo, causando-lhe desequilíbrios emocionais, ciclotimias, complexos de inferioridade (existe uma moral para homossexuais, sabias?), a prostituição, a promiscuidade e a destruição de seus dons pessoais que em religião chamamos carismas. Perguntas o que são carismas. Carismas, entendo defini-los teologicamente muito bem, respondendo-te que são qualidades, capacidades naturais ou até sobrenaturais que Deus dá a um determinado indivíduo ou comunidade para que execute determinada tarefa que se faz necessária e urgente num dado momento da vida ou da História. [...] Mas como pode ser que sejas ainda uma ovelha desgarrada vou responder-te que sua atitude terá que ser antes de tudo e indiscutivelmente a de alguém que se ama a si mesmo, é claro que não muito narcisisticamente, para que ao menos possamos defini-lo como pessoa psicologicamente equilibrada. Pois quem não se ama a ponto de se prostituir, por exemplo, seja um homem ou uma mulher, está desequilibrado e precisa de psicanálise e ajuda moral para recuperar sua identidade pessoal. Quem se ama a si mesmo recusa-se a se autodestruir moral ou fisicamente, recusa-se a ceder a pressões sociais discriminatórias, reage e vence na medida do possível. O que esperamos com este jornal é tornar esta “medida do possível” bem mais ampla para muitos, querido amigo!

Carta 2. Assumir o quê?

Dizem que temos que “assumir”. Um dos pontos chave do movimento guei dos Estados Unidos foi de que “homossexuais” deveriam sair dos ‘closets’ – deveriam “assumir” a sua “condição”. Agora no Brasil fala-se muito em assumir. Cada um tem que assumir o que ‘realmente é’, assim se ‘libertando’, e assim por diante. Mas que quer dizer isso tudo? Quer dizer que pessoas que por uma razão ou outra gostam de ter relações sexuais com pessoas do mesmo sexo têm que assumir a ‘condição’ de ‘guei’, “lésbica”, “homossexual”, “veado”, ‘bicha’, ‘entendido’ ou coisa que o valha. Tudo bem. Será? Creio que está tudo muito mal, e que ‘assumir’, longe de ser uma libertação do indivíduo, constitui-se no mais sutil endossar dos interesses da sociedade patriarcal, pois, o ‘assumir’ acaba reforçando a idéia de que pessoas que transam com pessoas do mesmo sexo são realmente diferentes, assim garantindo o comportamento ‘normal’ dos outros. Por um mecanismo demais sutil o ‘assumir’ acaba corroborando esta idéia de diferença e santificando-a nos templos das boates e nos testamentos de jornais como este. Está na hora de assumir outra coisa. Assumir o direito de transar com quem quiser sem ter que assumir a luta por um lugar no gueto, sem ter que assumir a condição de ‘entendido’, etc, etc... Pessoas são pessoas, e chega.

Carta 3. Pauladas na bichórdia

Lampião veio na hora certa. Estávamos afundando em matéria de jornalismo homossexual e isto seria, claro, uma insuficiência na nossa capacidade de lutar por algo bom em prol de nossa afirmação. Tínhamos o Mundo Gay, que acabou se perdendo em sua própria fragilidade. O Entender também se crucificou entre tantos “roteiros” e mau caratismo (os travestis invadiram todas as páginas e “sujaram” a barra). O boletim Eros animou um pouco pela diferença sobre os demais. [...] Lampião correspondeu em cheio (pelo menos isto ficou provado neste número de distribuição gratuita) às necessidades intelectuais deste grupo que a bichórdia chama de mariconas, ou seja, de nós homossexuais que somos homens normais e nos relacionamos como seres humanos, sem necessidade de pompas, visuais congestionados de artefatos de consumo e tiques ridículos (tão característicos à nocividade que é representada pela bicha de classe média, incapaz de impor como gente, como pessoa). Espero que os números seguintes encham nossos olhos e corações de coisas boas, de realidade. Gente, vocês têm espaço e credibilidade suficientes para oferecer aos cariocas, paulistas e a todos os brasileiros, textos e reportagens que sigam a nossa realidade, que ajudem a desmascarar o machismo impregnado em todas as coisas desta sociedade sexista. Mas, por favor, não se deixem envolver pelo emaranhado de teias e pelo brilho de paetês e miçangas das bichas inoperantes que estão (involuntariamente, claro) a serviço da Sociedade de Proteção ao Machismo, que também manipula o travesti, esboço bizarro da escrava doméstica e do objeto sexual que ainda é a mulher.

Carta 4. De frentes e querelas

Gente, sou eu de novo. Só para dizer umas duas ou três coisas ao leitor José Alcides Ferreira, presente às cartas do n.º 2. [...] você cai de porrada nas bichas com uma fúria de fazer vibrar o líder da TFP! Pense um pouco. Será que essas pessoas (sim, são gente também) não estão com todos os seus “artefatos de consumo e tiques ridículos”, tentando vingar as múltiplas agressões com que a sociedade lhes salga a vida? Não estarão pondo para fora em trajas e gestos tudo o que são obrigados a esconder no dia a dia? Você pode dizer que é uma vingança frustrada, um desabafo inútil. Vá lá. Só que nem todos chegaram a esse nível de consciência. Somos, no geral, um povo atolado até o pescoço no manguê do subdesenvolvimento cultural (e outros). Não é realista exigir do homossexual brasileiro (que é povo e, portanto, amostra cultural, nem mais nem menos) um nível de conscientização como o do americano ou europeu (que nem é tanto assim – também lá há a “bichórdia”). Não é sério querer que todos os entendidos sejam Winston Leyland. Finalmente, José, não acha você que seria melhor nos compreendermos e aceitarmos uns aos outros, cada um como é, e unidos partir na luta pelo futuro a que temos direito, em vez de estarmos a nos desancar mutuamente no Lampião? Sonho com uma imprensa guey que nos traga a força pela união, e não a fragilidade pela cizânia, é tempo de Frentes, José, não de querelas.

Carta 5. Quem está com a bandeira?

Alô, pessoal: acabei de ler o n.º 3 do Lampião da Esquina e resolvi, por fim, escrever para vocês (digo por fim porque tenho acompanhado o jornal desde o n.º 1 não consegui o n.º zero); dissecando-o linha por linha e a vontade de escrever vem desde o começo. E essa vontade é pelo fato de querer dizer que achei incrível a iniciativa do jornal, achei de uma força total, nesse momento em que o que pintou por aí, embora tendo o valor do pioneiro (nesse sentido: jornal guei), mostra uma força de ver e absorver as coisas com a qual não concordo – por exemplo: querer resolver o problema da marginalização do guei criando um cinema-guei, um lápis-guei, barbeador-guei, etc. - guei, ou seja, marginalizando, não é? Então acho que esses jornais abriram realmente uma brecha, que foi muito oportunamente (não oportunisticamente) preenchida por vocês. O primeiro ponto que me diferenciou este dos outros, em termos inclusive do meu interesse por ele, foi o fato de não ser um jornal-guei para gueis e sim para pessoas, sejam o que forem; é onde eu já sinto a não-marginalização partindo de dentro, a atitude firme e certa de quem está dando o recado, vocês, no caso. E sendo assim, é um jornal que pega no pé dos “radicais” de cá e de lá, da esquerda-moralista, que é aberta até certo ponto (é) e das bichas cuja profissão é ser bicha, cujo sonho de vida é ser bicha, para quem não existe nada além disso (não sei se fui claro). E evidentemente, atinge toda a gama de variação de pessoas que existe aí, de pólo a pólo, porque levanta os problemas mostrando sua intrínseca relação com tudo, ou seja, com o que há de comum na vida de qualquer pessoa. Quando penso nos grupos marginalizados, de uma forma geral, sempre acho que o fato de um indivíduo ou grupo sofrer esta pressão, esta marginalização pela sociedade, pelo sistema, é um fator importante no sentido de que ele (eles) vai ter mais condições (do que uma pessoa que não sofra isto) de perceber outras contradições da sociedade; e que, no fundo, são a mesma coisa, têm a mesma raiz. Mas me parece que existem certos grupos, dentro da classe guei, onde isso não ocorre. Vejamos: pra início de conversa, essa tal “classe” é totalmente dividida, existindo aí diversas “categorias”, tais como “entendidos”, “viados”, “bichas”, “homossexuais” e outras menos cotadas. Está claro que essas categorias não existem como coisas fixas, mas são estereótipos criados por preconceitos de pessoas de dentro da “classe”. Os “entendidos” (aí falo de pessoas

que se denominam assim) são via de regra pessoas pertencentes à classe média (embebida dos preconceitos burgueses), e que se recusam a ser chamados de bicha – “bicha é diferente”. Existem mesmo alguns que chegam ao cúmulo de se achar (se portam como tal) seres especiais, talvez relacionados com forças transcendentais-extra-terrenas! (...) Por outro lado, há uma outra categoria de gueis, aqueles que irritam e nojam os entendidos: as bichas, aquelas mesmas que há não sei quantos anos atrás já perambulavam pela São João e Ipiranga. [...] Eu quero aqui lembrar que essas aí foram as pioneiras, as cuspidas e repudiadas, que impuseram, dada sua ousadia, a existência do homossexualismo à sociedade. Quer dizer, as pessoas são obrigadas a ver que existe, não é fantasia. Isso beneficiou inclusive os “entendidos”, que tanto repudiam essas bichas. Então, quem é que está sendo revolucionário nisso tudo? Quem é que está contribuindo para a modificação do atual estado de coisas?

Carta 6. Ainda o auê das palavras

Fui um dos que, após a edição n.º 2 de Lampião da Esquina, escreveram a vocês com o intuito de chamar a atenção para o crescente uso, em seu já conceituado mensário, de termos comumente empregados pejorativa e discricionariamente por pessoas preconceituosas em relação ao homossexualismo. Quanto ao termo guei, achei inteligente a idéia, mas quanto aos outros (bicha, boneca, etc.), continuo achando inoportuno e inconveniente o uso dos mesmos pelo jornal. Mais explicitamente, a palavra, isto é, o significante, traz consigo algo bem mais amplo que é o seu significado, isto é, o conceito pela maioria das pessoas, no caso em foco. A meu ver, usar os mesmo termos que a sociedade machista usa para marginalizar a classe homossexual contribui para que os mesmos permaneçam arraigados na mente de nosso povo. Acho que quando algo se encontra já consagrado pelo uso, ainda mais de maneira deletéria, como no caso em foco, devemos usar a nossa imaginação e capacidade criadora para substituí-lo por algo novo. Falando em termos de língua, a única maneira de se fazer com que o uso de um determinado termo tenda a desaparecer, é criando-se e difundindo-se um novo termo, tendo-se cuidado para que o mesmo não receba a conotação do primeiro. Entenderam o que eu quero dizer? Não adianta vocês usarem determinadas palavras com um propósito, se aqueles que as recebem, os leitores em sua maioria, já estão habituados a vê-las de uma outra forma. Acho que isso só poderá fortalecer esteriótipos e nunca liberar realmente as pessoas oprimidas por sua condição de homossexual. Não devemos aceitar o anátema que a sociedade nos lança, como coisa irrelevante, pois é da luta contra o mesmo que poderemos abrir espaço para uma luta mais ampla que é a afirmação da livre expressão de nossa bissexualidade na sociedade.

Carta 7. Abraços da Paraíba

Caríssimos redatores. Esse passo foi muito importante para que as pessoas se conscientizassem de que o homossexualismo é uma coisa normal, normalíssima, e deve ter seu lugar dentro da sociedade, porque os homossexuais são seres humanos, exageradamente humanos, e têm de ser tratados como tal. Vamos em frente, derrubando barreiras, que só existem na mente de pessoas desatualizadas e pobres culturalmente. Num país que avança a passos largos, decididamente, precisamos desencucar as pessoas que nada têm a ver com nada em termos de Brasil grande e que estão ligadas a certos preconceitos individuais por causa, na maioria das vezes, de um interior pobre, cheio de podridão, e que se revoltam jogando sobre nós suas frustrações. Um abraço, mas um abraço bem forte da Paraíba.

Carta 8. De minoria em minoria...

Queridos amigos: é com prazer que escrevo esta carta, espero que vocês não reparem. A partir do n.º 7 passei a comprar e ler o nosso Lampião. Pensei que seria uma barra pesada para comprar, ler e guardar o nosso jornal. Eu não encontrei esses problemas, não faço como muitos, que compram o jornal, lêem, rasgam e jogam fora, ou então lêem o jornal em casa de amigos. Quando compro o jornal, não vejo a hora de ler tudo, é no ônibus, na escola (nos intervalos), fila de elevador, enfim, em todos os lugares, mas é em casa que leio sossegado e reflito em tudo. Era o que nós homossexuais precisávamos para nos unirmos, não para mostrar um novo tipo de rebolado, mas para mostrar que somos gente, que muitos de nós trabalhamos, estudamos, enfim, levamos uma vida igual a de todo mundo. Só espero que vocês continuem com o nosso jornal, isto é, sério, bacana, o nosso amigo para todas as horas. No que depender de mim, vocês podem contar. Vocês são os irmãos gueis que sempre quis ter mas não tenho. Um abraço pra todos, e até o próximo número.

Friends of my heart! Lampião pintou aqui na esquina da minha vida e me deixou tão vidrado que eu não pude deixar de escrever algumas linhas pra dizer a vocês que é realmente grande e maravilhoso o trabalho

que vêm realizando (tenho certeza que vocês estão cansados de saber disso, mas eu precisava dizer). Existe algo mais nobre, mais humano e mais cristão (e mais raro) que a luta, de peito aberto, em favor de classes oprimidas? Homossexuais, índios, negros, prostitutas e amantes da mãe natureza! Exultemos todos nós os minoritários, pois temos agora força para gritar alto, através do trabalho heróico de um de fibra, através da nossa voz maior: “Lampião da Esquina”. P.S.: Billions of thanks.

Carta 9. A tragédia é contestada

A propósito do último número do Lampião, discordo do título do ensaio “Gay-macho, uma tragédia americana”. Não vejo nenhuma tragédia no fato de um cara ser guei e cultivar uma imagem masculina, embora, como vocês mesmos disseram, na cama faça o que lhe der na cabeça e portanto não seja um reprimido sexual. É uma questão de opinião, mas pra mim muito mais doentio e chocante é o cara dar uma de bicha louca, que é sempre uma figura que serve de palhaço para os ditos “normais”, e que por vezes na cama são cheios de bloqueios. Não vejo por que o cara, pra gostar de homem, tem que dar uma de boneca, cheio de ai, ai, e chamando todo mundo de queridinha... Ser uma caricatura grotesca de mulher, uma maricona, isso sim é que é tragédia! Espero que vocês não fiquem putos comigo, mas esta é a minha opinião sincera a respeito do assunto. Uma boa reportagem sobre os índios e o ensaio “Bacanal do Esbanjamento”. Bola pra frente, pessoal. Um Abração.

Carta 10. Volta o gay-macho

Querido jornal Lampião: estou de acordo com Mauro Luis, do Rio, na reportagem “A tragédia é contestada” (vide Lampião n°s 8 e 9). Sou americano, brasileiro de sangue. Gato que nasce no forno não é biscoito, é gato! Mas vou defender a tragédia americana no mundo gay-macho. Nós estamos todos curtindo uma boa. Não existe nada disco nem travolta nos discos. Aliás, ele já era! O gay-macho é simples como um qualquer que veste um jeans para ir à boate. Aliás, aqui ninguém curte roupas e paetês! Carros ou posições sociais ridículas que se impõe em conversas de boate para impressionar o bofe. Aqui é tudo muito simples. Até as bichas loucas já não são tão loucas, chocantes e ridículas. Agora, as bichas loucas, elas já não encontram aqui nos EUA público para fazer show-off ou admirá-las. E nem por isso elas deixaram as lantejoulas em casa. Mas viram o que é ridículo ser exibicionista, seja guei ou straight. Portanto, todos estão curtindo com a consciência de ser autêntico ou autêntica, com lantejoulas ou sem lantejoulas, mas tudo com muita CLASSE. A verdadeira tradução da palavra gay é alegria, alegre. Portanto, um conselho às bichas loucas: seja alegre, seja sempre você, seja guei!

Acho que se existiu alguma vez uma oportunidade de a gente se valorizar e mostrar realmente quem somos, agora chegou este momento. E é momento, que todos aqueles que entendem devem lutar. Não se trata de uma luta como o Mauro descreveu, mas sim, de gente que possa ser respeitado no meio em que vive, trabalha e estuda. Ninguém poderá confiar em nossa capacidade se ficarmos dando uma de bonecas e bancando as loucas na rua. O que eu acho é que precisamos estudar mais, nos tornarmos necessário na sociedade e assim respeitados. Gostaria de esclarecer que não concordo absolutamente que os homossexuais tenham que imitar os homens e muito menos as mulheres. Concordo sim, que todos tenham uma imagem própria, inteligente e discreta. Só assim seremos amados pelos outros. Caso contrário, seremos eternamente ridicularizados e marginalizados por todos. Um beijo para vocês, e continuem sempre assim.